

A IRMANDADE HIRAMIC

PROFECIA DO TEMPLO DE EZEQUIEL



WILLIAM
HANNA

William Hanna
TEKTIME S.R.L.S. UNIPERSONALE
Elisabete Tavares
A Irmandade Hiramic: Profecia
Do Templo De Ezequiel

Аннотация

Num contexto de ódio e violência, A Irmandade Hiramic: a Profecia do Templo de Ezequiel aprofunda a questão da limpeza étnica de palestinianos de Israel e aborda os crimes racistas contra a humanidade no Médio Oriente.

Содержание

Prólogo	5
1	6
2	35
3	51
4	81
5	87
6	111
7	148
8	155
9	171
Конец ознакомительного фрагмента.	180

A Irmandade Hiramica

Profecia do Templo de Ezequiel

William Hanna

Título original:

Hiramica Brotherhood

Ezekiel's Temple Prophecy

Traduzido por: Elisabete Tavares

Editor:Tektime

Justyna

Uma amiga muito especial

Prólogo

"Quando arrancar a língua de um homem, não estará a revelar um mentiroso, só está a dizer ao mundo que teme o que ele poderia dizer".

George R.R. Martin, A Fúria dos Reis

1

Terça-feira, 1 de dezembro

Little Venice, Londres, Inglaterra

Jornalista e realizador de documentários, Conrad Banner era um madrugador habitual que, desde que Freya Nielson se havia mudado para casa dele, sempre tirava um bocadinho antes de sair da cama para pensar o quão sortudo ele era ao maravilhar-se com a serenidade do seu rosto angelical — uma serenidade que sem dúvida iria dissipar-se quando ela acordasse para enfrentar o desafio e às vezes desagradáveis realidades de ser uma fotojornalista freelance captando "a desumanidade do homem." Conrad saiu da cama em silêncio para não acordar, vestiu delicadamente o seu robe e foi lá abaixo onde na cozinha ele ligou a máquina de café para a sua primeira dose de caféina do dia. Minutos depois ele estava sentado à mesa com o computador à sua frente verificando a sua caixa de entrada de emails. No meio de algumas 15 notificações, havia umas quantas de Adam Peltz e Sami Hadawi de Jerusalém. Peltz era um judeu envolvido com uma organização israelita de arqueólogos e ativistas que estavam preocupados com o uso da arqueologia por parte de Israel para facilitar os objetivos políticos através de várias organizações, das quais a mais proeminente era a Autoridade de Antiguidades de Israel (IAA). Sami era um cristão palestiano que embora sem licença, era, no entanto, um guia

turístico muito bom com um sorriso malandro, mas espontâneo, cativante e corajosamente irreprimível, apesar das dificuldades humilhantes e perigosas da sua vida sob um regime opressivo. Mas de primordial importância para Conrad foi um email do seu pai, Mark, em Beirute, a quem havia pedido conselhos gerais e ideias para um título para o documentário que Conrad estava a planear fazer sobre Jerusalém e o conflito atual Haram al-Sharif/Monte do Templo.

Querido Conrad,

Como sempre é bom saber que estão ambos bem. A Freya é uma jovem adorável e muito especial, merecedora de tudo o que tens para dar e muito mais. É igualmente bom saber que desde o teu regresso de Jerusalém resolveste fazer um documentário sobre a tragédia da Palestina e lisonjeia-me o fato de me teres pedido conselhos e sugestões para um título. Conforme solicitado, pensei um pouco e tendo em conta o fato que o conceito de uma "Terra Prometida" é um princípio central do sionismo, sinónimo de um anseio judaico para a construção de um "Terceiro Templo" no Monte do Templo — eu vou reunir todas as informações que tenho sobre a Irmandade de Hiramite do Terceiro Templo e enviá-las mais tarde esta semana — eu não consigo pensar em nada mais apropriado do que um título com uma conotação bíblica como

A Terra Prometida e a Profecia do Templo de Ezequiel.

"Vou trazê-los das Nações e reuni-los dos países, e trazê-los para a sua terra. Eu vou mostrar as montanhas de Israel, as

ravinas e todos os pedaços de terra."

Ezequiel 34:13 (escrito entre 593-571 A.C.)

Como ateu que sou, nunca dei muito crédito à Bíblia com os seus profetas que geralmente são apresentados como tendo recebido revelações do próprio Deus que eles posteriormente colocaram em escrito para a posteridade. Tais passagens proféticas que supostamente anteciparam ou previram o que estava por vir, foram intercaladas na Bíblia com as mais frequentemente citadas de Ezequiel, Daniel, Mateus 24-25 e do Livro das Revelações.

Enquanto algumas profecias bíblicas eram dependentes de quaisquer das condições implicitamente assumidas ou explicitamente expressas, outras eram descritas de diferentes maneiras como sendo instruções diretas de Deus, ou eram vistas como percepções privilegiadas ainda que deliberadamente importantes dos seus alegados autores que foram creditados com poderes proféticos inexplicáveis.

Os crentes nas profecias bíblicas envolvem-se em exegese, a explicação crítica ou interpretação de um texto, e hermenêutica, a teoria da interpretação do texto das escrituras que eles acreditam que contêm as descrições da política global, dos desastres naturais, a emergência de Israel como uma nação, a vinda de um Messias, um reino messiânico e o Apocalipse.

Assim enquanto trabalhas no teu documentário, e com isso em mente, terás que demonstrar claramente a desvantagem da profecia bíblica que é muitas vezes mal interpretada e

explorada por religiões fraudulentas e ideologias questionáveis como justificação para ações e políticas que se imparcialmente examinadas por um Tribunal Penal Internacional ou um tribunal seriam julgadas como estando em violação das Convenções de Genebra — compostas por quatro tratados e três protocolos adicionais — e equivalente a crimes contra a humanidade.

Um dos abusos fraudulentos mais bem sucedidos de sempre das profecias bíblicas foi e ainda é atualmente perpetrado pela muito apregoada "única democracia no Médio Oriente" que, como um estado de apartheid sionista judaico, cita narrativas bíblicas para justificar tanto a sua arrogante e impune desconsideração por cada um dos 30 artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e a limpeza étnica do povo palestiniano, que, aliás, é definida como um crime contra a humanidade ao abrigo dos estatutos de ambos o Tribunal Penal Internacional (TPI) e o Tribunal Penal Internacional para a ex-Jugoslávia (TPIJ).

A limpeza étnica de Israel envolveu a remoção forçada sistemática dos cristãos nativos e muçulmanos palestinianos da Palestina com uma esmagadora força militar, a fim de torná-lo etnicamente homogénea. Tal limpeza incluiu a remoção de provas físicas e culturais na Palestina através da destruição de casas, centros sociais, quintas e infraestruturas; e a profanação de monumentos palestinianos, cemitérios e lugares de culto.

O teu documentário deve argumentar que as narrativas bíblicas inventadas por si só são insuficientes para justificar

a colonização brutal e a limpeza étnica de um território supostamente prometido aos judeus pelo próprio Deus. Também deve demonstrar que a perpetração de crimes contra a humanidade na Palestina está a receber ajuda de grupos de lóbi judaicos muito bem organizados e com muitos recursos financeiros; de uma campanha nos meios de comunicação social que retrata os imperdoáveis e brutais colonizadores judaicos como vítimas; de uma demonização desmedida da população indígena; e da cruel repressão da liberdade de expressão através da exploração de "antissemitismo" e o "Holocausto" para silenciar e criminalizar críticas de Israel em todo o mundo.

A extensão da nazificação do sionismo das nossas liberdades foi recentemente ilustrada com o interrogatório pela polícia britânica de antiterrorismo de um aluno que usava um crachá "Palestina Livre" e pulseiras na escola. Em vez de incentivar os alunos a conhecer e apoiar os direitos humanos, os professores denunciaram o rapaz à polícia pelo que só pode ser descrito como o seu compromisso pela Declaração Universal dos Direitos Humanos que começa por afirmar categoricamente que "todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem interagir com espírito fraternal." Mas apoiar tais sentimentos relativos aos palestinianos, agora é aparentemente um crime no Reino Unido. A ação dos professores neste caso era uma reminiscência da Alemanha nazi, quando os papéis se inverteram com o Movimento de Juventude de Hitler, aliciando crianças em idade

escolar para denunciar qualquer conversa "subversiva" ou ação dos seus professores, amigos, vizinhos e até mesmo os seus próprios pais. No Reino Unido, a existência de uma Polícia do Pensamento sionista agora é uma realidade e a sua supressão da liberdade de expressão está a matar o pouco que resta da democracia britânica.

A difícil tarefa que começaste está repleta de muitos perigos que não devem ser subestimados, pelo que tu e a Freya devem tomar todas as precauções necessárias para garantir a vossa segurança. Não cabe a mim questionar a tua decisão de permitir que a Freya te acompanhe, mas é uma decisão que talvez queiras reconsiderar. Lembra-te também que já foste estigmatizado como um inimigo de Israel em virtude do teu sobrenome e respetiva associação com os meus supostos artigos de jornal e livros "antisemitas". Por simplesmente levantar a questão da criminalidade de Israel, automaticamente serás acusado de antissemitismo e de querer fazer para os judeus o que os judeus israelitas com ousada alegria fizeram e ainda estão a fazer com o povo palestiniano e com impunidade.

Finalmente, não debes renunciar os teus princípios como a maioria assustada dos que se vendem por dinheiro nos meios de comunicação social, nem perder o coração, porque como jornalista, tens a responsabilidade perante a tua própria consciência e o resto da humanidade, cujos direitos são gradualmente, mas seguramente retirados. Como Christopher Dodd observou uma vez, o lobista americano, advogado e

político: "quando o direito de saber do público é ameaçado, e quando o direito de liberdade de expressão e liberdade de imprensa estão em risco, todas as outras liberdades que nós prezamos são postas em perigo."

Abraços e muitas felicidades, Mark.

A Casa Branca, Washington, D.C.

— Canalha arrogante! – disse o Presidente furioso na sua secretária na Sala Oval quando ele colocou o recetor de telefone no seu lugar.

— Aquele homem é um lunático certificável. – disse ele, referindo-se ao Primeiro-Ministro israelita.

O Chefe de Gabinete — que só tinha testemunhado o Presidente expressar a sua desaprovação sobre o fato de durante o mês passado as forças israelitas terem morto 142 palestinianos e ferido mais 15.620 — demonstrava empatia, mas não estava particularmente impressionado. Ele já tinha ouvido e visto tudo antes e sabia muito bem que, quando o PM de Israel viesse a Washington, os dois líderes cuidadosamente esconderiam a animosidade mútua quando na frente das câmaras com o Presidente, acalmando os sons pró-Israel sobre os requisitos de segurança do estado judeu e o seu direito de fazer o que fosse necessário para "se defender" de forma hipócrita e obrigatória.

O Chefe de Gabinete já se tinha resignado com tal apoio incondicional dos EUA a respeito da agressão israelita, apesar da simbólica resistência palestina— representada principalmente pelo apedrejamento por parte de jovens e crianças que, mesmo

com provas frágeis, poderiam ser presos até 20 anos pela sua ousadia simbólica — foi uma reação justificada a uma ocupação opressiva, brutal e ilegal. Tal genialidade bem ensaiada entre os dois líderes seria seguida de reuniões onde centenas de milhões de dólares de ajuda adicional poderiam ser prometidos a Israel como um símbolo de amor incondicional pela América e de fidelidade a um estado de apartheid criminoso de guerra. Tanto quanto o Chefe poderia perceber, sempre foi mais conveniente para o governo americano pagar os chantagistas israelitas na esperança que eles parassem de cantar o seu hino cansativo sobre o Holocausto e se fossem embora. Como foi observado no *The Jerusalem Post* por Reuven Ben-Shalom — que serviu durante 25 anos na Força de Defesa de Israel, como um piloto de helicóptero; em várias posições das relações internacionais, incluindo o diretor de cooperação militar de Israel-EUA; e como diretor do Programa Internacional de Companheiros no Colégio da Defesa Nacional de Israel:

— Deixemo-nos então levar pela emoção ao apresentar o nosso caso que ouvir-nos às vezes é cansativo, deprimente, aborrecido e irritante.

Durante a visita, o líder israelita iria sem dúvida também colher uma pilha de cheques com elevadas quantias da fraternidade dos criminosos financeiros da Wall Street e dos judeus bilionários com bolsos fundos, membros do 1% dos mais ricos do mundo; um Congresso bicameral composto principalmente por traidores totalmente controlados pelo Comitê

de Relações Públicas Americano- Israelitas (AIPAC) iria lisonjeá-lo; e receberia elogios de subserviência dos meios de comunicação social semelhantes a prostitutas — especialmente o The New York Times — até os aplausos do público americano que sofreu uma lavagem cerebral e possui uma visão limitada. Mil Novecentos e Oitenta e Quatro da autoria de George Orwell, com o seu retrato da guerra perpétua, vigilância omnipresente do governo e manipulação pública, era agora uma realidade próspera na terra onde a bandeira nacional já não estava a flutuar em triunfo "sobre a terra dos livres e o lar dos bravos."

Tendo em conta o estado atual de agitação do Presidente, o Chefe de Gabinete relutantemente deu-lhe a Agenda Diária Presidencial (PDB), um documento ultrassecreto compilado pelo Diretor da Inteligência Nacional cujo cargo reúne relatórios da Agência Central de Inteligência (CIA), a Agência de Inteligência de Defesa (DIA), a Agência de Segurança Nacional (NSA), o Departamento Federal de Investigação (FBI) e outras agências de inteligência dos EUA. A agenda presentemente, como tem sido o caso nos passados meses a pedido do Presidente, também continha um resumo dos relatórios da comunicação social israelita que invariavelmente não eram bem-recebidos pelo Presidente que foi muitas vezes retratado como sendo antissemita e inimigo de Israel.

As relações EUA-Israel tinham atingido um nível muito baixo desde algum tempo como consequência da permanência crescente contínua judaica ilegal nos Territórios Palestínianos

Ocupados; dos esforços descoordenados israelitas para sabotar as negociações nucleares do Irão; e da charada estagnada das negociações de paz israelo-palestinianas. Durante a sua campanha presidencial em julho de 2008, o Presidente — além de apregoar "não desperdiçar um minuto" na luta contra o conflito no Médio Oriente se eleito Presidente — também tinha afirmado "você e eu, nós vamos mudar esse país, e vamos mudar o mundo," para os gritos maravilhados de "Sim, nós podemos!", que eventualmente viria a ser ainda um outro exemplo de como as esperanças do povo americano tinham triunfado sobre a realidade da sua experiência passada de promessas quebradas pelos políticos traidores que venderam as suas almas ao AIPAC.

Então, apesar da sua eleição ter marcado uma nova era de expectativa e dele ter sido prematuramente premiado com o Nobel da Paz no ano seguinte, o Presidente não só não conseguiu concretizar nenhuma das suas promessas de paz e de um mundo melhor, mas na verdade aumentou os poderes de guerra bem além do seu antecessor semianalfabeto Bush ao estabelecer precedentes que tornaram ainda mais fácil o uso de força letal no exterior sem aprovação do Congresso.

Como todos os seus antecessores presidenciais recentes, o Presidente aprendeu muito rapidamente no que concerne ao Médio Oriente que foi Israel através de AIPAC que ditou a política aos EUA do Médio Oriente e não a Casa Branca ou o Congresso. Israel tinha reforçado esse ponto ao lançar a bárbara Operação Chumbo Fundido em Gaza — que começou no dia 27

de dezembro de 2008 e terminou no dia 18 de janeiro de 2009 — apenas dois dias antes da inauguração do Presidente no século XX.

— Que notícias tens para mim, Sam? — perguntou o Presidente irritado ao levar os papéis da sua agenda e ao começar a ler o resumo dos relatos da comunicação social israelita que incluía uma revelação polémica que Israel era o principal comprador do petróleo produzido e vendido pelo Estado Islâmico do Iraque e Síria (ISIS) que produzia entre 20.000 e 40.000 barris por dia nesses dois países para gerar entre 1 milhão de dólares e 1,5 milhões de dólares em lucros; que uma das maiores cadeias de loja de departamentos da Alemanha — com mais de 100 filiais e 21.000 empregados — tinha retirado os produtos israelitas das suas prateleiras como resposta à nova regulamentação de rotulagem da UE; que os membros do grupo de extrema direita, de assimilação e anti-árabe Lehava tinha protestado contra um evento que tinha uma árvore de Natal como decoração — destinado à população cristã de Jerusalém — que eles alegaram tinham como alvo as crianças judias; que após a reunião com o Presidente russo em Paris, o Primeiro-Ministro israelita disse que Israel continuaria a proteger os seus interesses e a atuar na Síria para evitar a transferência do jogo de armas ao Hezbollah; e que de acordo com a Agência Judaica, quase 30.000 judeus — o maior afluxo em 15 anos — mudaram-se para Israel, em 2015, como parte da imigração contínua que era necessária para a invasão gradual mas constante nos territórios

palestinianos com novos locais de permanência ilegais.

O Chefe de Gabinete tinha sido parte da distração na Casa Branca de supostamente serem contra a residência permanente dos israelitas, enquanto a legislação — iniciada e apoiada pelo insuportável AIPAC— era o salva-vidas para um projeto de lei de comércio que conteria uma disposição unindo Israel e "os territórios controlados por Israel." Ainda que tal legislação violasse a política de longa data dos EUA perante Israel e os Territórios Ocupados, incluindo a atividade ilegal de permanência de Israel, o Presidente promulgaria a lei. Apelidado como o Ato de Facilitação do Comércio e Implementação do Comércio, a lei foi projetada para reforçar as regras de aplicação, regular a manipulação do câmbio e reforçar os esforços para bloquear as evasões de leis de comércio. O projeto de lei também incluiria uma cláusula que aborda os atos politicamente motivados para limitar ou proibir as relações econômicas com Israel, orientando as empresas ou instituições financeiras filiadas ao estado que exerçam a campanha de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) contra Israel.

A promulgação colocaria os EUA firmemente no registro como opositor do BDS e apoiante primordial dos laços comerciais entre os EUA e Israel ao publicar os objetivos firmes do acordo da lei anti-BDS para os negociadores de comércio americano. Além disso, no prazo de 180 dias do projeto de lei se tornar lei, a administração dos EUA seria obrigada a informar o Congresso sobre as atividades globais

do BDS, incluindo a participação de empresas estrangeiras em boicotes políticos ao estado judeu. Além de fornecer proteção jurídica para as empresas americanas que operam em Israel, o projeto de lei também iria juntar Israel de verdade com os Territórios Palestinos Ocupados contestados, ao contrário da política americana de longa data que estipula que a atividade de permanência era um obstáculo para alcançar a paz e uma solução entre os dois estados.

A extensão do controlo exercido pelo lóbi do AIPAC a favor de Israel do Congresso dos EUA tornou-se evidente quando nem a muito acalentada Primeira Emenda da Constituição — "O Congresso não criará leis respeitando um estabelecimento da religião, ou proibirá o livre exercício das suas obras; ou reduzirá a liberdade de expressão ou de imprensa; ou o direito do povo de pacificamente se reunir e pedir ao governo uma outra solução para as suas queixas" — foi ameaçado pelos congressistas com uma promessa de destruir a campanha popular BDS contra Israel, comprometendo-se a enfraquecer a Primeira Emenda: "A liberdade de expressão está a ser usada no nosso país para denegrir Israel e precisamos lutar ativamente contra isso..."

O Presidente — de quem mais de 90 por cento do povo de Israel não gostava — estava habituado a este tipo de tratamento do Congresso face a Israel, cuja população judaica, embora na maior parte afirmasse ser a favor de uma solução de dois estados e, portanto, o estado palestino na íntegra, na verdade estava a mentir nas sondagens e não gostava do Presidente por causa do

receio que ele pudesse estar a falar a sério no que diz respeito a acabar com a ocupação de Israel da Cisjordânia e o bloqueio de Gaza. Consequentemente, embora o receio israelita — do Irão, dos ataques de mísseis, do abandono e do isolamento do mundo — fosse dificilmente plausível; esses medos, no entanto, serviram como uma fonte de consolação para a consciência coletiva de Israel e como justificativa para a sua continuada ocupação e a opressão do povo palestiniano.

— O que eles estão a fazer agora? – perguntou o Presidente assim que ele terminou de ler os relatórios da comunicação social e passou para o ADP que o Chefe tinha feito questão de sempre ler primeiro e que continha o relatório de suspeitas que o serviço secreto de Israel tinha estado por trás de uma série de misteriosos ainda que altamente sofisticados ataques de espionagem online das negociações decisivas sobre o programa nuclear iraniano realizado em hotéis de luxo por toda a Europa entre o Irão e as Nações P5 + 1 da China, França, Rússia, Reino Unido, Estados Unidos e Alemanha. Agentes de segurança suíços atacaram o hotel de luxo de Genebra Presidente Wilson — onde algumas das palestras foram realizadas — e como suspeitavam, descobriram provas de espionagem online israelita.

Depois de ter eventualmente terminado de ler a agenda para aquele dia, o Presidente afundou-se cansadamente na sua cadeira de escritório de pele preta com um sentimento de frustração. Após a sua reeleição para um segundo mandato em 2012, o Presidente tinha manifestado a sua opinião de que "nós queremos

ver um país que é seguro e respeitado e admirado em todo o mundo, uma nação que é defendida pelos militares mais fortes na terra e as melhores tropas que este mundo alguma vez já viu, mas também um país que se move com confiança para além deste tempo de guerra para moldar uma paz que é construída com a promessa de liberdade e dignidade para todo o ser humano." Apesar da proclamação de tais nobres sentimentos sobre "a liberdade e dignidade de cada ser humano", a realidade era que com a ajuda americana e cumplicidade, "a liberdade e a dignidade" estavam ainda a ser negadas ao povo palestino depois de quase 70 anos.

O Presidente há muito tempo que se tinha reconciliado com o fato de — independentemente das leis internacionais dos direitos humanos que Israel tenha violado — que enquanto a AIPAC continuar a ter o governo americano preso pelos tomates, então os EUA continuariam com o dinheiro dos contribuintes americanos a fornecer o seu apoio incondicional para um estado de apartheid racista cuja conduta arrogante tem sido vista com impunidade e sem limites na cena internacional e que se destina a expropriar o povo palestino da sua terra, a fim de facilitar a permanência judaica ilegal, respeitando a ideologia do sionismo para a criação de um "Israel Grande". Apesar de tudo, mais da metade de toda a ajuda global dos EUA foi dada a Israel.

Foi ainda pior do que a traição do povo americano pelos seus políticos, a rendição do grande sonho americano — democracia, direitos, liberdade, oportunidade e igualdade —

pelos próprios americanos: um povo que tendia a defender a ideologia da individualidade americana; um povo de onde, de acordo com uma sondagem Gallup/Harris, 73 por cento foi incapaz de identificar o seu país de origem — muito menos a localização de outros países — no mapa; um povo que não é mais capaz de aceitar qualquer fato irrefutável que não esteja de acordo com a sua perspectiva limitada; um povo desprovido da capacidade de pensar além da sua doutrinação pelos meios de comunicação social onde 90 por cento era controlada por apenas seis empresas pertencentes ou executadas por interesses judeus; um povo não preparado para perguntas difíceis ou considerar óbvia a propaganda e mentiras muito suspeitas do governo e da comunicação social; um povo nutrido em antagonismo racial e a necessidade de constantes guerras contra as "ameaças" sempre presentes e divergentemente fabricadas do terrorismo; um povo que o resto do mundo considera como a maior ameaça aos direitos humanos e a realização da paz mundial; e um povo que tinha perdido todas as perspectivas morais e políticas de como eles, como uma "superpotência", devem ser pelo seu próprio exemplo ser líderes e beneficiar o resto da humanidade.

Apesar do estatuto e da importância da sua posição, o Chefe de Gabinete tinha decidido demitir-se por causa da desilusão sentida e de uma consciência perturbada separada da integridade que foram originadas pelo governo onde nos corredores do poder os clamores angustiados de "Nós, o Povo" não iriam ser afogados pelos sussurros corruptos dos lobistas subornados com

interesses muito especiais: lobistas cuja influência subvertida da democracia tinha sido reforçada por uma decisão da Tribunal Supremo dos EUA (uma decisão de 5 a 4) que derrubou o limite sobre a quantidade total de doadores ricos que poderia contribuir para candidatos e comités políticos. Então, agora, mais do que nunca, a percentagem de 1 por cento de milionários-bilionários podia comprar políticos e controlar as políticas do governo em detrimento da grande maioria que ainda tinha de aprender que a única diferença entre uma democracia e uma ditadura é que com esta última não precisa de perder tempo e ir até as urnas.

Bairro de Foggy Bottom, Washington, D.C.

Era de noite e na sala de estar onde — já melodiosamente estava preparado o ambiente com sons de jazz de saxofone de Kaori Kobayashi — o sistema de música digital agora estava a passar Nothing's Gonna Change My Love for You. O fumo do cigarro que antes pairava no ar tinha-se dispersado, deixando apenas o fraco mas distinto aroma gasoso do tabaco de Virgínia incinerado; os copos de champanhe de cristal de uma safra de 2004 já estavam vazios, colocadas sobre a mesa de café com vidro ornamentado junto a garrafa vazia e ao contrário no balde de gelo prateado; e como um toque final na configuração do ninho de amor, um rastro de itens descartados apressadamente do sexo masculino e roupas femininas de marcas caras iam do sofá preto de couro macio para o quarto onde o casal nu dormia na cama num abraço apaixonado, um pressionado contra o outro.

A figura curvilínea de ampulheta da morena de pele

bronzeada era consistente com um corpo tonificado o que indicava exercícios regulares e atenção à dieta. Os seus impressionantes e bem proporcionados busto e ancas estavam bem enquadrados com uma cintura bem definida tão graciosamente curvada para baixo e para fora para aqueles quadris que estavam perfeitamente alinhados com os ombros levemente arredondados, emoldurando os seus seios de tamanho considerável e firmes. As suas partes traseiras arredondadas eram simétricas com o lado bonito de perfil e da frente da parte do tronco que combinava com a altura das suas pernas bem desenhadas. Cada centímetro sedutor dela era uma imagem de equilíbrio, harmonia e sensualidade etérea.

Por outro lado, o homem de meia idade apresentava algumas gordurinhas que eram mais visíveis à volta do seu umbigo ligeiramente flácido. Apesar disso, o seu corpo tinha retido alguns vestígios do que deve ter sido uma boa aparência física antes que os estragos do tempo e de uma vida de devassidão terem causado danos. No entanto, como a maioria dos homens em posições de poder, ele tinha um excesso de líbido que juntamente com a confiança que vinha com a sua posição, deixava-o disposto a tentar a sua sorte imprudentemente e com todas as probabilidades de ter os seus encontros ilícitos descobertos, independentemente de como, quando, onde ou com quem eles pudessem ocorrer. Por causa dessa entendida onipotência invariavelmente, ele partiu do princípio de que as outras pessoas sempre aceitariam a sua conduta, pois a

aceitação do seu comportamento sexual pelas mulheres — que em qualquer caso estavam fascinadas por homens em posições de poder — era algo que ele esperava e tomava como garantido. O fenómeno não era restrito aos homens, mas era igualmente aplicável às mulheres de destaque para quem ter autoridade sobre os outros era também o derradeiro afrodisíaco.

A morena de repente sacudiu o cabelo, provocativamente mostrando a língua do seu abraço tórrido e em vez disso, começou a beijá-lo delicadamente, indo para baixo desde o queixo até à virilha, onde a sua língua bem ativa, atentava, espicaçava e excitava os seus testículos até fazer com que a sua irrequieta masculinidade pulsasse escandalosamente de expectativa. Tal expectativa então foi recompensada quando ela levemente acariciou a sua masculinidade ereta com as suas unhas bem-feitas enquanto a língua e lábios lascivos executavam um ato de magia sensual naquele que era, sem dúvida, um marido promíscuo ainda que exteriormente provavelmente recatado, mas socialmente ambicioso devasso de uma mulher cujas prioridades não incluíam alimentar ou reforçar a sexualidade conjugal.

Após o que pareceu uma eternidade de forte desejo sexual penoso para o homem, a mulher saltou para cima dele e manteve-se numa posição ajoelhada, segurou o seu pénis ereto na mão direita e usou-o para massagear suavemente os lábios vulvares que já estavam húmidos com a antecipação de receber aquele órgão bem-dotado de masculinidade nas profundezas prazerosas

de sua feminilidade. Ela não conseguiu evitar e sorriu ao lembrar-se da sua adolescência e de como Rabbi Amos Rosenfeld — um amigo da família e visitante frequente da sua casa em Brooklyn — teria pensado nela agora. Ele costumava frequentemente lembrá-la que o que quer que decidisse fazer da sua vida, para sempre ter a certeza que ela estava a liderar e no topo de qualquer situação: que foi precisamente o que ela estava a fazer agora pois ela determinou a posição, o ritmo e o procedimento pelo qual ela iria transportar este obcecado e iludido individual para o domínio da cornucópia do coito que a maioria dos homens sonha, mas que poucos realmente experimentam.

Assim que a respiração dele acelerou e os seus gemidos cresceram mais desesperados, ela finalmente cedeu e lenta, mas seguramente, abaixou-se para o seu pénis latejante que ela envolveu no seu ninho de amor quente e húmido. Não havia nenhuma maneira que isto fosse um encontro casual do tipo boom, boom, obrigado senhora porque ela tinha passado meses a usar bolas Ben Wa conscienciosamente de modo a exercitar os seus músculos vaginais, a fim de se tornar um especialista na arte do controlo do músculo vaginal que muitas mulheres orientais tinham dominado como parte de se tornarem amantes altamente proficientes. Ela agora conseguia segurar o pénis de um homem firmemente com a sua vagina; ela poderia agora poderosamente apertar e soltar o pénis dele e dar-lhe o equivalente a sexo oral; ela conseguia atrasar a ejaculação se ele estava prestes a chegar ao ponto de clímax prematuramente; e ela poderia usar

os seus músculos vaginais para ele sentir prazer numa variedade de maneiras incríveis e surpreendentes— e ela assim fez.

O fato de que eles estavam praticamente imóveis na cama desmentia a extensão da sua euforia porque apesar da aparente falta de movimentos robustos, todos os seus músculos vaginais bem exercitados estavam a assegurar maremotos de gratificação em todos os tendões do corpo do homem cuja cabeça agora tinha sido intoxicada com êxtase puro, não adulterado. À medida que o seu nível de respiração acelerou e o som de seus gemidos triunfantes se intensificou, assim também o ritmo das contrações vaginais aumentou, cujos efeitos prazerosos foram reforçados pelos subtis, mas sensacionais movimentos circulares das coxas femininas.

Sob aquelas circunstâncias até a mais forte das vontades teria falhado em conter o avanço irresistível de um clímax jubilante e como a paixão febril deste casal ia afoito em direção a um Armagedom sexual, ele apertou as suas coxas firmemente com ambas as mãos e respondeu à sua aceleração entusiástica de movimentos com avanços que eram profundos, duros e rápidos. A cada impulso o seu corpo convulsionado gerava um grito longo, alto, exultante, semelhante ao de uma mulher a dar à luz uma criança. Os seus corpos arqueados contorciam-se descontroladamente um contra o outro como se à procura de aproveitar cada pedaço de satisfação sensual derivada dos seus esforços físicos, até que finalmente, com uma fanfarra de suspiros frenéticos e guinchos, uma explosão de

prazer inimaginável envolveu-os no suor e sémen embebidos nos lençóis da cama de algodão egípcio. Apesar de tais encontros clandestinos serem frequentemente uma parte necessária do trabalho da morena, este não era trabalho que ela de qualquer maneira considerava repugnante.

Enquanto dezenas de milhares de outras ligações potencialmente perigosas estavam simultaneamente a ocorrer dentro de quartos de hotel e acomodações privadas em diferentes cidades, vilas e aldeias de todo o mundo, esta teve lugar no Complexo Watergate em Washington, D.C.: um notório endereço onde os predadores na área dos negócios, meliantes maquiavélicos e um Presidente dos Estados Unidos que transmite a ideia que "Eu não sou um bandido" no passado, conheceu estes eventos em Waterloo semelhantes devido a algumas alcaparras, criminalidade ou conspirações secretas.

O homem satisfeito mas agora exausto adormeceu momentaneamente, alegremente alheio ao fato de que as travessuras sexuais da noite não eram uma progressão involuntária e acidental de um encontro oportuno na semana passada com a morena, mas parte de um predeterminado regime cuidadosamente orquestrado e executado como a consequência direta de eventos mundiais, incluindo uma enxurrada de muitas pessoas consideradas muito merecedoras destas decisões, reconhecendo a existência histórica de um povo palestino que era digno da justiça humana, com direitos e merecedores de um estado próprio. Tais decisões — apesar das ameaças

dos israelitas furiosos acompanhadas pelos lembretes sem fim inevitáveis relativamente ao Holocausto — recentemente tinham incluído o reconhecimento de um estado palestino por um número de nações europeias; a disposição de estatuto de observador palestino no Tribunal Penal Internacional (TPI); um voto de reconhecimento pelo Parlamento Europeu; e a invocação das convenções de Genebra acerca dos direitos palestinos por 126 países exortando Israel para travar a construção de assentamentos ilegais na Cisjordânia e Jerusalém Oriental.

As convenções de Genebra que presidiram as regras da guerra e da ocupação militar não tinham nesta ocasião sido atendidas pelos Estados Unidos, Canadá ou Austrália — países longe de serem exemplares devido ao passado colonial de governação de quem tinha incluído a discriminação racial, exploração galopante e maus-tratos desmedidos das populações indígenas que, em alguns casos, constituíam atos de genocídio premeditado. Tais desenvolvimentos abertamente pró-palestinos agora ameaçavam atrasar, ou talvez até mesmo completamente frustrar o sonho judaico de edificar o "Terceiro Templo", em conformidade com a profecia bíblica de Ezequiel.

Consequentemente medidas drásticas eram necessárias incluindo o reforço de Hasbara — uma palavra em Hebraico que literalmente significa "explicação," mas na verdade, cobre uma ampla gama de atividades de propaganda promovendo os aspetos positivos de Israel como um contador de imprensa negativa e as

percepções públicas — para reforçar a ideia errada de que Israel era " a única democracia no Médio Oriente "e tinha apenas "se defendido" com" o exército mais moral do mundo", durante a destruição de brutal do verão passado da vida palestina e da propriedade em Gaza com um armamento esmagador de última geração contra um povo sem um único tanque, navio de guerra ou aviões a jato de combate com que se defender.

No entanto, Israel continua através das suas organizações ligadas ao poderoso lóbi judeu sionista a reforçar a sua tática de silenciar quem fala e se opõe ativamente contra as políticas israelitas; continua a empurrar para o lóbi judeu a legislação inspirada em criminalizar as críticas feitas a Israel; continua a opor-se e a desestabilizar o criticismo ativista pró-Palestina de imposição do estado judeu de apartheid; e continua a manter o seu modus operandi de chantagem, suborno e intimidação suportados por operações de bandeiras falsas para manter o conluio ocidental durante a reescrita deliberada de uma história judaica que retratou os judeus como sendo dependentes e à mercê de outros, para que em vez disso, se veja os judeus como sendo independentes e no controlo do seu destino num estado judeu, cujo estabelecimento e sobrevivência exigiram, gradualmente, mas positivamente a negação ao povo palestino da sua própria história e pátria assim como para forçosamente e ilegalmente facilitar a expansão do assentamento judaico.

Muitos observadores e comentadores notaram que durante a busca desse objetivo, Israel tinha desenvolvido uma filosofia

de "autodefesa" justa que combinava todos os elementos de uma ocupação militar e da aplicação da lei para oprimir o povo palestino. Era uma filosofia que tinha surgido para personificar o caráter dos colonos judeus israelitas e a sua mentalidade racista como um "povo escolhido" isento de responsabilidade pelas suas ações. Outra consequência desta justiça foi o crescimento de um estado da arte militar-segurança industrial semelhante a Golias vorazmente dependente do comércio com outros países, para quem a pacificação da população era também uma necessidade essencial para os seus governos. Tanto quanto os israelitas estavam cientes, não importava a quem vendiam as suas ferramentas de morte e destruição — incluindo os governos que torturaram, aterrorizaram, assassinaram ou eram mesmo antissemitas — desde que tais vendas servissem para fazer lucro e forjar alianças com aqueles estados malfeitores a fim de reduzir as críticas às políticas israelitas.

O sucesso da segurança militar-industrial de Israel do tamanho de Golias deveu-se em grande medida ao fato que o equipamento vendido já ter sido testado a sangue-frio no campo em Gaza e na Cisjordânia com os palestinos em cativeiro tornados "cobaias" dos quais desde 1967 alguns milhões também tinham experimentado a detenção arbitrária israelita e prisão que foi deliberadamente concebida — com condições de confinamento preocupantes, métodos dolorosos de restrição, detidos por longos períodos de isolamento, espancamentos,

degradação, intimidação e ameaças contra os detidos e as suas famílias — para privá-los da sua dignidade e prejudicar o seu bem-estar físico.

Os israelitas tinham sido e ainda eram capazes de perpetrar os seus crimes contra a humanidade com impunidade porque eles tinham conseguido com sucesso continuar a retratar-se como as vítimas inocentes do terrorismo antissemita contra o qual se defendiam numa guerra perpétua. Para facilitar ainda mais a tolerância dos seus crimes pelas democracias ocidentais, os israelitas tinham explorado os atos terroristas contra as nações ocidentais para formular a perceção de "choque de civilizações", no qual as nações ocidentais e Israel compartilhavam valores civilizados que exigiam uma guerra sem fim contra os terroristas islâmicos incivilizados. Desde que tais perceções falsas prevalessem, Israel poderia então manter a sua limpeza étnica da Palestina sob o pretexto de legítima defesa enquanto induzindo o resto do agora Ocidente islamofóbico para lutar contra uma sempre presente "ameaça terrorista" que serviu a finalidade de Israel de dividir e destruir os seus vizinhos muçulmanos no Médio Oriente.

“... são os líderes do país que determinam a política e é sempre uma questão fácil de arrastar o povo, seja uma democracia ou uma ditadura fascista ou um parlamento ou uma ditadura comunista... Com voz ou sem ela, as pessoas sempre podem ser trazidas para a licitação dos líderes. Isso é fácil. Tudo o que se tem de fazer é dizer-lhes que estão a ser atacados, e

denunciar os pacifistas por falta de patriotismo e expor o país ao perigo. Isso funciona da mesma maneira em qualquer país.”

Hermann Goering (como foi dito ao psicólogo americano Gustav Gilbert durante os julgamentos de Nuremberga)

Foi, como ele então era, o antigo Primeiro-Ministro israelita Benjamin Netanyahu que — após os ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos — confirmou a utilidade dessa percepção, dizendo que "é muito bom... Bem, não muito bom, mas gerará imediata simpatia... reforçar o vínculo entre nossos dois povos, porque nós experimentamos terror ao longo de muitas décadas, mas os Estados Unidos agora sofreram uma hemorragia maciça de terror. " Enquanto isso, em seguida, o primeiro Ministro Ariel Sharon — outro notório criminoso de guerra — tendo repetidamente colocado Israel na mesma situação como os Estados Unidos, chamando-o de um ataque aos "nossos valores comuns... Eu acredito que juntos podemos vencer essas forças do mal."

Por volta de 19 de setembro de 2001, Aman — o ramo de suprema inteligência militar das Forças de Defesa Israelitas — tinha começado a fazer circular alegações

que o Iraque estava por trás dos ataques de 11 de setembro, uma mentira deslavada que ajudou os neoconservadores a convencerem os americanos que se justificava a guerra no Iraque. Esta mentira foi reforçada por uma falsidade israelita inspirada ainda maior que o Iraque possuía armas de destruição em massa com o então Primeiro-Ministro britânico Tony Blair

— um apoiante israelita ativo e agora amplamente considerado como um criminoso de guerra, mas ainda em liberdade — tornando-se envolvido na alegação que o Iraque poderia lançar armas de destruição em massa dentro de 45 minutos depois de uma ordem ser dada. Tais mentiras tinham servido para infetar as percepções ocidentais com a síndrome de guerra perpétua de Israel que até agora resultou em dezenas de milhões de pessoas inocentes no Médio Oriente e em outros lugares a ser continuamente traumatizados, deslocados e, em muitos casos, simplesmente mortos.

A generosidade aparente de Israel em oferecer ajuda para "derrotar as forças do mal" foi parte da artimanha do sionismo para acalmar os americanos em particular e o Ocidente em geral ao acreditarem que além de compartilhar os seus valores, Israel também era o mais leal aliado deles... Um aliado, no entanto, que com a ajuda de centenas de organizações judaicas e numerosos funcionários sionista-neoconservadores, ocupando posições estratégicas, tinha constantemente empurrado o Oeste para lutar o "terrorismo islâmico" num conflito interminável onde o desprezo odioso e o desrespeito hediondo pela humanidade prevaleceram acima de tudo... Um conflito interminável em que Conrad Banner e Freya Nielson logo estariam envolvidos como testemunhas de um brutal homicídio extrajudicial que confirmou que Israel era agora uma nação carente de qualquer senso de moralidade baseada em princípios. Conrad subscreveu a observação, uma vez feita pelo advogado

britânico e jurista o juiz Devlin (1905-1992), que "uma moralidade estabelecida é tão necessária como um bom governo para o bem-estar da sociedade. As sociedades desintegram-se de dentro mais frequentemente do que eles são divididos por pressões externas."

2

Sexta-feira, 4 de dezembro

Little Venice, Londres, Inglaterra

Little Venice de Londres - uma grande lagoa criada na década de 1810 como o ponto de encontro entre o Regent's Canal e o Braço de Paddington do Grand Union Canal — foi o cenário de um ilhéu coberto por um salgueiro que serviu como uma rotunda de hidrovias conhecida como a Ilha de Browning. O ilhéu tinha sido nomeado segundo o poeta e dramaturgo inglês, Robert Browning, que morava nas proximidades e foi creditado por ter cunhado o nome de "Pequena Veneza". Browning formou uma das uniões literárias mais famosas da história quando, em 1846, casou com a poetisa um pouco mais velha do que ele, Elizabeth Barrett, com quem ele permaneceu até à sua morte nos seus braços enquanto estavam em Florença em junho de 1861. O bairro com as ruas arborizadas pitorescas, grandes terraços georgianos e vitorianos e os barcos amarrados nas zonas fluviais, ainda era um oásis para a solidão pacífica, onde era possível parar, dar um passo atrás e, por algum tempo, escapar das pressões da vida moderna na cidade.

Mas mesmo a tranquilidade de Little Venice e a passagem do tempo não conseguiram diminuir a crescente indignação de Conrad Banner desde a Operação Margem Protetora de Israel na Faixa de Gaza no verão passado, que matou milhares de

homens, mulheres, crianças e idosos civis; causou deslocamentos civis maciços e a destruição de bens e serviços vitais; reforçou os bloqueios aéreo, marítimo e terrestre de Israel de 1,8 milhão de palestinos que foram punidos coletivamente; e agravou uma crise humanitária já existente em que as pessoas de todo o mundo — incluindo os judeus na diáspora que insistem nos seus próprios direitos inalienáveis — foram cúmplices de uma indiferença silenciosa e gelada ao terrível sofrimento dos palestinos sitiados. Para piorar as coisas, a reconstrução da infraestrutura vital era praticamente inexistente; mais de 100 mil pessoas deslocadas ainda estavam desalojadas; e as violações israelitas quase constantes do cessar-fogo — consistindo em incursões militares frequentes e ataques a pescadores e agricultores — só serviram para tornar a vida ainda mais intolerável. A adoção cada vez mais decidida de Conrad da causa palestina ocorreu após a reconciliação com o pai distante, Mark, cujos artigos e livros ele começou a ler.

Embora a desaprovação dos ativistas dos direitos humanos sobre o banho de sangue bárbaro daquele verão tenha sido evidente na Europa e em outras partes do mundo, nos EUA, a ocupação de Israel da mente coletiva americana foi implacavelmente mantida pelos políticos americanos e pelos encantamentos hipnóticos dos meios de comunicação social ao defenderem que "Israel tem o direito de se defender". A desumanização e o massacre dos palestinos a longo prazo não ocorreram só dentro da Palestina, mas também em outros

lugares nos campos de refugiados — como em Sabra e Shatila no Líbano, onde o infame massacre de 1982 foi auxiliado por Israel — permanecendo uma característica regular da política brutal de Israel de colonizar a Palestina e deslocar o seu povo indígena.

Foi depois de Sabra e Shatila que Israel foi forçado a intensificar a sua ofensiva de se defender contra a publicidade negativa que foi alcançada com a ajuda da comunicação social americana controlada principalmente por judeus, retratando Israel como um valente "David" defendendo-se contra um "Golias" palestino. Tais retratos foram repetidamente inculcados na psicologia americana onde eles se enraizaram e floresceram desde então. Conrad sentiu que o apoio irresistível do governo dos EUA a Israel com bilhões de dólares dos contribuintes — para não mencionar vetos hipócritas intermináveis dos EUA sobre as resoluções da ONU condenando Israel — não poderia ter sido possível sem o cumprimento institucionalizado do próprio povo americano.

A aceitação esperada de Conrad do fato que a limpeza étnica de palestinos em Israel era uma política calculada e em curso levou-o a visitar Jerusalém por dez dias no final de setembro para explorar as possibilidades de filmagem do seu documentário que ele agora decidiu intitular *A Terra Prometida e a Profecia do Templo de Ezequiel*. Desde que tinha regressado de Jerusalém, ele tinha passado a maior parte do seu tempo a adquirir o máximo de informação possível para que ele pudesse trabalhar no projeto sempre dentro do contexto dos fatos históricos reais,

em vez das percepções de propaganda difundidas por um sistema educacional pró-Israel disfuncional e os meios de comunicação social tradicionais, logo tendenciosos.

Foi ao fazer a sua pesquisa que ele se deparou com uma referência à dinastia bancária de Rothschild que fez com que ele por curiosidade investigasse ainda mais e aprendesse mais sobre o papel central daquela família em não apenas instigar as guerras mundiais, mas também em influenciar o curso de inúmeros eventos que afetaram e ainda afetam negativamente a vida de bilhões de pessoas num mundo onde a metade da riqueza está em posse de um por cento da população; onde a riqueza desse um por cento se aproximava de 120 trilhões de dólares americanos, ou quase 70 vezes a riqueza total da metade da população mundial; onde a riqueza de 85 pessoas mais ricas do mundo superou a da metade da população mundial; onde sete em cada dez pessoas vivem em países com uma desigualdade económica que tem aumentado continuamente nos últimos 30 anos; e onde a minoria afortunada e muito rica comprou o poder político que serve os seus próprios interesses gananciosos em oposição às necessidades urgentes da maioria de longe menos afortunada.

A pesquisa de Conrad revelou que tudo começou em 1743, quando um filho, Mayer Amschel Bauer, nasceu em Frankfurt a Moses Amschel Bauer — um empresário e proprietário de uma empresa de contabilidade — que era um judeu asquenaze. Os judeus asquenazes eram descendentes das comunidades

judaicas medievais ao longo do rio Reno da Alsácia no sul até a Renânia no norte. Asquenaze era o nome hebraico medieval para a região alemã e, conseqüentemente, os judeus asquenazess ou asquenazim eram literalmente os "judeus alemães". Muitos desses judeus migraram, principalmente para o leste, para estabelecer comunidades na Europa Oriental, incluindo a Bielorrússia, a Hungria, a Lituânia, a Polónia, a Rússia, a Ucrânia e outros lugares entre os séculos XI e XIX. Eles levaram consigo e diversificaram a língua íídiche influenciada pela língua germânica escrita com caracteres hebraicos, que na época medieval se tornou a língua franca entre os judeus asquenazess. Embora no século XI, os judeus asquenazess compreendessem apenas três por cento da população judaica do mundo, essa proporção atingiu 92% em 1931 e agora representava cerca de 80% dos judeus em todo o mundo.

Durante a Idade das Trevas e a Idade Média — quando a Bíblia era vista como a principal fonte de conhecimento e árbitro final em questões de importância — a oposição teimosa da Igreja Cristã à usura foi, portanto, baseada em considerações bíblicas e morais em vez de fatos sólidos na área de negócios. Essa oposição também foi repetidamente reforçada com restrições legais tanto que em 325 o Conselho de Niceia proibiu a prática entre os clérigos. Durante o tempo de Carlos Magno como Imperador (800-814), a Igreja estendeu a proibição para incluir leigos com a afirmação de que "a usura era como uma transação em que era necessário mais em troca do que aquilo que era dado". Séculos

mais tarde, o Conselho de Viena em 1311 no sul da França - cuja função principal era retirar o apoio papal aos Cavaleiros Templários por instigação de Filipe IV da França, que estava em dívida com os Templários — declarou que as pessoas que ousassem reivindicar que não havia pecado na prática da usura seriam punidas como hereges.

Posteriormente, em 1139, o Papa Inocência II convocou o Segundo Conselho de Latrão, no qual a usura foi denunciada como uma forma de roubo que exigia a restituição daqueles que a praticavam para que, durante os dois séculos seguintes, os esquemas de dissimulação da usura fossem fortemente condenados. Apesar de todos essas declarações, houve, no entanto, uma lacuna fornecida pelo duplo critério evidente na Bíblia sobre a usura, o que permitiu que os judeus continuassem a emprestar dinheiro a não-judeus. Como resultado, durante longos períodos durante a Idade Média e a Idade das Trevas, tanto a Igreja como as autoridades civis permitiram que os judeus praticassem a usura. Muitos reis, que exigiram empréstimos substanciais para financiar os seus estilos de vida e a proliferação das guerras, toleraram os usurários judeus em seus domínios, até que os judeus europeus — que haviam sido impedidos de exercer a maioria das profissões e ser proprietários de terra — achavam que era um negócio lucrativo, embora às vezes uma profissão perigosa. Os empréstimos de dinheiro, portanto, passaram a ser considerados como uma vocação judaica inerente.

No Antigo Testamento, Deus teria dito aos judeus: "[Aquele

que] deu à usura e lucrou: deverá ele então viver? Ele não deve viver. . . ele certamente morrerá; o seu sangue será derramado. "(Ezequiel 18:13), e " não emprestarás sobre a usura ao teu irmão; usura do dinheiro; usura de víveres; usura de qualquer coisa que seja emprestada sobre a usura. Do estrangeiro poderás exigir juros; porém do teu irmão não os exigirás para que o Senhor teu Deus te abençoe em tudo onde colocares a tua mão, na terra que possúes. (Deuteronómio 23:19 -20).

Assim, enquanto os judeus eram legalmente autorizados a emprestar dinheiro aos cristãos necessitados, os próprios cristãos ressentiam a ideia de que os judeus pudessem ganhar dinheiro com os infortúnios cristãos por meio de uma atividade bíblicamente proibida com a ameaça de condenação eterna aos cristãos que, compreensivelmente, vieram a ver usurários judeus com um desprezo que gradualmente alimentou as raízes do antissemitismo. Esse desprezo e a oposição à usura judaica foram frequentemente violentos com os judeus que foram massacrados em ataques instigados por membros da nobreza que estavam em dívida com os usurários judeus, cancelando as suas dívidas através de ataques violentos contra as comunidades judaicas e vendo os registos arquivados destruídos.

Embora esse tratamento de credores tenha sido injusto, eles também foram feitos bodes expiatórios para a maioria dos problemas económicos por muitos séculos; foram ridicularizados por filósofos e condenados ao inferno pelas autoridades religiosas; estavam sujeitos a confisco de propriedade para

compensar as suas "vítimas"; foram moldados, humilhados, encarcerados e massacrados; e foram vilipendiados por economistas, legisladores, jornalistas, romancistas, dramaturgos, filósofos, teólogos e até mesmo as massas. Ao longo da história, grandes pensadores, como Tomás de Aquino, Aristóteles, Karl Marx, JM Keynes, Platão e Adam Smith, consideraram invariavelmente como um grande vício. Dante, Dickens, Dostoyevsky e a personagem "Shylock" de Shakespeare n' O Mercador de Veneza eram apenas alguns dos dramaturgos e romancistas populares que descreviam os credores como vilões.

Moisés Amschel Bauer, no entanto, viveu num momento e num lugar onde era permitido um grau de tolerância e respeito pelo seu negócio e na entrada mostrava uma estrela vermelha de seis pontas que representava geometricamente e numericamente o número 666 - seis pontos, seis triângulos e um hexágono de seis lados. Este letreiro aparentemente inócuo, no entanto, estava destinado a desempenhar posteriormente um papel importante no nascimento da ideologia sionista e do estado de Israel. Esse destino teve as suas sementes semeadas durante a década de 1760, quando Amschel Bauer trabalhou para um banco de propriedade de Oppenheimer, em Hanover, onde a sua habilidade o levou a tornar-se um parceiro júnior e um conhecido a nível social do General von Estorff. Ao regressar a Frankfurt para tomar conta do negócio do seu falecido pai, Amschel Bauer reconheceu a potencial importância do letreiro vermelho e conseqüentemente, mudou o seu sobrenome de Bauer

para Rothschild porque "Rot" e "Schild" em alemão significam "Vermelho" e "Sinal". A estrela de seis pontas, após alguma manipulação astuta e familiar de Rothschild, acabou por fazer parte da bandeira israelita alguns dois séculos depois.

Depois de ouvir que o seu antigo conhecido, o General von Estorff, tinha sido destacado para a corte do Príncipe William de Hanau, Rothschild renovou astutamente a sua amizade — com o pretexto de vender moedas e bugigangas valiosas a Estorff com desconto — com o conhecimento esperançado que isso poderia originar uma introdução ao próprio Príncipe William que ficaria encantado com a perspectiva de comprar itens tão raros a preços reduzidos. Ao oferecer também uma comissão para qualquer outro negócio que o Príncipe pudesse trazer, Rothschild tornou-se um associado íntimo do Príncipe e acabou também por fazer negócios com outros membros da corte real, sobre os quais ele invariavelmente elogiou os enganos nauseantes para se certificar como ele havia feito com Prince William:

"Foi o meu destino particular e bondoso para servir a sua elevada Serenidade real em vários momentos com a sua satisfação mais graciosa. Eu estou pronto para empregar todas as minhas energias e toda a minha fortuna para servir a sua elevada Serenidade real sempre que no futuro, assim o deseje. Um incentivo especialmente poderoso para este fim seria se a sua elevada Serenidade real me distinguisse com uma nomeação como uma das pessoas mais influentes da sua Corte. Eu estou a tomar coragem para implorar este feito com confiança na certeza

de que, ao fazê-lo, não estarei a causar problemas; da minha parte, essa distinção elevaria a minha posição no mundo dos negócios e me ajudaria de muitas outras maneiras de modo que eu consiga seguir o meu próprio caminho e fortuna aqui na cidade de Frankfurt ".

Rothschild acabou por supervisionar, em 1769, a pedido do príncipe William as suas propriedades e a cobrança de impostos com a permissão para colocar um letreiro comercial que se vangloriava de ter sido nomeado: "M. A. Rothschild, nomeado pessoa influente pela Sua Alteza Sereníssima, Príncipe William de Hanau".

Mais de duas décadas depois, em 1791, na América, Alexander Hamilton — primeiro secretário do Tesouro, membro influente do gabinete de George Washington e um agente hábil de Rothschild — facilitou a criação de um Banco Central Rothschild com uma carta de vinte anos chamada Banco dos Estados Unidos. Hamilton seria o primeiro de uma longa lista de políticos dos EUA que até hoje ainda traem o seu próprio país por um punhado de dólares para facilitar os interesses judaicos.

Enquanto isso, na Europa, Napoleão Bonaparte — Imperador francês de 1804 a 1814 — declarou ser a sua intenção, em 1806, remover "a casa de Hess-Kassel do governo e de afastá-lo da lista de poderes". Isso forçou o príncipe William a fugir da Alemanha para a Dinamarca, confiando uma fortuna estimada de cerca de 3.000.000 de dólares americanos para Rothschild guardar. No mesmo ano, o filho de Mayer Amschel Rothschild, Nathan

Mayer Rothschild, casou-se com Hannah Barent Cohen, filha de um rico comerciante de Londres e começou a mudar os seus interesses comerciais para Londres.

Quando o primeiro barão Sir Francis Baring e Abraham Goldsmid morreram em 1810, Nathan Mayer Rothschild, como esperado, tornou-se o principal banqueiro na Inglaterra, enquanto o seu irmão, Salomon Mayer Rothschild, partiu para a Áustria para fundar o banco M. von Rothschild und Söhne em Viena.

De volta aos EUA, o acordo do Rothschild's Bank dos Estados Unidos acabou em 1811 e o Congresso votou contra a renovação com Andrew Jackson — posteriormente o 7º Presidente dos EUA (1829-1837) — declarando que "se o Congresso tiver um direito sob a Constituição para emitir dinheiro em papel, foilhes dado uso por si só, para não ser delegado a indivíduos ou corporações ". Isso levou a um descontente Nathan Mayer Rothschild afirmar que "ou o pedido de renovação co contrato é concedido, ou os Estados Unidos se encontrarão envolvidos numa guerra muito desastrosa". Jackson respondeu com "vocês são um covil de ladrões, víboras, e eu pretendo expulsá-los, e pelo Deus Eterno, eu vou expulsá-los". A reação de Rothschild foi uma promessa para "ensinar a esses americanos impudentes uma lição. Trazê-los de volta ao estado colonial. "

Consequentemente, a declaração de guerra do Reino Unido aos EUA em 1812 foi surpreendentemente apoiada pelo dinheiro de Rothschild com o objetivo de causar uma acumulação de

dívida de guerra dos EUA que os forçaria a se renderem e assim a renovação do acordo do Banco dos Estados Unidos de Rothschild era facilitada. No mesmo ano, Mayer Amschel Rothschild morreu e a sua vontade de apresentar instruções específicas para a Casa de Rothschild seguir, incluindo o fato de que todos os cargos-chave na empresa familiar deveriam ser mantidos apenas por membros da família; que apenas os membros masculinos da família fossem autorizados a participar do negócio familiar—Mayer também teve cinco filhas— de modo que a propagação da dinastia Sionista Rothschild sem o nome de Rothschild também se tornasse global; que a família se encontrasse primos primeiro e segundo para preservar a fortuna da família; que nenhum inventário público da propriedade de Mayer fosse publicado; que nenhuma ação legal pudesse ser tomada em relação ao valor da herança; e que o filho mais velho do filho mais velho se tornasse o chefe da família, uma estipulação que só poderia ser revogada quando a maioria da família concordasse o contrário. Isso entrou em vigor imediatamente e Nathan Mayer Rothschild tornou-se chefe da família enquanto Jacob (James) Mayer Rothschild partiu para a França para fundar o banco Rothschild Frères em Paris.

Quanto ao destino dos 3.000.000 de dólares americanos que o Príncipe William de Hanau deu a Mayer Amschel Rothschild para salvaguardar, a edição de 1905 da Enciclopédia judaica afirma no Volume 10, página 494, que:

"De acordo com a lenda, esse dinheiro foi escondido em

barris de vinho e, escapando da busca dos soldados de Napoleão quando entraram em Frankfurt, foi colocado intacto nos mesmos barris em 1814, quando o eleito (o príncipe William de Hanau) voltou ao eleitorado (Alemanha). Os fatos são um pouco menos românticos e mais comerciais ".

A implicação que o dinheiro nunca foi devolvido por Rothschild com a entrada na enciclopédia, acrescentando que "Nathan Mayer Rothschild investiu estes 3.000.000 dólares americanos em ouro na Companhia das Índias, sabendo que seria necessário para a campanha da península de Wellington", com Nathan, então a fazer com o dinheiro roubado "não menos de quatro lucros".

Em 1815, os cinco irmãos Rothschild exploraram a política de financiamento de ambos os lados nas guerras, fornecendo ouro para os exércitos de Wellington e Napoleão. Devido à posse de bancos em toda a Europa, os Rothschild possuíam uma rede única de rotas encobertas e correios rápidos que eram os únicos agentes autorizados a percorrer as linhas inglesa e francesa. Isso queria dizer que eles eram informados sobre o andamento da guerra, o que lhes permitiu comprar e vender na bolsa de valores de acordo com as informações recebidas.

Os laços britânicos eram chamados na época de anuidades consolidadas e Nathan Mayer Rothschild instruiu os seus funcionários para começar a vendê-las para que os outros comerciantes acreditassem que o Reino Unido estava a perder a guerra e fazer com que eles comesçassem a vender em pânico para

que o preço das anuidades caísse. Os funcionários de Rothschild foram instruídos a começar discretamente a comprar todas as anuidades disponíveis. Quando finalmente se tornou aparente que o Reino Unido realmente ganhou a guerra, o valor das anuidades aumentou para um nível ainda maior do que antes e os Rothschild acabaram com um lucro de aproximadamente 20 para 1 no seu investimento.

Isso deu ao Rothschild controle total da economia do Reino Unido e, com a derrota de Napoleão, ajudou Londres a tornar-se o centro financeiro do mundo, o que exigiu a criação de um novo banco da Inglaterra sob o controle de Nathan Mayer Rothschild, que se vangloriou: "Eu não me importo com o fantoche que é colocado no trono da Inglaterra para governar o império no qual o sol nunca se põe. O homem que controla a oferta de dinheiro do Reino Unido controla o império britânico e controla a distribuição monetária britânica."

Esse controle permitiu que os Rothschild substituíssem o método de envio de ouro entre os países, utilizando os seus cinco bancos europeus para estabelecer o sistema de débitos e créditos ainda em uso hoje. Tendo assumido o controle da oferta monetária britânica, os Rothschild procederam a uma busca agressiva da renovação do seu contrato de um Banco Central nos Estados Unidos da América. Aquele banco, iria tornar-se o Banco da Reserva Federal e parte do Sistema da Reserva Federal, que efetivamente controlava e implementava a política monetária do país: um país onde as pessoas enganadas não reconheceram

que não eram cidadãos numa democracia, mas sujeitos bastante miseráveis numa plutocracia em declínio, onde o fosso crescente entre os muito ricos que o tinham, e os muito pobres que nunca o tiveram, danificaram irrevogavelmente as estruturas sociais americanas e destruíram todas as ilusões do sonho americano por excelência. . .

Um sonho que se transformou num pesadelo onde mais de 42 milhões de adultos americanos, dos quais 20 por cento detém diplomas do ensino secundário, não consegue ler; onde 50 milhões mais só podem ler num quarto ou quinto anos; onde cerca de 30% da população da nação é analfabeta ou pouco alfabetizada; onde o número de analfabetos aumenta anualmente em cerca de dois milhões; onde mais de 30% dos que concluíram o ensino secundário e 42% dos licenciados nunca leram um livro depois de deixarem a escola; onde 80 por cento das famílias americanas não comprarão um livro este ano; onde a maioria desses analfabetos não se incomodará em votar; onde os analfabetos que votam farão isso com base em máximas inúteis de propaganda política reconfortante que compensa a falta de habilidade de pensamento cognitivo e crítico; e onde mesmo aqueles que são presumivelmente alfabetizados se retiram em massa nas consequências malignas de viver em uma cultura baseada em imagem.

"Para a idade atual, que prefere o sinal ao significado, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência à essência. . . A ilusão é sagrada, verdade profana."

Ludwig Feuerbach (1804 - 1872)

3

Sábado, 5 de dezembro

10º Bairro, Paris, França

O Café da Rua Martel foi o segundo no décimo bairro que Malek Bennabi visitou durante a semana passada e, como na ocasião anterior, o seu contato, Pierre, já estava sentado numa das mesas fingindo estar distraído a brincar com o que restava do seu café e pão com chocolate. Sem mostrar nenhum sinal de reconhecimento, Malek dirigiu-se à mesa e gesticulou interrogativamente apontando para uma das cadeiras vazias antes de se sentar e colocar a sua mala em baixo da mesa ao lado de uma parecida pertencente a Pierre. Nenhum dos dois falou e pouco depois de Malek ter encomendado e ter sido servido o seu café puro, Pierre pediu a conta à empregada de mesa, deixou oito euros no pires como pagamento e gorjeta, levantou-se da mesa, pegou na mala de Malek em vez da sua, e sem sequer olhar para Malek, saiu indiferente do café.

Quando Malek tomou um gole de café, ele discretamente fez uma nota mental dos outros clientes para que quando ele saísse do café pudesse verificar se ele não estava a ser seguido. Apesar da sua falta de preocupação com essa possibilidade devido ao seu desprezo honesto pela maior e mais poderosa agência de inteligência de França, a Direction Générale de la Sécurité Intérieure — Direção Geral de Segurança Interna (DGSI) —

Malek, no entanto, sempre tomou precauções para permanecer bem abaixo do seu radar de segurança. O DGSI foi encarregado de responsabilidades abrangentes, incluindo contraespionagem, contraterrorismo, combate ao cibercrime e vigilância de grupos, organizações e fenómenos sociais potencialmente ameaçadores.

Quando ele terminou o café alguns quinze minutos depois, Malek deixou o café e caminhou na direção sul na Rua Martel, que sendo um pouco estreita, permitiu que ele ficasse facilmente consciente do que estava a acontecer ao seu redor, pois também estava a usar um par de óculos de sol que lhe permitiam ver o que se passava atrás de si. Ele virou à esquerda na Rua Des Petites Ecuries, caminhou até a estação de metro Chateau D'eau e tomou um comboio na linha 4 para Château Rouge no 18º bairro, onde ele morava num estúdio muito modesto, no quarteirão árabe, ao lado do Boulevard Barbès.

Uma vez no apartamento, Malek deixou cair a mala no chão, tirou o iPhone do bolso e viu as fotos que tirou da sala antes de sair. Ele tirava sempre algumas fotos antes de sair para que, ao voltar, ele pudesse verificar que nada tinha sido perturbado e que não havia sinal de entrada. Depois de se satisfazer que nada tinha sido movido e que as gavetas que ele tinha deixado aleatoriamente parcialmente abertas estavam exatamente na mesma posição, ele apagou as fotos, fechou as cortinas das janelas e ligou a luz.

Malek colocou a mala sobre a mesa, abriu o fecho, tirou o grande envelope que ele já sabia que continha 20 mil euros em

notas de cinquenta euros. Em seguida, tirou o pacote de forma oblonga e desembrulhou-o para tirar uma arma de assalto VZ58 checa — uma arma de fogo seletiva que funciona a gasolina, alimentada por cartuchos, capaz de disparar 800 tiros por minuto — com um apoio para o ombro, aço dobrável e dois cartuchos de liga leve e com capacidade para 30 cartuchos redondos. Depois de verificar com habilidade que o mecanismo foi oleado e funcionava suavemente, ele cuidadosamente embrulhou a arma em papel de cera pesado e acastanhado e colocou-o com o dinheiro de volta no ponto de espera onde ele estava prestes a entregar aos irmãos Aziz e Rashid Gharbi a quem ele já havia fornecido anteriormente uma outra VZ58 semelhante e dois cartuchos vazios. Mais perto do dia agendado para o ataque, ele teria outra mala com 120 rodadas de munição, juntamente com um telemóvel, fios, detonadores e explosivos plásticos C-4 (RDX) não fáceis de detetar que, como ele sabia, era recomendado no currículo padrão da Al-Qaeda para o treino de explosivos e era o explosivo de escolha para os ataques terroristas.

Malek olhou para o relógio para confirmar que ele ainda tinha muito tempo para ter a sua reunião de uma hora com os irmãos que eram fanáticos um tanto desequilibrados, nascidos de pais imigrantes argelinos que recrutara para a próxima operação. Os irmãos — de uma área desfavorecida perto do 19º bairro sem expectativa de participação na sociedade francesa — eram mal-educados, frequentemente desempregados, marginalizados

e inicialmente dependiam de pequenos crimes antes de avançar para o tráfico de drogas e roubos à mão armada. Eles tornaram-se potenciais terroristas depois de serem motivados e radicalizados por uma figura guru revolucionária e carismática numa mesquita dentro do 19º bairro. Malek sempre fez questão de encontrá-los convenientemente no Mercado Barbès, sob a elevada estação de metro linha 2 La Chapelle no Boulevard do mesmo nome. Sendo principalmente um enclave para árabes e africanos, a agitação frenética do mercado todas as quartas e sábados proporcionou um ambiente ideal e seguro para as suas reuniões furtivas periódicas.

Desde que tinha chegado a Paris dois anos antes com um passaporte falso como cidadão neozelandês de pais argelinos, parte da vida dupla de Malek incluiu trabalhar num bar de vinhos na Rua de Dunkerque no 18º bairro. A sua fluência em árabe, conhecimento credível do Alcorão e um interesse apaixonado pela política do Médio Oriente permitiram que ele gradualmente se inserisse firmemente na comunidade árabe muçulmana.

Antes de ser enviado a Paris como "agente inativo", Malek ganhou respeito ao participar num campo de treino terrorista administrado pelo Erik-e-Taliban Paquistânês (TTP) no Paquistão, onde grupos de cerca de vinte homens eram treinados a qualquer altura. A inscrição em tais programas de treino militar era bastante difícil, especialmente para os estrangeiros que — como resultado de violações de segurança que levaram a vítimas, incluindo civis inocentes de ataques com

drones dos EUA — eram suspeitos de serem espiões. Para aqueles que passaram no processo de triagem, o treino de cada dia começava invariavelmente com as preces da manhã em direção a Meca, seguidas de uma conversa sobre o importante significado da jihad. Os treinos físicos e o treino operacional eram fornecidos durante o dia por jihadistas veteranos, ou ocasionalmente por ex-membros da Direção de Inteligência Inter-Serviços (DISIS) do Paquistão. Os recrutas eram ensinados a lidar com armas pequenas, como AK-47s, metralhadoras PK e lançadores de granadas com propulsão de foguetes (RPGs). Eles também eram instruídos em táticas para atacar comboios militares e para plantar minas. Os estudantes acima da média, como Malek, também receberam treino especializado adicional em bombas e segurança operacional. As sessões de treino noturnas estavam reservadas para a doutrinação, que incluía horas de visualização de atrocidades ocidentais contra os muçulmanos, de modo a reforçar a motivação dos recrutas para uma jihad.

De todos os vários movimentos terroristas religiosos e seculares, o terrorismo jihadista foi considerado como um dos mais perigosos porque combina a ideologia islâmica com os textos islâmicos — que estão abertos a diferentes interpretações — permitindo que os terroristas jihadistas adotassem uma interpretação extremista para justificar o seu uso de violência gratuita sob o pretexto de preservar o governo de Deus, defender o Islão e criar um califado (uma forma de governo islâmico

liderado por um califa). Isso, no entanto, não era o único motivo para o surgimento do jihadismo e os principais fatores motivacionais mais importantes que incluíam as narrativas históricas, ideológicas, socioculturais e políticas.

A narrativa histórica dizia respeito à superioridade da Idade Média (século V – século XV) do mundo muçulmano, que era mais avançado militarmente, filosoficamente e cientificamente do que o cristianismo ou outras civilizações líderes. Consequentemente, o surgimento do cristianismo ocidental como uma civilização imperialista ampliada e muito poderosa provou ser o principal fator que contribuiu para o declínio de um mundo islâmico formidável. Para os jihadistas, portanto, o uso da violência para defender o Islão era um meio justificado de se oporem à globalização ocidental.

Ideologicamente, ao tentar motivar e unificar coletivamente indivíduos diferentes com o propósito comum de proteger o Islão, o terrorismo jihadista legitimava a busca dos seus objetivos e abriu o caminho para que os jihadistas empregassem a violência para alcançarem os seus objetivos. Essa interpretação extremista dos textos islâmicos pelos jihadistas, no entanto, teve o efeito negativo de proporcionar aos críticos do islamismo a oportunidade de afirmar que o jihadismo era uma extensão da religião intolerante e violenta do islamismo.

A defesa dos valores socioculturais islâmicos também serviu de fator motivacional para o surgimento do jihadismo, cujos adeptos viam e reagiam ao mundo de acordo com um conjunto de

ideias, instituições, valores, regulamentos e símbolos percebidos. Porque o conceito de "comunidade" era muito dominante entre os muçulmanos, eles não se consideravam indivíduos, mas parte da comunidade que poderia legitimamente usar a violência ao se opor à influência e ao poder ocidentais. A narrativa política que contou a injustiça e o sofrimento sofridos pelos muçulmanos foi outro fator importante que ajudou a motivar e contribuir para a ascensão do terrorismo jihadista que considerava o colonialismo ocidental como o responsável por demolir o conceito e a possibilidade de uma reunificação política do mundo muçulmano sob uma regra mundial do califado. O Ocidente, liderado pelos EUA, também foi culpado pela divisão deliberada israelita do mundo árabe com as "mudanças de regime" que favoreceram os interesses geopolíticos e económicos ocidentais; pela contínua humilhação e perseguição do povo palestino por Israel; para o imperialismo ocidental liderado pelos EUA que infligiu dificuldades injustas e severas aos muçulmanos do mundo com a presença de tropas ocidentais em países como o Afeganistão, o Iraque e outros países do mundo muçulmano; e pelo seu apoio inconcebível de regimes repreensíveis e repressivos do Médio Oriente, como o da Arábia Saudita.

O prejuízo regional da Arábia Saudita, por outro lado, foi projetado para reter o controlo completo da família real da Casa de Saud sobre a riqueza e as pessoas do petróleo do país. Esta dinastia secreta, composta por milhares de descendentes de Muhammad bin Saud, os seus irmãos e a atual facção governante

dos descendentes de Abdulaziz bin Abdul Rahman Al Saud, gozava do poder de uma monarquia absoluta sem partidos políticos ou eleições nacionais. Qualquer atividade política ou dissidência desafiadora era severamente tratada por um sistema judicial que não tinha julgamentos com júris e observava poucas formalidades dos direitos humanos. Os presos — geralmente não vêm motivo para a sua prisão ou têm acesso a um advogado — eram submetidos a abusos e tortura que duravam até que uma confissão fosse extraída. A liberdade de pensamento e ação para os sauditas era ainda restringida pelas atenções da mutaween — polícia religiosa reconhecida pelo governo — cujo sentido de moralidade avariada frequentemente invadia a privacidade dos cidadãos e atravessava os limites da sanidade. A ideia de uma "Primavera Árabe" nos países vizinhos, portanto, era um conceito abominável para os governantes sauditas que tomaram medidas para garantir que o contágio da liberdade não atravessasse o território saudita.

Consequentemente, a Arábia Saudita, com a ajuda secreta de Israel, estava a causar caos e derramamento de sangue nos países do Médio Oriente e do Norte da África, fornecendo armamento de milhões de dólares para a Al-Qaeda e outras redes Takfiri — os muçulmanos acusavam outros muçulmanos de apostasia — que estavam a desestabilizar e a destruir civilizações uma vez orgulhosas no Iraque, Líbano, Líbia e Síria, fomentando a agitação sectária. Ao servir os seus próprios interesses, a Arábia Saudita também involuntariamente ajudou a cumprir

o desejo de Israel de instabilidade política e caos (dividir e conquistar) nos países predominantemente muçulmanos que o cercam. Do ponto de vista saudita, a existência de Israel como estado serviu para que as populações árabes do estado do Golfo se concentrassem em Israel como o inimigo do que suas próprias monarquias autocráticas que não estavam legalmente vinculadas ou restringidas pelas constituições.

O motivo de interferência da Arábia Saudita na Síria, por exemplo, representava o seu desejo de neutralizar a influência regional do Irão. Todos os seus discursos sobre o apoio à democracia na Síria era apenas uma pantomima política com o objetivo real a ser a instalação em Damasco de um regime subserviente à Arábia Saudita — o que, por sua vez, significava ser subordinado e sujeito ao controlo geopolítico dos EUA, Israel e Aliados que constituíram o empenho imperialista hostil contra o Irão. A Grã-Bretanha, a França e os EUA, entretanto, continuaram a reivindicar com diligência que estavam a apoiar "uma revolta pró-democracia" — um eufemismo para a mudança de regime — na Síria, que, é claro, deveria ser esperado daqueles que afirmam hipocritamente que estavam "a defender" a liberdade e os direitos humanos. Tais alegações, no entanto, não eram mais do que uma conspiração criminoso ocidental que coincidiu com ambos os planos de Israel e para servir os interesses dos ditadores primitivos do estado, semelhante ao estilo feudal, do Golfo, que o Ocidente apreciava pelo seu também primitivo petróleo. A causa jihadista foi,

consequentemente, uma em que Malek Bennabi estava envolvido de todo o coração e, especialmente, em relação aos planos atuais para ensinar ao Ocidente uma lição com outro ataque terrorista.

8º Bairro, Paris, França

Depois de trocar as malas com Malek e deixar o café, Pierre — um homem cujas características e formas indistintas garantiu que ele passasse invariavelmente despercebido — caminhou até o estacionamento nas proximidades da Rua Du Faubourg-Poissonnière, onde ele entrou no Renault Clio, também indistinto, e se dirigiu para o seu apartamento no Quartier de l'Europe no 8º bairro. Apesar da sua conduta bem-educada, Pierre, no entanto, desencorajou muito firmemente qualquer socialização com os seus vizinhos no bloco de apartamentos. Ele não era o proprietário do seu apartamento que, como muitos outros em cidades de todo o mundo, tinha sido alugado numa localidade a longo prazo ou comprado diretamente para o uso do Mossad. A porta do apartamento tinha sido à prova de explosivos, as janelas eram resistentes a explosões e o vidro era capaz de bloquear os radares. Pierre era um agente katsa pertencente à Mossad.

Mossad era o serviço de inteligência israelita responsável pelo planeamento e realização de operações especiais além das fronteiras de Israel; atividades secretas no exterior, incluindo a recolha de informações; desenvolvimento e manutenção de relações especiais diplomáticas e outras vantajosas relações; impedimento do desenvolvimento e aquisição de armas não

convencionais por nações consideradas hostis a Israel, como o Iraque e o Irão; prevenção de atos terroristas contra alvos israelitas no exterior; transferência dos judeus "para casa" de países onde não havia nenhuma agência oficial israelita Aliya para Israel; e produção de inteligência estratégica, política e operacional.

Pierre teve a sua última tarefa em Paris, seis meses antes, devido ao sucesso de operações secretas anteriores, onde a sua fluência em árabe, francês e alemão o manteve em boa posição, como empresário, representante de vendas de software, fotógrafo freelancer e mesmo autor de guias de viagem usando diferentes identidades, passaportes "imaculados" e detalhes biográficos compilados meticulosamente por pesquisadores do Mossad. O seu valor e sucesso como agente foram principalmente devido a características felinas que incluíam um instinto predatório paciente, um senso de percepção de pontos humanos fortes e fracos e poderes de persuasão desordenados que eram qualidades essenciais para a manipulação bem-sucedida de pessoas.

Foram aquelas qualidades que lhe permitiram por mais de uma década ser o agente mais eficaz do Mossad em ajudar a estabelecer secretamente o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) com recrutamento, fornecimento de armas, apoio financeiro e ideologia que desempenhou um papel crucial no fornecimento de terroristas com o motivo de ação inicial e a lente através da qual eles se concentraram nos seus alvos selecionados.

Tais alvos — considerados legítimos e merecedores de serem atacados — incluíam indivíduos e instituições percebidas como opositoras aos princípios e bases morais ideologicamente fundamentados do ISIS. A propaganda baseada na ideologia também forneceu aos terroristas e ao resto do mundo uma justificação para o uso da violência bárbara ao transferir — como acontece com a justificação de autodefesa de Israel para a brutalidade criminal contra o povo palestino — a responsabilidade para com as vítimas que eram retratadas como tendo "forçado" os seus atacantes a responderem violentamente.

Como consequência de uma maioria dos meios de comunicação social sionista controlada/intimidada e um público geral invariavelmente sonâmbulo no Ocidente, quase ninguém jamais questionou porque Israel estava preocupado primordialmente e apoplecticamente com os palestinos, os iranianos, os sírios e os libaneses, e não com a Al-Qaeda, al-Nusra e ISIS? Porque esses grupos travaram guerras contra os inimigos árabes de Israel, mas não contra o próprio Israel? Para começar, o chefe da Irmandade Muçulmana responsável pela liderança da guerra contra o regime sírio não residia em Beirute, nem no Cairo, nem em Riade, nem em Teerão, mas em Telavive. A realidade era que, fornecendo ajuda médica, treino básico de armas e assistência militar absoluta, o estado de princípios altamente fundamentado de Israel era mais um benfeitor e amigo dos grupos terroristas muçulmanos do que os regimes árabes que Israel considerava os seus inimigos mortais. Além disso,

de acordo com um grupo de pensamento ligado à OTAN e ao governo israelita, o Ocidente não deve destruir o grupo extremista islâmico ISIS — que estava a cometer genocídios de grupos minoritários de limpeza étnica na Síria e no Iraque — porque o chamado Estado islâmico "pode ser uma ferramenta útil para minar" o Irão, o Hezbollah, a Síria e a Rússia.

A instigação secreta de Israel pelo Mossad de invasões de esquadrões da morte em todo o mundo árabe foi realizada por fanáticos religiosos, selvagens semianalfabetos e criminosos insanos com pouco conhecimento do Islão que, no entanto, ironicamente mantiveram o ódio declarado por Israel porque ignoravam o fato de que Israel era o seu principal patrocinador, ou era simplesmente incapaz de compreender algo além do que lhes disseram os seus líderes manipuladores que eram recetores regulares da benevolência israelita, o que a incorreção política só poderia descrever como um "flagrante incómodo israelita". Na realidade, a única consideração e motivação principal para a maioria dos jihadistas era a perspectiva de receber as proverbiais "trinta peças de prata" sem se preocupar em fazer perguntas.

Consequentemente, a inclinação de Israel para chantagear, subornar ou comprar recrutas para a sua estratégia de "fumo e espelhos" permitiu criar com astúcia o Hamas — o seu suposto arqui-inimigo — com o propósito de desunir a Organização Palestina de Libertação (OPL) e a Fatah; permitiram que ele se envolvesse diretamente na implementação do terrorismo islâmico em outros países do Médio Oriente; e permitiu que ele

estabelecesse grupos "falsos" da Al-Qaeda dentro do território sob o seu controle, de modo a justificar os seus maus tratos ao povo palestino.

Então, apesar de estarem envolvidos em hostilidades letais com o Hamas, foi o governo israelita do então Primeiro-Ministro Menachem Begin, que em 1978 — numa tentativa calculada de minar a liderança da OPL e Yasser Arafat — aprovou a aplicação do xeque Ahmad Yassin para estabelecer uma organização "humanitária" conhecida como Associação Islâmica, ou Mujama. A Irmandade Muçulmana fundamentalista formou o núcleo desse grupo islâmico que acabou por florescer no Hamas com a ajuda de Israel que — de acordo com os atuais e antigos funcionários da inteligência dos EUA — começou no final da década de 1970 para dar ajuda financeira direta e indireta ao Hamas para usá-lo como contrapeso para a OPL secular, explorando uma alternativa religiosa concorrente. Os israelitas também eram conhecidos por ter hospedado e dirigido campos de treinamento de mercenários terroristas no seu próprio país, a fim de produzir mercenários sob medida para uso no mundo árabe.

Antes de ser transferido para Paris, Pierre tinha sido fundamental para iniciar uma operação que envolveu Ansar Beit al-Maqdis — os Campeões do Santo Lugar, ou Campeões de Jerusalém — um grupo militante da Península do Sinai que operava no Sinai-Rafah. O grupo — que teria sido afiliado à Irmandade Muçulmana regionalmente ativa, ao mesmo tempo

em que prometeu fidelidade à ISIS — intimidou durante muitos meses civis de ambos os lados da fronteira com ataques letais. Como consequência desses ataques, o exército egípcio ordenou a evacuação de civis que habitavam a cidade de Rafah que estava localizada entre a fronteira entre o Egito e Gaza.

Ao evacuar Rafah e impor uma zona de quietude ao longo da fronteira de 12 quilómetros, o Egito esperava proteger a fronteira, parar o fluxo de armas para os grupos militantes e evitar novos ataques na península. A zona de silêncio do Egito afetou mais de 10 mil habitantes, engoliu muitas terras agrícolas e cortou os dois bairros, resultando em milhares de egípcios e os palestinianos de Gaza ficando desabrigados. A ação do Egito — ainda mais um exemplo de continuação do desrespeito pela dificuldade dos palestinianos — também fechou o último cruzamento restante de Gaza no mundo exterior, já que Rafah estava dividido entre Gaza e o Egito. Israel congratulou-se com a criação da zona que refletia a sua própria aplicação em 2001 de uma zona similar em torno de Gaza, que era uma faixa de três quilómetros de largura ocupando 44% do território de Gaza.

Embora o muito difundido Mossad tenha sido relativamente pequeno em comparação com muitos outros serviços de inteligência, aumentou a sua efetividade operacional através da construção de uma rede de ativos no exterior e sayanim (auxiliares voluntários / ajudantes) que ajudaram nas operações locais de recolha e espionagem. Sayanim eram agentes estrangeiros judeus não oficiais que foram recrutados na

premissa emocionalmente carregada de que, fornecendo a Israel e os seus agentes assistência e/ou apoio, quando necessário, dentro da capacidade das suas próprias profissões — seja eles, banqueiros, empresários, funcionários públicos, líderes de comunidade, gerentes corporativos, médicos, jornalistas, políticos etc. - eles estariam a ajudar a salvar vidas judaicas. Sayanim cujas fileiras incluíam membros dos conselhos de deputados para judeus, os mais altos órgãos de governo das comunidades nacionais, não eram pagos pelos seus serviços que eles simplesmente realizaram por um sentimento de devoção e dever para com Israel.

Os agentes katsas ou oficiais de inteligência infiltrados, entre outros deveres, supervisionaram os sayanim cuja ajuda podia variar desde o ponto morto até o de importância estratégica, como o fornecimento de alojamento, a assistência médica, o apoio logístico e o financiamento das operações. Os Sayanim mantinham contato regular com os seus supervisores katsa a quem regularmente forneciam notícias e informações locais, incluindo mexericos, rumores, itens no rádio ou TV, artigos ou relatórios em jornais e qualquer outra coisa que pudesse ser útil para o Mossad e os seus agentes. Os Sayanim também recolhiam dados técnicos e todos os tipos de inteligência evidente.

Apesar de serem membros regulares e supostamente honestos nas suas comunidades, os Sayanim, no entanto, lideravam a vida dupla ao estar intimamente envolvido com a rede de inteligência do Mossad. Tal envolvimento — especialmente nos EUA, onde

as questões de lealdade eram levantadas como resultado de muitos judeus americanos proeminentes que também tinham cidadania israelita — resultaram em judeus da diáspora sendo acusados de ter uma maior fidelidade a Israel do que aos seus países de origem. As críticas dessa natureza eram simplesmente descartadas pelos judeus como antissemitas. As fontes de inteligência estimaram que a rede mundial de sayanim era de mais de 100 mil.

Os agentes ativos e influentes, por outro lado, ao contrário do sayanim, não tinham que ser judeus e incluíam ex-ministros antigos e atuais britânicos, ex-Presidentes franceses atuais, deputados anteriores e atuais em países europeus e, certamente, a maioria dos membros do Congresso bilateral dos EUA. O uso de agentes ativos — ou agentes influentes não oficiais "que trabalhavam na política, nos meios de comunicação social ou em outras profissões significativas — permitiu que Israel exercesse influência em seu nome na medida em que assegurava que as suas ações e políticas ilegais eram sempre vistas em círculos políticos e relatados pela comunicação social nos termos mais positivos e brilhantes. O sucesso e o reconhecimento percebidos pelo Mossad — como o próprio Israel — ocorreram em grande parte devido ao fato de ser permitido escapar impune com o tipo de atividades ilegais que não seriam toleradas pelas agências de inteligência de outros países.

A missão de Pierre em Paris era acerca da implementação de outra operação de bandeira falsa israelita que, inevitavelmente,

pareceria não apenas como antissemita, mas também como um ataque terrorista islâmico contra as "liberdades" que os ingleses ocidentais acreditavam gostar. Como resultado do envolvimento de Pierre em tais operações, ele sabia, por experiência própria, que o sucesso dependia de uma série de fatores importantes, incluindo uma estrutura de comando com indivíduos sombrios e não identificados que instigavam e financiavam a operação; recrutamento de um ou mais indivíduos de QI baixos simples ou com caras a quem os principais meios de comunicação se concentrariam como o suposto perpetrador/perpetradores, como foi o caso de Lee Harvey Oswald no assassinato do Presidente John F. Kennedy em novembro de 1963; o uso de profissionais altamente treinados que, ao organizar e instigar os ataques, permaneciam pessoalmente anônimos e invisíveis para que a culpa fosse atribuída aos bodes expiatórios; e, finalmente, um controle ou influência essencial sobre os principais meios de comunicação corporativos, cuja conformidade na divulgação de informações erradas serviu para enganar o público em geral a acreditar que os indivíduos de QI baixos são os responsáveis e não os instigadores invisíveis e os seus agentes profissionais.

A capacidade de Israel de conduzir tais operações com impunidade foi comprovada pelo fato de que, mesmo quando as suas operações secretas haviam falhado ou eram expostas, escapou da retribuição enquanto ainda ganhava algum grau de sucesso, como foi o caso do Lavon Affair, uma operação secreta denominada Operação Susannah conduzida em 1954 no Egito

e envolveu o recrutamento de judeus egípcios para plantar bombas dentro de alvos civis egípcios, americanos e britânicos, cinemas, bibliotecas e centros educacionais americanos. Os bombardeamentos foram atribuídos à Irmandade Muçulmana, comunistas egípcios, nacionalistas e diversos descontentes com vista a criar um ambiente de instabilidade violenta que induzisse o governo britânico a manter as suas tropas ocupantes na Zona do Canal de Suez do Egito. Afinal descobriu-se que a única vítima da operação ocorreu quando a bomba que um deles carregava para colocar num cinema foi prematuramente acesa no bolso e levou à captura do grupo, o eventual suicídio de dois conspiradores e o julgamento, à convicção e execução de outros dois.

Embora a operação tenha sido um fracasso, no entanto, serviu o propósito de Israel ao desencadear uma cadeia de eventos em relacionamentos de poder do Médio Oriente que reverberaram até hoje, incluindo o julgamento público inicial e a convicção dos oito judeus egípcios que realizaram a operação secreta; uma invasão militar de retaliação por parte de Israel em Gaza que matou 39 egípcios; um acordo de armas egípcio-soviético subsequente que irritou os líderes americanos e britânicos que, conseqüentemente, retiraram o apoio financeiro prometido anteriormente para a construção da represa de Aswan; a anunciada nacionalização do Canal de Suez pelo Presidente do Egito, Nasser, em retaliação pela retirada desse apoio; e a subsequente invasão tripartida de Suez em 1956 por Israel, Grã-

Bretanha e França na tentativa de derrubar Nasser. Na sequência dessa invasão fracassada, a França expandiu e acelerou a sua cooperação nuclear em curso com Israel, o que eventualmente permitiu que o estado judeu construísse armas nucleares, apesar da oposição do Presidente dos EUA, John F. Kennedy, em cujo assassinato subsequente o Mossad de Israel estava envolvido.

Mais de uma década depois no dia 8 de junho de 1967, aviões de combate israelitas e navios de torpedos da Marinha deliberadamente não identificados atacaram o USS Liberty — um navio de pesquisa técnica naval nas águas internacionais a norte da Península do Sinai — matando 34 membros da equipa, ferindo 170 outros e prejudicando gravemente o navio com o intuito de culpar os egípcios pelo ataque para levar os EUA à guerra do lado de Israel. A declaração de Israel que o navio era egípcio foi posteriormente repetidamente contradita pelos oficiais americanos do navio que estavam certos de que a intenção de Israel era afundá-los; por um piloto principal israelita que afirmou ter imediatamente reconhecido o navio como americano, ter informado a sua sede, mas foi solicitado a ignorar a bandeira americana e continuar o ataque, recusou-se a fazê-lo e ao regressar à base foi preso; pelo então Embaixador dos EUA no Líbano, que confirmou que a vigilância na rádio da Embaixada tinha ouvido os protestos do piloto; por um Major israelita de dupla nacionalidade que estava na sala da guerra e afirmou que não havia dúvida de que a USS Liberty era americana; por um ex-advogado da Marinha envolvido na

investigação militar do ataque que afirmou que o inquérito tinha sido instruído pelo Presidente Johnson e pelo secretário de defesa Robert McNamara para "concluir que o ataque era um caso de "identidade equivocada" apesar da evidência esmagadora em contrário "; e por um ex-Presidente dos Chefes de Estado-Maior que depois de passar um ano a investigar o incidente concluiu que era "um dos clássicos encobrimentos americanos. . . Porque o nosso governo colocaria os interesses de Israel à frente dos nossos?"

O assalto, no entanto, permaneceu como o único incidente marítimo na história dos EUA, onde as forças militares dos EUA foram mortas sem que houvesse uma investigação pelo Congresso dos EUA ou justiça para as vítimas e as suas famílias. O fracasso traiçoeiro do governo americano para investigar adequadamente o ataque enviou uma mensagem clara aos israelitas de que, se o governo americano — liderado por um intrépido Presidente Johnson, que temia acabar como o seu antecessor, John F. Kennedy — não teve coragem para puni-los pelo assassinato de militares americanos, então eles poderiam escapar impunes de qualquer coisa.

O fracasso do governo dos EUA em investigar completamente um ataque contra a América foi posteriormente repetido numa escala muito maior no caso de 11 de setembro de 2001 — conhecido como ataques coordenados no 11 de setembro em marcos simbólicos dos EUA, incluindo as torres gémeas do World Trade Centre (WTC) no Lower Manhattan de Nova

York. Embora consideradas como símbolos do poder americano dominando o horizonte de Nova York, os edifícios do WTC não estavam apenas a custar à Autoridade Portuária de Nova York milhões de dólares em manutenção, enquanto o arrendamento estava em declínio, mas também estava a representar um sério risco para a saúde resultante de suas vigas de aço terem sido pulverizadas com amianto à prova de fogo décadas atrás durante a sua construção. Assim, após anos de litígio que perdeu em 2001, a Autoridade Portuária tornou-se responsável pela remoção do amianto que poderia ter custado bilhões de dólares aos Estados Unidos. Mas, apesar dessa responsabilidade, Larry Silverstein — um empresário judeu, proprietário de Silverstein Properties, e um amigo muito próximo de Benjamin Netanyahu — tratou da aquisição do WTC meses antes do 11 de setembro por uns insignificantes 115 milhões de dólares por meio do bilionário sionista Lewis Eisenberg, Presidente de o Comité Nacional Republicano e o chefe da Autoridade Portuária de Nova York.

Silverstein então tomou o hábito de tomar café da manhã e café com a sua filha todas as manhãs no espetacular restaurante "Janelas para o Mundo" do WTC, mas felizmente para ele na manhã do dia 11 de setembro de 2001, ele acabou por ter uma consulta com um dermatologista. Igualmente fortuito para Silverstein, foi o fato de que ele já não só ter dobrado a apólice de seguro dos edifícios, mas também se certificou de que tal apólice incluía atos de terrorismo, de modo que,

com o Jutók Chutzpah, ele arquivou uma ação judicial contra a companhia de seguros que exigia o dobro pagamento desde que os dois aviões tinham embatido nas torres gêmeas do WTC. Silverstein foi então abençoado com uma boa fortuna inacreditável quando praticamente todos os litígios do 11 de setembro foram canalizados através do tribunal do juiz Alvin Hellerstein, que assim como Silverstein e Eisenberg, também um sionista raivoso com laços estreitos com Israel. Escusado será dizer que o pedido de Silverstein foi reconhecido pelo tribunal e foram pagos 4.550.000.000 dólares.

Coincidentemente, o filho e a irmã do advogado de Hellerstein tinham emigrado dos EUA para assentamentos sionistas ortodoxos nos Territórios Ocupados. Tanto Hellerstein como o seu filho costumavam trabalhar para o bem conhecido escritório de advocacia judaico Stroock, Stroock & Lavan LLP, que além de ter uma longa história de representar os Rothschild e outros sionistas de alto nível, também se associou ao Tribunal Civil, Sociedade de Ajuda Legal e Associação de Advogados do centro cidadão para estabelecer um projeto em resposta a milhares de pequenas empresas que foram fisicamente danificadas ou de outra forma afetadas até o 11 de setembro.

Num documentário do Public Broadcasting Service (PBS) em 2002 "A América Reorganiza-se", Silverstein admitiu a cumplicidade na demolição controlada do WTC-7, um arranha-céus de 47 andares que desabou em 6,5 segundos e para o qual ele tinha reunido mais de 861 milhões de dólares das seguradoras.

Os especialistas em demolição já disseram que a forma do colapso de todos os edifícios do WTC só poderia ter ocorrido com os edifícios a terem sido ligados para demolição e não há escassez de informações na internet mostrando o envolvimento israelita com impressões digitais israelitas/judaicas durante todo o período dos ataques de 11 de setembro.

Além de Silverstein, alguns das outras influências judaicas na saga do 11 de setembro incluíram Ronald S. Lauder — um membro do conselho de administração do comitê de privatização de Nova York — que incentivou a privatização do WTC; Lewis Eisenberg — Presidente da Autoridade Portuária de Nova York — que autorizou o arrendamento do complexo WTC a Silverstein; Jules Kroll — proprietário da Kroll Associates — que tinha o contrato para executar a segurança no WTC; Jerome Hauer — que dirigiu Kroll Associates — e dirigiu o escritório de gestão de emergências do Presidente da Câmara Rudy Guiliani de 1996 a 2000; Rabi Dov Zakheim — da System Planning Corporation, que possuía a tecnologia para assumir os aviões e conduzi-los por controlo remoto — quem, enquanto o controlador do Pentágono, de 4 de maio de 2001 a 10 de março de 2004, supervisionou o desaparecimento de duas grandes somas do Pentágono com cerca de 2,3 triliões de dólares foram relatados desaparecidos pelo Secretário de Defesa Donald Rumsfeld; Michael B. Mukasey — o juiz que supervisionou o litígio entre a Silverstein e as companhias de seguros na sequência do 11 de setembro — e garantiu que Silverstein

recebesse bilhões de dólares; Michael Chertoff — um cidadão com nacionalidade dupla dos EUA e Israel - que foi procurador-geral assistente da divisão criminal do Departamento de Justiça antes de se tornar no Diretor de Segurança Interna; Richard Perle — também conhecido como o "príncipe da escuridão" — que era o Presidente do Conselho de Política de Defesa do Pentágono na época do 11 de setembro e já tinha sido expulso na década de 1970 do escritório do senador Henry Jackson depois que a NSA o ter apanhado a fornecer documentos classificados a Israel; Paul Wolfowitz — que foi vice-secretário de Defesa — e membro do Conselho de Política de Defesa no Pentágono na ocasião do 11 de setembro; Eliot Abrams — um conselheiro chave do Conselho de Segurança Nacional, apesar de ter sido condenado por mentir ao congresso no Caso Irão/Contra , mas depois indultado pelo Presidente Bush — que foi associado com as grande mentes israelitas do Instituto das Empresas Americanas (AEI), Projeto para o Novo Século Americano (PNAC), Concentração de Projetos de Energia Solar (CSP) e Proteger a América, Reforçar Israel (JINSA) como bem como Perle, Feith, Wolfowitz e Bill Kristol.

Pouco antes do 11 de setembro, mais de 140 israelitas foram presos por suspeita de espionagem, muitos deles infiltrados como estudantes de arte. Os suspeitos tinham como alvo ou entrada em bases militares, Agência de Luta contra a Droga (DEA), Departamento Federal de Investigação (FBI), Serviços Secretos, Departamento de Álcool, Tabaco, Armas e Explosivos (ATF),

Alfândega dos EUA, IRS, Serviços de Imigração e Naturalização (INS), Agência de Proteção Ambiental (EPA), Departamento do Interior, Departamento de Xerifes Americanos, vários escritórios de advogados dos EUA, escritórios secretos do governo e até mesmo não listados, casas particulares de funcionários responsáveis pela aplicação da lei/inteligência. A maioria dos suspeitos serviu na inteligência militar, intercetação de vigilância eletrônica e /ou unidades de ordem explosiva. Dezenas de israelitas foram presos em quiosques de centros comerciais americanos a vender brinquedos, agindo como uma frente para uma operação de espionagem. Sessenta suspeitos detidos trabalharam para a empresa israelita AMDOCS, que forneceu a maioria das chamadas de assistência de diretório e quase todos os registros de chamadas e serviços de faturação para os EUA em virtude de seus contratos com as 25 maiores companhias telefônicas dos EUA.

Após o 11 de setembro, o Presidente da Câmara de Nova Iorque, Rudolph "Rudy" Giuliani, iniciou a remoção imediata com cerca de 120 camiões de despejo de 1,5 milhão de toneladas de detritos ainda ardentes, contendo partes do corpo e evidências vitais que foram destruídas — com grande parte do aço mutilado sendo examinado rapidamente e vendido a um preço de desconto para a empresa chinesa Baosteel, impedindo assim uma investigação completa da cena do crime de um ataque que causou a maior perda de vida e danos materiais na história dos EUA. Giuliani posteriormente mentiu e mudou a sua história

sobre ter recebido um aviso sobre o colapso das torres gêmeas e que ele não teria informado os outros.

Outra consequência do 11 de setembro foi o risco para a saúde para os milhares já presentes na cena e para os primeiros intervenientes dos serviços de emergência engarrafados pelo vômito venenoso de amianto, benzeno, cádmio, chumbo, mercúrio e outras partículas de que muitos ainda estão a sofrer e continuam a morrer de cancro, apesar das repetidas garantias na época de Christine Todd Whitman, administradora da Agência de Proteção Ambiental, de que o ar era seguro para se respirar sendo o nível de contaminantes baixo ou inexistente: uma mentira audaciosa a que ela se agarrou tenazmente até hoje.

A supressão da verdade foi orquestrada pelo governo de Bush, com o Presidente mantendo-se por 441 dias até 27 de novembro de 2002 — enquanto resistiam ativamente a um inquérito e exortando o líder da maioria do Senado, Tom Daschle, a limitar uma investigação pelo Congresso — para estabelecer uma comissão para investigar os trágicos eventos daquele dia. O fato de o Presidente querer limitar o escopo de qualquer inquérito foi confirmado pela sua escolha inicial do megalomaniaco Henry Kissinger como Presidente, cujo líder se contorceu sobre a questão dos conflitos de interesses o levou a renunciar sem glória. Indiferente, o governo de Bush, de forma colusiva, separou-se do judeu sionista Philip Zelikow — um ex-membro do Conselho de Segurança Nacional da administração Bush anterior — como o Diretor Executivo da Comissão

ditatorial que contratando todos os funcionários da Comissão e restringindo a informação disponível aos seus membros, de fato exerceu um controlo criminoso e subversivo sobre a direção e o escopo da investigação. O substituto de Henry Kissinger como Presidente — o ex-governador republicano de Nova Jersey Thomas Kean — descreveu posteriormente a Comissão como tendo sido deliberadamente configurada para falhar sendo, entre outras coisas, severamente subfinanciada e apressada.

Desconhecido para outros membros da Comissão na época era o fato — que não se tornou conhecimento comum até os últimos meses da investigação da Comissão — que Philip Zelikow tinha sido autor de um documento de 31 páginas em setembro de 2002 intitulado "A Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos" que havia sido submetido pelo governo de Bush ao Congresso. O documento defendeu que os EUA devem construir e manter as defesas militares além do desafio; deve garantir que os esforços para cumprir os compromissos de segurança global dos EUA e a proteção dos americanos não fossem prejudicados por investigações potenciais, inquéritos ou ações judiciais pelo Tribunal Penal Internacional; e deve declarar a própria guerra contra o terrorismo porque "o inimigo não é um único regime político, pessoa ou religião ou ideologia". O inimigo é o terrorismo — "violência premeditada e politicamente motivada perpetrada contra inocentes". O documento de Zelikow, que era uma inversão fundamental dos princípios de contenção e dissuasão

dos EUA, obviamente tinha sido escrito com o Iraque em mente e era estranho como — por coincidência ou desígnio — que a ocorrência do 11 de setembro e os eventos subsequentes simplesmente se encaixassem com o plano de Israel para a divisão e a destruição dos seus principais rivais árabes no Médio Oriente.

No seu livro *No Centro da Tempestade: Os Meus Anos na CIA*, George Tenet, ex-diretor da agência, afirmou que, no dia seguinte ao 11 de setembro, ele encontrou Richard Perle, um dos principais neoconservadores e o chefe do Conselho de Política de Defesa, saindo da Casa Branca. Tenet afirmou que Perle se dirigiu a ele e disse: "O Iraque tem que pagar um preço pelo que aconteceu ontem. Eles são responsáveis". Isso, apesar do fato de Tenet ter afirmado que "a inteligência então e agora" demonstrou "nenhuma evidência de cumplicidade iraquiana" nos ataques. Como resultado da instigação subsequente e incessante dos sionistas-neoconservadores nas fileiras do governo americano, os EUA lideraram a invasão ilegal do Iraque.

O jornal *The New York Times* relatou que quando "perguntou hoje à noite o que o ataque significava para as relações entre os Estados Unidos e Israel", Benjamin Netanyahu, ex-Primeiro-Ministro, respondeu: "É muito bom". Então ele se editou: "Bem, não muito bom, mas isso gerará simpatia imediata". Ele previu que o ataque "fortaleceria o vínculo entre os nossos dois povos, porque experimentamos o terror durante tantas décadas, mas os Estados Unidos já experimentaram uma enorme hemorragia do

terror".

O ataque planejado de Pierre contra um alvo ostensivamente judeu em Paris era seguir o alerta arrogante e ameaçador do Primeiro-Ministro israelita de que o parlamento francês cometeria "um grave erro" se votasse pelo reconhecimento de um estado palestino. O ataque destinava-se a ajudar a prevenir o recente aumento do apoio da opinião pública europeia a um estado palestino — o próprio pensamento de que era incompatível com a ideologia sionista do apartheid de um grande Israel (Eretz Yisrael) apenas para os judeus — abrindo as portas da islamofobia o que por sua vez prejudicaria e desacreditaria as aspirações palestinas. Embora Pierre não tivesse ilusões sobre o próximo ataque de Paris que combinaria com os benefícios de propaganda que Israel obteve a partir do 11 de setembro, ele estava confiante que uma série de ataques muito mais modestos em Paris e noutras cidades europeias atingiriam o objetivo de contribuir para a abominação, e o medo do islamismo como a religião do ódio entre as massas ocidentais farpadas e alvo de lavagens cerebrais e impelir a França a se tornar um estado militarizado com suspeita, medo e ódio racial.

4

Domingo, 6 de dezembro

Londres, Inglaterra

O Chefe do Executivo do Conselho de Deputados dos judeus britânicos não costumava ir ao escritório da diretoria no norte de Londres aos domingos, mas hoje foi uma dessas exceções por causa da atual campanha para desacreditar o Partido Trabalhista britânico — cujo novo líder tinha no passado descrito os políticos israelitas como "criminosos" e criticado a cobertura da BBC sobre a Palestina — acusando-a de ser ancestral com o antissemitismo. Ela estava prestes a começar o trabalho quando recebeu um telefonema do Diretor de Comunicações do Conselho, dizendo-lhe para ir online para verificar o último artigo de Mark Banner sobre Israel. Ela não perdeu tempo a fazê-lo e ficou indignada com o que leu.

Tendência histórica de Israel para a chantagem, a corrupção e a intimidação

Banner

Domingo, 6 de dezembro

A 26 de novembro de 1947, quando se tornou evidente para os sionistas e os seus apoiantes que a votação da ONU sobre a Partição da Palestina ficaria aquém da maioria necessária dos dois terços na Assembleia Geral, eles bloquearam o adiamento até depois do Dia de Ação de Graças, ganhando tempo para

ameaçar a perda de ajuda para nações como a Grécia — que planeava votar contra — para mudar os seus votos. O Presidente dos EUA, Truman, que também foi ameaçado com a perda do apoio judaico nas eleições presidenciais seguintes, notou que:

"Os fatos eram que não só havia movimentos de pressão em torno das Nações Unidas ao contrário de qualquer coisa que havia sido vista lá antes, mas que a Casa Branca também foi submetida a uma barragem constante. Não acho que tenha havido tanta pressão e propaganda voltadas para a Casa Branca como eu tinha visto na presente instância. A persistência de alguns dos líderes sionistas extremos — atuando com motivos políticos e envolvendo ameaças políticas — perturbaram-me e irritaram-me. "

A 29 de novembro de 1947, a ONU votou num Plano de Partição modificado — apesar da oposição árabe que afirmava que violava os princípios da Carta da ONU de autodeterminação nacional — recomendando a criação de estados árabes e judeus independentes com um regime internacional especial para a cidade de Jerusalém. A adoção da resolução provocou o conflito de 1947/48, incluindo as atrocidades dos grupos terroristas sionistas cuja brutalidade genocida foi responsável pelo assassinato de milhares de civis palestinos desarmados e o êxodo forçado de mais de 750 mil outros. Na época, o consenso da opinião mundial era que a criação contenciosa de Israel tinha sido permitida como um ato consciente e voluntário de compensação do Holocausto, que incluía a tolerância dos

seus crimes contra a humanidade. Desde então, Israel aderiu firmemente a essa tática bem-sucedida de chantagem, suborno e intimidação para suprimir e silenciar — com acusações de antissemitismo e negação do Holocausto — qualquer crítica às suas flagrantes violações dos direitos humanos e ao arrogante desrespeito pelo direito internacional.

O medo de ser visto como um antissemita é agora uma fobia universal que o apartheid sionista de Israel reforça com a vigilância estilo Gestapo que permeia os meios de comunicação corporativos, parlamentos e universidades. Isso é mais evidente nos Estados Unidos, onde o Comitê Americano de Assuntos Públicos de Israel (AIPAC) atua nas cidades universitárias com um Programa de Desenvolvimento de Liderança Política de Atividades pró-Israel, incluindo relatórios sobre os professores, estudantes e organizações universitárias críticas às políticas israelitas. Os "malvados" — exposto no Guia do Colégio da AIPAC e no Prêmio de Campus Pró-Israel — estão sujeitos a assédio, suspensão ou mesmo demissão.

O lóbi da AIPAC no governo dos EUA inclui a provisão de documentos de posição política detalhados focados na importância estratégica ilusória de Israel para os Estados Unidos. O registro do Congresso é controlado diariamente e registros abrangentes são mantidos de todos os membros desde os discursos, comentários informais, correspondência constitutiva e padrões de votação em questões relacionadas a Israel. O próprio AIPAC estima que mais da metade dos membros do Congresso e

do Senado (que colocam os interesses israelitas acima dos do seu próprio país) sempre pode ser invocado por um apoio inabalável. Todos os anos, cerca de 70 a 90 deles são recompensados com viagens financiadas pelo AIPAC a Israel. A ironia por trás da erosão da AIPAC na democracia americana é que ele está efetivamente financiado — com quase 4 bilhões de dólares de ajuda anual dos EUA a Israel — por contribuintes americanos, dos quais 50 milhões estão a viver abaixo da linha de pobreza, com 47 milhões deles a receber cupões de alimentos.

O insidioso cancro do AIPAC também está a ser disseminado com mais viagens gratuitas por grupos "Amigos de Israel" na maioria dos parlamentos europeus; pelo Conselho de Relações Australianas, Israelitas e Judaicas (AIJAC); e pelo recentemente formado Comité de Relações Públicas de Israel da África do Sul (SAIPAC), que se esforçará para silenciar a crítica por um povo já familiarizado com as iniquidades do apartheid

Além disso, a comunicação social incorporada corporativa — além de ser principalmente detidos ou influenciados por amigos de Israel — também está vedado pelo medo de ofender o lóbi sionista que insiste que mesmo a expressão "Apartheid de Israel" é antissemita. Esse estrangulamento na comunicação social é ainda mais apertado pelas organizações sionistas de exibição da comunicação social, como o Comité para a Verdade nas Reportagens no Médio Oriente na América (CAMERA) e o BBC Watch da Grã-Bretanha, que não perdem tempo em vilipendiar quaisquer relatórios negativos sobre Israel.

Apesar de ser uma nação numa profunda crise existencial, Chutzpah Israel continua a reivindicar ser uma democracia social judaica com valores éticos exemplares. Tais alegações servem como uma cortina de fumo para a mentira, a trapaça, o roubo e o assassinato sem fim, assegurando a falta de responsabilidade pelos seus crimes atrozes, prejudicando o processo de governo democrático ocidental. Em vez de condenar incondicionalmente Israel pelo seu último ataque aos palestinianos em Gaza, os líderes ocidentais confirmam que foram comprados para trair os valores morais dos seus eleitores, fazendo uma falsa afirmação do "direito de Israel de se defender" como um estado judeu.

Israel não tem tal direito — dado por Deus ou de outra forma — porque por quase 70 anos foi o agressor com uma brutalidade genocida coincidindo com a dos nazis. O objetivo do sionismo de criar um "Israel Grande" requer a "Solução Final" de expulsão dos não-judeus, mesmo que isso signifique que — como foi recentemente enunciado pelo Ministro do Interior de Israel — "Gaza deve ser bombardeada de volta para a Idade Média". Durante a Segunda Guerra Mundial, inúmeras vidas e recursos foram gastos para derrotar o nazismo. No entanto, hoje, nada é feito enquanto uma forma ainda mais insidiosa do mal destrói lentamente o conceito de governo democrático e o pouco que resta da decência humana.

Chegou o momento da "Maioria Silenciosa" finalmente dar voz à sua indignação — sem manifestações ou violência — enviando vários emails aos seus representantes eleitos. Os

políticos de baixo nível de moralidade que têm a sua caixa de entrada regularmente inundada com milhares de emails rapidamente perceberão que ignorar a vontade da maioria para servir interesses minoritários sionistas e corporativos sozinhos, não será suficiente para serem reeleitos. O povo palestino não deve continuar a pagar pelo complexo de culpa do Ocidente sobre o Holocausto.

5

Quarta-feira, 9 de dezembro
Talbiyah, Jerusalém Ocidental

Apesar de estar confortavelmente aposentado no seu apartamento de luxo com jardim no valor de 1,5 milhões de dólares — com mobília feita a pedido, uma piscina e um jardim bem regado com relvados bem cuidados — na Rua Disraeli no bairro de pessoas ricas de Jerusalém Ocidental de Talbiyah onde vivem funcionários importantes do governo, Abe Goldman, no entanto, sempre se levantou às sete todos os dias para um café da manhã agradável enquanto se ponha a par das últimas notícias e em seguida assiduamente lia os seus emails. Como um judeu nascido e criado na África do Sul, Goldman já estava familiarizado com as consequências de ser um colono indesejável num estado de apartheid, onde o deslocamento e a opressão da população indígena foi um elemento essencial do colonialismo que tinha de ser justificado continuamente para o resto do mundo, controlando e influenciando a sua perceção em aceitar o inaceitável.

A ascensão meteórica do Goldman em Joanesburgo seguiu a sua graduação com uma licenciatura em direito mercantil da Universidade Faculdade de Direito do Estado Livre em Bloemfontein. Depois de passar três anos com uma empresa de direito comercial, ele juntou-se ao departamento jurídico

de um conglomerado de minas que controlava algumas 1.200 filiais envolvidas em tudo desde minas de carvão antracite até a exploração da cultura Zulu para fins turísticos.

A sua oportunidade para a progressão na carreira então fortuitamente ocorreu no início dos anos sessenta quando o Conselho de Segurança das Nações Unidas condenou o apartheid e estabeleceu um embargo de armas voluntário. Quando a gama de sanções contra a África do Sul aumentou e se tornou persistente, tornou-se imperativo para o governo de Africâner e conglomerados de negócios de alguma forma contornar os embargos, encontrando as duas fontes alternativas de abastecimento e mercados de exportação. Israel, conseqüentemente, foi a escolha mais óbvia, não só por causa das suas conexões de negócios judaicos à África do Sul, mas também devido ao fato que ambas as nações compartilhavam desafios sociopolíticos semelhantes.

Durante os primeiros anos que se seguiram à sua criação como um estado, Israel tinha mantido relações amistosas com numerosas nações africanas antiapartheid cujo apoio à Assembleia Geral das Nações Unidas em Israel era necessário para combater a oposição muçulmana árabe. Como nações africanas, no entanto, gradualmente deixaram de apoiar Israel, cujas políticas de apartheid eram vistas como sendo ainda mais duras do que as de Africâner da África do Sul, e Israel foi forçado a procurar um aliado africano alternativo e foi com a África do Sul que uma aliança de interesses compartilhados se começou

a materializar. Começar com os dois estados que tinham sido estabelecidos em terra roubada de uma maioria indígena; ambos estavam em menor número e cercados por inimigos que tinham de ser desunidos e mantidos afastados com força militar; e ambos estavam sujeitos a condenação regular por resoluções da ONU que, no caso de Israel, sempre foram vetados pelo seu aliado de superpotência e politicamente um laçao apático, os Estados Unidos.

Como uma aliança de comércio era de vital importância, Goldman foi enviado na sua primeira viagem a Israel em missão exploratória como um enviado não-oficial para o governo sul-africano e com interesses de negócios corporativos. O seu mais que premente objetivo era garantir uma tábua de salvação de Israel para o abastecimento de munições que eram essenciais para a contínua repressão da maioria negra sul-africana. Numa determinada fase Israel tinha mesmo concordado em vender armas nucleares à África do Sul, mas a oferta tinha sido eventualmente negada devido ao custo proibitivo envolvido. Além de estabelecer um acordo que incluísse usar Israel como um intermediário para comprar armas de outros países que de outra forma seria proibido para África do Sul, Goldman também foi instrumental na organização para os produtos agrícolas sul-africanos serem enviados pelos voos de carga para Israel onde eles seriam empacotados novamente e reexportados como sendo de origem israelita. Tais produtos israelitas então acabariam nas prateleiras de grandes supermercados europeus em contravenção

com os embargos.

O serviço do Goldman à nação Africâner foi finalmente reconhecido em 1983, quando ele se tornou o único não-Africâner a tornar-se membro honorário da sociedade secreta Afrikaner Broederbond (Irmandade Africâner) que tinha sido fundada após a segunda Guerra Anglo-Boer de 1899, quando a depressão, secas severas e colheitas destruídas forçaram muitos Africaneses a trabalhar nas cidades e minas como trabalhadores de classe baixa — uma situação que serviu para aumentar as tensões raciais que, naqueles dias, existiam entre os Africaneses e britânicos mais do que entre brancos e negros. A anglicização forçada da cultura Africâner e o debate sobre se se deve ou não lutar ao lado dos britânicos na Primeira Guerra Mundial foram também causas para o debate e a divisão entre o povo Africâner. Foi, portanto, durante esse período de dúvida e desilusão que o Afrikaner Broederbond foi criado em 1918 para trabalhar para a unificação do povo Africâner e trazer a vitória da eventual eleição do Partido Nacional Africâner em 1948.

Apesar de Goldman ter ficado impressionado com como os destinos de muitos poderiam ser determinados em segredo pela vontade de alguns coniventes — porque eles eram invisíveis, inéditos e desconhecidos —, ele percebeu, no entanto, essa regra da minoria branca por meio de supressão de uma maioria negra teria mais cedo ou mais tarde que ter um fim. Que ele soubesse, Afrikanerdom estava condenado ao fracasso, porque era evidente para ele que com o que os

judeus estavam a escapar imunes na Palestina, os Africaneses nunca poderiam esperar continuar a ficar impunes da mesma maneira na África do Sul. Os Africaneses, ao contrário dos judeus, não tinham sido vítimas de um holocausto que havia sido infinitamente publicitado, promovido globalmente e impiedosamente explorado; o sofrimento Africâner passado — uns meros 26.000 (10% de toda a população Africâner) tinha morrido nos campos de concentração britânicos durante a Guerra Boer — não foi numa escala comparativa para o Holocausto ter acumulado o montante ou tipo de simpatia internacional que iria tolerar a violação continuada dos direitos humanos contra uma população indígena; aos Africaneses, ao contrário dos israelitas, faltavam-lhes o benefício de ter o apoio dos vetos americanos na Assembleia das Nações Unidas; os Africaneses não tinham uma rede global dedicada de lobistas bem financiados que poderiam comprar influência política, controlar a emissão de relatórios da comunicação social e suprimir a opinião pública negativa; e os Africaneses não têm agentes políticos ocidentais de influência contaminando o processo democrático em seu nome, perigosamente, e apoiando uma pretensão judaica bíblica inventada para a "Terra Prometida".

Por volta de fevereiro de 1987 Goldman tinha começado a tratar de aproveitar a Lei de Regresso Israelita, um princípio básico da ideologia sionista, que concedeu a todos os judeus do mundo — incluindo aqueles que gostam que os seus

antepassados nunca tenham ido lá ou tenham tido qualquer relação com Israel — o direito a estabelecerem-se numa terra na qual os palestinianos indígenas foram aterrorizados e forçadamente expulsos por forças paramilitares sionistas. Como resultado, agora havia alguns 7 milhões de refugiados palestinianos com nenhum do tal "direito de regresso" e que, como indivíduos apátridas também estavam a ser privados de todos os direitos humanos básicos que os governos ocidentais sionistas controlaram e estes constantemente e hipocritamente alegaram estar a lutar por eles. Em julho de 1988, Goldman e a sua família voltaram para Israel e tornaram-se cidadãos israelitas. Eles simplesmente mudaram-se de um estado de apartheid para outro, cujas políticas de apartheid mais bárbaras tinham sido piedosamente embaladas e vendidas ao mundo como a única democracia com princípios no Médio Oriente e países ocidentais que eram firmes aliados, alguns dos quais tinham sido, ou em certa medida ainda eram, senhores coloniais.

Logo após se estabelecer em Jerusalém Ocidental e iniciar a sua própria prática enquanto advogado — e como uma progressão natural da sua breve experiência da sociedade secreta na África do Sul — Goldman juntou-se à única associação maçónica de língua inglesa, a Cidade Santa. A maçonaria e o judaísmo tinham em tempos compartilhado uma fixação com o templo de Salomão com os sábios maçónicos alegando que as origens maçónicas datavam do tempo do lendário Hiram Abiff (referido como Hiram na Bíblia), que, como um arquiteto e

mestre artífice, foi uma personagem alegórica com um papel proeminente numa peça secretamente promulgada durante as cerimónias de iniciação para o terceiro grau da Maçonaria.

"O Rei Salomão foi a Tiro e trouxe Hiram, cuja mãe era uma viúva da tribo de Naftali e cujo pai era um homem de Tiro e um artesão em bronze. Hiram era altamente qualificado e experiente em todos os tipos de trabalho de bronze. Ele veio com o Rei Salomão e fez todo o trabalho que lhe foi atribuído."

1 Reis 7: 13-14

No drama maçónico, Abiff é assassinado enquanto visitava o templo por três insatisfeitos e invejoso companheiros a quem Abiff se recusara a elevar o nível de mestre e divulgar a senha secreta do Mestre Maçom. O regresso à vida de Abiff foi de acordo com a história milenar baseada na lenda do Deus do antigo Egito, Osíris, que após ser assassinado pelo seu irmão ciumento e ambicioso, foi ressuscitado pela sua esposa Ísis que após várias perigosas aventuras, teve então um "nascimento virgem" de um filho, Horus, que posteriormente vingou o assassinato do pai. Consequentemente o conceito do "nascimento virgem" tornou-se um elemento essencial para a criação de seres divinos, e a Isis tornou-se a personificação da grande capacidade feminina para conceber e dar à luz a nova vida. Desenhos e esculturas retratando Ísis a amamentar o seu filho tornaram-se o modelo para a Madona Cristã e a Criança, e muitas das qualidades que eram originalmente atribuídas a Isis então foram dadas para a mãe de Cristo. A fim de suplantar as

divindades pagãs populares, os pais da igreja cristã tinham de garantir que os seus próprios ídolos cristãos artificiais tinham características semelhantes às das divindades pagãs existentes que eles estavam a querer substituir.

Esta trindade de Osíris, Ísis e Horus — que apesar de ser um produto da imaginação humana criativa — também se tornou o protótipo obrigatório para outros deuses artificiais. O retrato de um homem eminente ou divindade que como membro da trindade, primeiro perece como vítima de uma má ação e depois ressuscita numa glória maior, é agora um tema familiar que é destaque no folclore e rituais dos cultos, organizações fraternais secretas e diversas religiões, incluindo a trindade do cristianismo, do Pai, Filho e Espírito Santo.

Então foi sem surpresa que, após aposentar-se da sua prática enquanto advogado em 2004, Goldman, manteve contato com funcionários do governo para muitos dos quais ele era um conselheiro de política e confidente. Também por causa de ter sido influenciado pelo seu tempo na África do Sul, a sua filiação maçónica e a sua dedicação ao sonho do judaísmo de um terceiro templo, Goldman fundou a Irmandade Hiramica do Terceiro Templo cujos membros eram obrigados a tomar votos solenes para trabalhar incansavelmente para a realização de um sonho que foi baseado numa relação muito ténue com o passado.

Silwan, Jerusalém Oriental Ocupada

Vários tapetes já gastos cobriam o chão da sala de estar que continha um velho armário de madeira com várias gavetas;

uma cesta de ráfia grande para os bordados de Miriam Hadawi, uma mesa de café com um topo desgastado e manchado; um par de cadeiras acolchoadas que já tinha visto dias melhores; uma pequena estante com uma Bíblia esfarrapada, várias pequenas estátuas religiosas, algumas obras de referência bem manuseadas, alguns livros em inglês que Sami Hadawi usava para incentivar os seus filhos a aprender, meia dúzia de fotografias emolduradas da família; e um velho sofá-cama onde as crianças dormiam. Como era o caso todas as manhãs sem falta, Sami Hadawi, a sua esposa e dois filhos, sentavam-se ao redor da mesa com cabeças curvadas enquanto Sami agradecia a Deus pelo pequeno-almoço — consistindo geralmente no pão pita ligeiramente levedado e húmus caseiro — que Sami e a sua esposa sabiam que era um alimento inadequado para o crescimento saudável das crianças, mas ainda assim tinham sorte suficiente de tê-lo. De acordo com o Fundo de Emergência Infantil Internacional das Nações Unidas (UNICEF), muitas crianças palestinianas são anémicas com altos níveis de baixa estatura devido a dietas deficientes em proteínas. Esta foi a consequência das dificuldades cada vez maiores de se ser capaz de obter ou comprar alimentos de proteína básica como frango, peixe, carne e nutrientes vegetais densos, dos quais cerca de metade das crianças palestinianas foram regularmente privadas.

Porque ele era um homem com meios limitados e poucas oportunidades de emprego, Sami foi incapaz de dar a seus filhos tudo o que ele teria gostado, então ele tendia a compensar

regando-os com a sua natureza genial e uma grande dose de amor. Ele passou a sua vida inteira no bairro palestino de Jerusalém de Leste chamado Silwan, que após a guerra de 1948, tinha caído sob ocupação da Jordânia até 1967, quando Jerusalém Oriental foi invadida e desde então tinha permanecido sob ocupação israelita. O geógrafo medieval árabe Al-Muqaddasi (c. 945/946 - 991) que, depois de uma excelente educação e uma peregrinação a Meca, decidiu estudar geografia — e por um período de mais de vinte anos, viajou pelos países islâmicos — tinha-se referido a Silwan como "Sulwan" onde ele dizia que na noite santa islâmica de 'Arafah a água do poço santo Zamzam, em Meca, tornou-se subterrâneo da Fonte de Siloé.

Desde que o governo israelita tornou como "espaços verdes" as zonas sem construções que constituem praticamente a maioria da terra da Jerusalém Palestina Oriental após a invasão de 1967 e proibiu os palestinos de viverem em Jerusalém Oeste na parte judaica, já havia espaço suficiente para acomodar todos mesmo sem ter casas palestinas apropriadas ou demolidas para dar lugar a colonos judeus. Esta política de deslocamento deliberado de palestinos — apesar da Quarta Convenção de Genebra que afirma que "o Poder de Ocupação não poderá deportar ou transferir partes de sua própria população civil para o território que ocupa" — foi descrita no livro *Separado e Desigual: A Verdadeira História das Regras de Israel em Jerusalém Oriental* por Amir Cheshin que, como um conselheiro para assuntos árabes, foi um dos arquitetos da política pós-1967:

"... Os líderes de Israel aprovaram dois princípios básicos nas suas regras de Jerusalém Oriental. A primeira foi aumentar rapidamente a população judaica em Jerusalém Oriental. A segunda foi para dificultar o crescimento da população árabe e forçar os residentes árabes a fazer as suas casas noutros lugares. É uma política que se traduziu numa vida miserável para a maioria dos árabes de Jerusalém de Leste... Israel transformou o urbanismo numa ferramenta do governo, para ser usado para ajudar a prevenir a expansão da população não-judaica da cidade. Foi uma política cruel, mais não fosse pelo fato que as necessidades (para não falar dos direitos) dos residentes palestinianos foram ignoradas. Israel viu a adoção de planos de zoneamento restrito como uma forma de limitar o número de novas casas construídas em bairros árabes e assegurando-se que a percentagem de árabes da população da cidade - 28.8 em 1967 - não crescesse além deste nível. Permitindo que 'muitas' novas casas em bairros árabes significariam 'muitos' residentes árabes da cidade. A ideia era mover tantos judeus quanto possível para Jerusalém Oriental, e mover tantos árabes quanto possível fora da cidade por inteiro. A política de habitação israelita em Jerusalém Oriental foi apenas sobre este jogo de números".

A persistência, o património e as reivindicações legítimas da Palestina para a Jerusalém Oriental foram conseqüentemente e gradualmente minadas pela colocação ilegal de enclaves judaicos intercalados, fortificados e guardados que foram de seguida, expandidos e vinculados como parte do plano de deslocar os

palestinianos indígenas e estabelecer a presença judaica em toda a Jerusalém. Para além de considerações demográficas de Israel, a população palestina de Silwan de aproximadamente 45.000 também foi vítima de uma reinvenção israelita da área como "A Cidade de David", com um centro para visitantes tendo sido construído para fornecer alguma legitimidade a uma afirmação que carecia de qualquer evidência histórica ou arqueológica.

Táticas "criativas" impertinentes de Israel para ajudar os colonos judeus a dominar terras palestinas variaram desde fraude e falsificação audaciosas e ataques militares devido a "necessidades de segurança" ou para o "bem público" para o uso desatualizado das leis otomanas. Para facilitar a transferência de terras palestinas para os colonos judeus sem ter que comprar a terra, Israel criou e institucionalizou uma série de estratégias oficiais incluindo "apreender terras para necessidades militares" que viu mais de 40 assentamentos sendo estabelecidos em milhares de hectares de terras palestinas privadas após a guerra de 1967; uso de ordens de expropriação para o "bem público"; cumprimento das leis de terras otomanas que estipulavam que a terra não trabalhada continuamente por três anos seguidos automaticamente seria devolvida ao estado; financiamento de aquisições de terra, onde o dinheiro é geralmente transferido através do Departamento de Divisão e Liquidação da Organização Sionista Mundial ou conselhos de colonos locais e regionais; e, por não impor leis contra colonos e instituições que ilegalmente e forçosamente assumiram terras

palestinianas privadas.

A tendência de Israel para usar táticas desleais desprezíveis para ter toda a área de Jerusalém Oriental sob o controle judaico incluí os esforços apressados para confiscar as terras palestinianas e demolir as casas dos palestinianos; a obtenção de documentos falsos de colaboradores árabes a fim de designar as casas palestinianas como sendo " propriedades ausentes"; a negligência deliberada dos serviços comunitários, tais como educação, economia, desenvolvimento, infraestrutura, habitação e lazer pelas autoridades israelitas, apesar dos elevados impostos pagos pelos palestinianos de Jerusalém de Leste; a atribuição de grande parte de Silwan para os colonos judeus — sem oferecê-la em concurso — pela Autoridade de Terras de Israel e o Fundo Nacional Judaico; a prestação discreta de dezenas de milhões de dólares pelos ministérios do governo israelita; a utilização de fundos públicos para financiar as despesas legais dos colonos; e a "Judaização" de Jerusalém Oriental por meio de organizações de proprietários privadas como El Ad.

Após a sua criação, em 1986, El Ad já tinha sido agressivamente responsável pelo assentamento judaico na área; pelo gerenciar da construção do parque de "A Cidade de David"; pelo cooperar com a Guarda da Propriedade Ausente — estabelecida pela Lei de Propriedade Ausente de 1950 — para facilitar a confiscação de terras palestinianas e transferir a propriedade de colonos judeus; para tomar o controle da propriedade de Fundo Nacional Judaico por preços simbólicos e

sem ter a oferta competitiva; para provocar — com a assistência da Polícia Municipal — violência armada da parte dos colonos judeus contra os palestinos desarmados e os seus filhos; e para controlar as escavações arqueológicas que começaram logo após a ocupação do Jerusalém Oriental. As escavações arqueológicas foram de vital importância para o governo de Israel que procurou justificar as suas demolições de casas palestinas através de falsas reivindicações históricas e religiosas acerca daquelas terras através do estabelecimento de uma zona falsa definida por Israel como "O Poço Santo" em torno da Cidade Velha.

Sami e a sua família, como a maioria das famílias palestinas em Silwan, viviam em medo constante em relação ao estatuto legal das suas terras, a sua residência e os seus direitos de propriedade. Eles levavam uma existência do dia-a-dia cheia de incertezas e perplexidade como eles podiam estar numa situação tão precária quando o resto do mundo fica parado e tolera o que estava a ser feito por Israel. Em 1948, — na sombra do Holocausto e da realidade de milhões de refugiados sem-teto — a Assembleia Geral da ONU adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos com a afirmação que "o desconhecimento e o desprezo pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que revoltam a consciência da humanidade, e o advento de um mundo em que os seres humanos devem desfrutar a liberdade de falar e de crer, libertos do terror e que foi proclamado como a mais alta aspiração das pessoas comuns... Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos."

A Declaração — ratificada por Israel com uma versão hebraica disponível na Internet na página inicial do Knesset — baseou-se no direito inalienável de cada pessoa à liberdade e à igualdade "sem distinção de qualquer tipo, tais como raça, cor, sexo, língua, religião, opiniões políticas ou outras, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outro estatuto." A proclamação dá ênfase especial à liberdade de pensamento, consciência, religião, expressão e acima de tudo o direito a uma nacionalidade.

Apesar da existência de uma declaração tão justa, uma humanidade contraditória - ainda de ressaca da Segunda Guerra Mundial e experimentando dores de consciência sobre a perseguição nazi dos judeus, esquecendo principalmente os milhões de não-judeus que morreram — ficou impassível enquanto grupos armados terroristas judeus etnicamente limpavam mais de 500 aldeias e cidades palestianas e forçaram o êxodo (o filme que emocionou muitos corações de Hollywood Êxodo foi sobre os judeus, não sobre os palestinos) de mais de 750.000 desarmados palestinos, homens, mulheres e crianças, cujo tratamento bárbaro por Israel foi agora referido como o Nabka (catástrofe).

Talvez fosse irônico que o primeiro uso do termo "Nakba" em referência à deslocação palestina tenha sido pelo exército israelita. Em julho de 1948, quando os habitantes árabes de Tirat Haifa se recusaram a render, o IDF fez uso de folhetos escritos em excelente árabe para instigar da seguinte forma: "Se quiser

estar pronto para a Nakba, para evitar um desastre e salvar-se de uma catástrofe inevitável, tem de se render. " Pouco tempo depois, em agosto de 1948, o intelectual sírio Constantin Zureiq publicou o seu ensaio O Significado do Desastre com a afirmação que "a derrota dos árabes na Palestina não é simplesmente um retrocesso ou uma atrocidade temporária. É um Nakba no sentido mais amplo da palavra." Ele também se dirigiu aos árabes do Médio Oriente e implorou para responderem ao desastre terrível que os tinha atingido porque ele obviamente sentiu que a Nakba afetou todo o mundo árabe e não apenas o povo palestino.

Embora o povo palestino de nenhuma maneira tenha sido responsável pelo Holocausto — eles nem se ofereceram para lutar ao lado dos nazis, como fizeram os sionistas — os hipócritas e bajuladores do oeste liderado por uma não tão grande Grã-Bretanha, e a liberdade foi preparada para ser oferecida à Palestina e ao seu povo como compensação da causa sionista. Então, hoje, após quase setenta anos de perseguição perniciosa, persistente e injusta, 7.1 milhões de palestinos deslocados em todo o mundo permanecem como o mais prolongado e o maior problema de refugiados.

Entretanto, enquanto os governos ocidentais e a comunicação social com a sua duplicidade combinada e hipocrisia ociosa enquanto Israel perseguia o seu plano sionista para um grande Israel, o povo palestino continuaria a ser etnicamente purificado como refugiados apátridas prisioneiros na sua própria

terra e nos adjacentes estados árabes; continuaria a ser sujeito a bloqueios por ar, mar e terra que impedem a importação de alimentos essenciais, medicamentos e materiais de construção; continuaria a ser rotineiramente preso, detido ou interrogado violentamente; continuaria a ser sujeito a prisões arbitrárias, espancamentos, tortura e prisão por tempo indeterminado sem encargos ou devido processo até dez ou mais ao estilo nazi, anos sem o conhecimento de quando ou se eles já vão ser lançados sob ordens de detenção administrativa de Israel; continuaria a ver os seus filhos a serem sistematicamente alvo e detidos pelos militares e polícia que os sujeita a violentos abusos físicos e verbais, humilhação, restrição dolorosa, raptos, ameaças com morte, violência física e ameaças de agressão sexual contra si ou membros da sua família e a recusa de acesso a alimentos, água e instalações sanitárias; continuaria a ser sujeito a ter sua liberdade de movimento negada por restrições de viagens, cercas de separação, paredes, pontos de verificação e estradas construídas para os israelitas; continuaria a ser sujeitos a ataques contra si mesmo e as suas propriedades — incluindo a queima de seus olivais que são o único meio de sustento para muitos — demente selvagens de assentamentos judeus ilegais; continuaria a ter suas terras expropriadas ilegalmente; continuaria a ter os seus territórios pre-1967 gradualmente diminuídos como assentamentos judaicos ilegais estabelecidos; continuaria a ter os seus recursos naturais, incluindo a água roubada ou como no caso do último deliberadamente contaminada; continuaria a ser

desalojado por ter as suas propriedades demolidas; continuaria a "viver", sob a ameaça constante de ataques militares israelitas ainda mais bárbaros; e finalmente, eles continuariam a ficar espantados como as sociedades supostamente civilizadas incluindo os judeus da diáspora podiam ser testemunha de tudo isso enquanto em vigor se tolera, aprova e se é cúmplice em tal barbárie desumana.

Além disso, para adicionar insulto à injúria, muitas vítimas palestinianas de demolições das suas casas pelas forças de segurança israelitas foram posteriormente informadas pelas autoridades de ocupação israelita que tiveram de pagar o custo de demolições. Um exemplo diz respeito a Al-Araqeeb — uma antiga vila da Palestina nas terras ocupadas por Israel em 1948 — que sucessivos governos israelitas posteriormente se recusaram a reconhecer. Isso resultou na aldeia não estar ligada a serviços públicos locais; tinha sido derrubado por vezes os israelitas 92; e agora seus moradores foram sujeitos a uma exigência por autoridades israelitas que eles pagassem 2 milhões de Shekels israelitas novos (à volta de 460.000 € / £360.000 / \$515.000) em custo de demolições. Como este foi o custo de uma demolição, os moradores são confrontados com a probabilidade de mais custos para outras demolições com algumas outras 40 aldeias palestinianas como Al-Araqeeb também a enfrentar o mesmo destino.

Antes mesmo de serem subornados e pagos pelo início como se tornar num estado, Israel não tinha intenção de coexistir

pacificamente com os seus vizinhos; nenhuma intenção de honrar as resoluções da ONU ou respeitar o direito internacional, incluindo os direitos humanos; e certamente nenhuma intenção de se considerar uma solução para os dois estados. O primeiro Primeiro-Ministro David Ben-Gurion de Israel não foi o primeiro sionista a acreditar na abolição da partição e a ocupação judaica de toda a Palestina. Theodor Herzl, o fundador do sionismo moderno, era da opinião que "nós devemos tentar encorajar a população pobre [árabes] no outro lado da fronteira através da aquisição de emprego nos países de trânsito, negando-o qualquer emprego no nosso país... Tanto o processo de desapropriação e a remoção dos pobres devem ser realizados discretamente e cautelosamente." Tais sentimentos foram mais tarde ecoados por outros proeminentes sionistas.

"Observa a Declaração da Independência Americana. Ela não contém nenhuma menção a limites territoriais. Nós não somos obrigados a corrigir os limites do estado."

Moshe Dayan, Jerusalem Post, 10/08/1967.

"O povoamento da terra de Israel é a essência do sionismo. Sem o povoamento, nós não respeitaremos o sionismo. É tão simples assim."

Yitzhak Shamir, Ma'ariv, 21/02/1997.

"Em termos estratégicos, os assentamentos (na Judeia, Samaria e Gaza) não têm importância." O que os torna importantes, acrescentou, foi "que constituem um obstáculo, um obstáculo intransponível para o estabelecimento de um estado

árabe independente a oeste do rio Jordão."

Binyamin Begin, filho do falecido Menachem Begin e uma voz proeminente no partido Likud escrito em 1991. Citado em *Deceções Deliberadas* de Paul Findley.

Assim, os sucessivos governos israelitas durante décadas concordaram com a charada das "Conversações de Paz", a fim de ter mais tempo, enquanto perseguindo o objetivo sionista por quaisquer meios de expulsar os palestinos e roubar as suas terras. Nunca tinha havido quaisquer intenções israelitas para uma solução de dois estados para a paz ou para a concessão de direitos legais e humanos ao povo palestino. No entanto, apesar de tais fatos irrefutáveis que todos podiam ver, a hipocrisia ocidental, a duplicidade de padrões e o politicamente correto — instilado pelo medo de ser acusado de antissemitismo e de negação do Holocausto — continua a prevalecer em vez de um reconhecimento realista que Israel é um mentiroso, conivente, ladrão, assassino, traidor, racista, um estado de apartheid cuja existência é dependente não só da brutal negação dos direitos humanos na Palestina, mas também da subversão da democracia e o direito à liberdade de expressão em outros países.

Consequentemente para Sami Hadawi e a sua vida familiar era uma luta diária pela sobrevivência, sem qualquer esperança de alívio da pobreza ou de poder olhar para um futuro melhor. Como Sami não tinha uma verdadeira profissão ele ganhava a vida miseravelmente como guia turístico, e todas as manhãs - sete dias por semana - ele ia de Silwan para a Porta Nova da

Cidade Velha onde ele esperaria na esperança de ser contratado por turistas vindo dos seus luxuosos hotéis de Oeste de Jerusalém para ver a Cidade Velha. Durante os meses de verão, entre junho e setembro, quando o número de visitantes aumentava, ele ganharia muito bem, mas eram tempos muito difíceis no resto do ano. Foi em setembro que ele conheceu e fez amizade com Conrad Banner que devia voltar a Jerusalém e tinha prometido empregar Sami durante as filmagens do seu documentário. Por finalmente ter alguma renda definitiva porque esperar, Sami e sua esposa estoica, Miriam, seriam capazes de neste Natal dar aos seus dois filhos, Anton e Hanan, alguns mimos nutricionais básicos que muitas crianças palestianas foram rotineiramente negadas juntamente com os seus direitos humanos básicos como solicitado na Declaração dos Direitos da Criança de 1924.

Enquanto a Declaração afirma que "considerando que a humanidade deve à criança o melhor tem a dar", a dura realidade era exatamente o oposto. Em 1960 — em apenas um único ano— a morte de 18,900,000 crianças excedeu o número de mortos estimado do Holocausto judeu por mais de três vezes. Ainda porque não há nenhuma indústria de mortalidade "infantil" semelhante a "indústria do Holocausto", a sensibilização e a preocupação com a situação das crianças receberam relativamente pouca ou nenhuma atenção. Enquanto a humanidade gosta de apaziguar a sua consciência coletiva periodicamente com a reafirmação da sua preocupação e respeito para com os mortos comemorando aqueles que

morreram pela pátria, não há nenhuma preocupação ou respeito pelas centenas de milhões de crianças que morreram devido à indiferença, negligência, hipocrisia, duplicidade e certamente guerras ilegais senão também imorais.

Durante a Segunda Guerra Mundial — a guerra mais sangrenta da história da humanidade — cerca de 60 milhões de pessoas morreram o que, espalhado por mais de seis anos, significa que o número de mortos foi de mais de 10 milhões de pessoas por ano. Naquela época, mais de 20 milhões de crianças morriam anualmente pelo que a mortalidade infantil tenha sido comparativamente muito mais mortal do que a mais terrível guerra da história. Atualmente, uma desculpa muito triste para a humanidade — incluindo o povo judeu escolhido por Deus, que após o Holocausto, prometeu "nunca mais" — há quase sete décadas demonstrou uma amoral e criminosa indiferença e extensivamente documentada e gravada limpeza étnica do povo palestino, cujos filhos são deliberadamente alvo de imigrantes invasores que como uma praga de gafanhotos não deixa nada além de desolação e destruição por onde passa.

Uma das responsabilidades de Miriam — depois de Sami sair para a sua caminhada cedo até à Porta Nova — era acompanhar os seus filhos na viagem muitas vezes perigosa para o ensino fundamental de Silwan no bairro de Ras Al-Amoud. Isto implicava "executar o desafio" das forças de ocupação israelitas e colonos judeus ilegais que deliberadamente abusavam verbalmente, cuspiam, atacavam, ou esforçavam-se para evitar

que as crianças palestianas fossem para a escola. Isto foi uma estratégia israelita bem estabelecida e calculada não só em Silwan, mas também em todo os Territórios Palestinos Ocupados.

Após regressar a casa, Miriam passou a maior parte do dia — uma parte importante da identidade palestiana — a bordar antes de voltar para o bairro de Ras Al-Amoud para ir buscar as crianças. Ao vender as suas bolsas bordadas à mão a um lojista entre 15 a 25 shekel novos israelitas, Miriam foi capaz de aumentar os parcos rendimentos da família. A sua dedicação persistente neste ofício no meio de uma existência perseguida, trágica e turbulenta para o povo palestiano, ajudou a manter viva a tradição e beleza dos bordados palestinos que, apesar de partilha de certos aspetos das artes têxteis com os vizinhos de países árabes, tinha o seu próprio estilo e singularidade especial que era facilmente reconhecível em todo o mundo como sendo de origem palestiana.

Livros sobre bordado internacional foram unânimes em reconhecer o tradicional bordado palestiano como sendo o melhor exemplo desse trabalho proveniente do Médio Oriente. Era uma arte tradicional que se tinha desenvolvido a partir do vestuário tradicional palestiano que continha séculos de dados históricos documentados de desenvolvimento da arte têxtil na região, uma forma de arte que tinha de alguma forma persistentemente sobrevivido até aos dias atuais. Se um considerasse o antigo corte simples tradicional da túnica, a

história de chapéus e acessórios, a maravilhosa variedade de estilos de bordados, as variações de ponto ou a origem antiga de padrões e motivos, um ficava profundamente impressionado com a riqueza histórica de uma herança que remonta a milhares de anos, e que afirmou a antiguidade da existência da Palestina e a sobrevivência de uma herança antiga. Enquanto bordava, Miriam geralmente entregava-se a rezar em silêncio — o que ela chamava do seu tempo com Deus — que era algo que as pessoas pobres sem esperança frequentemente recorriam a fazer. Mas qual foi a vantagem de procurar o auxílio de um Deus todo poderoso, que tinha virado as costas para ela, a sua família e o seu povo e em vez disso, alegadamente "escolheu" os judeus e prometeu-lhes a Palestina.

6

Sexta-feira, 11 de dezembro

Sede Nacional da Polícia de Israel, em Jerusalém Oriental.

A sede da polícia de Israel costumava ser em Telavive, mas em seguimento da guerra destrói-e-agarra-territórios de 1967 de Israel, Israel fez uma declaração de intenções, movendo o quartel-general para um local recém-criado de Jerusalém Oriental — um complexo de edifícios do governo apelidado em honra do ex-Primeiro-Ministro e conhecido como Kiryat Menachem Begin — localizado entre Sheikh Jarrah no norte, o Monte Scopus no Oriente e a Colina da Munição no Ocidente. O fato de que só este ano tinha uma "porta giratória" para as chegadas e partidas de três diferentes comissários de polícia geral tinha exigido que Abe Goldman fizesse ainda viu outra visita para discutir o policiamento do Monte do Templo, com o Comissário mais recente — trazido às pressas da Shin Bet — cuja recente nomeação pelo Primeiro-Ministro e Ministro da Segurança Pública teve mais a ver com ter alguém que era leal em vez de eficiente.

Goldman esperava que a experiência anterior do novo Comissário com a agência de segurança nacional de Israel fosse reforçar o controlo da agitação atual da Palestina no Monte. Conhecido pelo seu acrónimo Hebraico "Shabak," Shin Bet foi uma das agências de segurança mais poderosas do mundo

com laços históricos com os grupos paramilitares sionistas, cuja violência contra os palestinos tinha sido desenfreada antes da criação de Israel. A Agência tinha desde então se tornado infame pela tortura e matança de palestinos detidos pelo Comitê Contra a Tortura das Nações Unidas condenando-a pelo uso ilegal e violento de técnicas de interrogatório que ainda estavam a ser usadas até hoje.

Embora a reunião com o Comissário obeso, bigodudo e com um quipá na cabeça tivesse sido cordial, Goldman ficou impressionado por um homem que, durante a sua curta posse, provou ser controverso fazendo uma distinção entre o luto dos judeus e palestinos com a afirmação absurda e obviamente racial que "Israel santifica a vida, os nossos inimigos santificam a morte." Além disso, ele tinha tomado uma decisão de esconder do público uma recomendação dos investigadores de polícia que a esposa do Primeiro-Ministro devia ser indiciada relativamente a irregularidades no funcionamento dos agregados familiares do Primeiro-Ministro. O pedido do Goldman para a reunião era para garantir que o policiamento restrito do Monte do Tempo deveria ser pelo menos mantido se não aumentado para facilitar as oportunidades e proteção para os judeus visitando o local: uma política deliberada de aumentar a presença judaica que teria em última análise, favorecido o objetivo principal da Irmandade Hiramica do Terceiro Templo.

Goldman tinha estabelecido a Irmandade como uma célula de malandros dentro do sigilo encoberto da Maçonaria, mas

sem sanção oficial da organização. Embora os membros maçônicos desta célula se tenham dedicado exclusivamente a secretamente ajudar o cumprimento da edificação planejada do Terceiro Templo — conforme descrito no Livro de Ezequiel — a sua dedicação foi baseada em narrativas bíblicas questionáveis, conforme explicado n' O Livro dos Mandamentos por Maimonides — um proeminente filósofo medieval sefardita judeu, astrónomo e um dos mais prolíficos e influentes estudiosos da Torá e os médicos — que incluía detalhes dos mandamentos e as instruções dadas pelo próprio Deus para o povo judeu no dia seguinte ao Yom Kippur (Dia da Expição) no Monte Sinai: "O Criador mandou-nos erigir uma casa escolhida para celebrar o seu serviço, onde as ofertas de sacrifício serão trazidas para todos os tempos. E as procissões e peregrinações festivas serão realizadas lá três vezes por ano."

O mandamento para construir o templo foi reconhecido como uma das 613 mitzvot (mandamentos) para o qual havia uma obrigação judaica perpétua a cumprir. Os grandes sábios judaicos tinham mantido que a reconstrução do Santo Templo em conformidade com as dimensões, características e atributos do Segundo Templo, foi um mandamento definitivo para o povo de Israel. Tais mandamentos bíblicos discutíveis e provavelmente fraudulentos, no entanto, não constituem justificação suficiente para a apropriação ilegal e invariavelmente brutal e destrutiva de terras e propriedades palestinas. Parece que sempre que os antigos escribas judeus queriam realçar ou legitimar a natureza

e a história do povo judeu e as suas ações, eles não tiveram escrúpulos em atribuir falsamente a fonte dos seus créditos de auto grandeza ao próprio Deus.

Por exemplo, alegou-se que o Haram al-Sharif/Monte do Templo na Cidade Velha de Jerusalém era o local mais sagrado do Judaísmo para os judeus, referindo-se a ele como o Monte do Templo ou Monte Moriah (Har HaMoriya). Para os muçulmanos era o terceiro local mais sagrado depois de Meca e Medina, e eles referiam-se a ele como Haram Al-Sharif (o Nobre Santuário) e à mesquita como "a Mesquita Mais Distante", também conhecida como Al-Aqsa e "Bayt al-Muqaddas" em árabe. Os muçulmanos consideravam o complexo Al-Aqasa Santo, porque eles tinham sido ensinados que a mesquita foi a primeira Qibla — direção para onde se viram os rostos muçulmanos durante a oração — na história do Islão e que era o lugar onde o profeta Mohamed fez sua milagrosa Isra e Miraj viagem à noite (duas partes) de Meca para Jerusalém antes da sua ascensão ao céu. A narrativa explicava que ele tinha viajado num cavalo alado para "a Mesquita Mais Distante", onde liderou a outros profetas como Moisés, Abraão e Jesus em oração estilo muçulmano que, assim, claramente implícita a sua proeminência sobre todos os outros profetas relacionados com Abraão. No céu, ele teve um raro, mas breve encontro com Deus que lhe forneceu instruções para ser retransmitidas para os fiéis muçulmanos.

As narrativas bíblicas hebraica e judaica afirmam que o complexo de Al-Aqsa foi associado com três montanhas bíblicas

cuja localização, embora indeterminada, foram todavia de suma importância: o Monte Moriá, onde a ligação de Isaac alegadamente ocorreu (Gênesis 22); o Monte Sião (2 Samuel 5:7) onde a fortaleza original do jebuseu (uma tribo Cananea) e "a Cidade de David" supostamente se situavam; e o Monte do Templo onde estava o Terceiro Templo a ser erguido no mesmo alegado local como a de Primeiro Templo de Salomão em Jerusalém, que em Hebraico se chamava Yerushaláyim e Qods/Qadas em árabe.

O Primeiro Templo foi supostamente construído pelo rei Salomão — cujo reinado foi de 967 - 931 A.C. — durante uma suposta "Idade de Ouro" quando Israel estava no seu auge. Salomão foi o homem que, depois de solicitar e receber a sabedoria de Deus (1 Reis 3:11-12), decidiu ter setecentas esposas e trezentas concubinas (1 Reis 11:3). Apesar da responsabilidade de manter tantas mulheres satisfeitas consumir muito tempo, Salomão, aparentemente, ainda encontrou tempo e energia para escrever e é creditado como sendo o autor de muita literatura de sabedoria que se caracterizou por provérbios que pretendiam ensinar sobre a divindade e a virtude. Na realidade, não havia nenhuma evidência de uma "Idade de Ouro"; nenhuma evidência que os israelitas eram uma grande nação; e nenhuma evidência de grandes cidades com estruturas magníficas.

O personagem de Salomão, ou Deus Sol, foi a versão israelita do Deus Sol egípcio, Re de Heliópolis. Mesmo com o pouco que foi registado sobre Salomão escrito até uns dois mil anos mais

tarde, não existem registros contemporâneos no seu reinado. A Bíblia hebraica afirmou que a construção do Templo de Salomão foi alcançada com a ajuda do rei Hiram de Tiro (parte do atual Líbano) que forneceu materiais de qualidade; artesãos e o lendário arquiteto Hiram Abiff. Para tal assistência benevolente Salomão foi obrigado a pagar ao rei Hiram um tributo anual de 100.000 alqueires de trigo e 110.000 galões de azeite puro (1 Reis 05:11). Até à data, no entanto, não foi descoberta nenhuma evidência arqueológica do Templo de Salomão, e a única referência para o que poderia ter sido contemporâneo com a sua suposta existência vem da Bíblia Hebraica. Até mesmo descrições arquitetônicas deste Primeiro Templo demonstram falta de qualquer informação específica e parecem ter sido compiladas com base nas características combinadas dos outros templos do Egito, Mesopotâmia e Fenícia.

A localização atual do Haram al-Sharif/Monte do Templo e o estado de Israel, portanto, ideologicamente baseiam-se nas narrativas da Bíblia hebraica que, na sua tradução fraudulenta para o grego na famosa biblioteca de Alexandria — por 70 escribas judeus encomendados pelo rei Ptolemeu II, o monarca grego do Egito na época — incluía deslocalizar a arena das narrativas bíblicas do Iémen do Norte e da Arábia do Sul ao Egito e Palestina. Qades, como mencionado na Bíblia hebraica, foi uma das 179 montanhas iemenitas — tornando o país numa das regiões mais montanhosas na Península Arábica — 80 quilômetros ao sul da moderna cidade de Taiz que não tem

nenhuma conexão com Jerusalém.

No relato da divina sabedoria do Salomão e reinado de "Idade de Ouro", a Bíblia relata como a lenda da sua sabedoria foi tão generalizada, que Bilqis, a rainha de Sabá, viajou a Jerusalém para aprender com este grande homem (1 Reis 2:10). Bilqis vinha de uma longa linhagem de rainhas matriarcais de Sabá que governou a Península inteira do Sinai que tinha beneficiado de uma genuína "Idade de Ouro" com a fabulosa riqueza derivada da Estrada de Caravana que serviu como a principal rota para o transporte de incenso, mirra, cola, ouro, têxteis, marfim e importantes especiarias que foram essenciais para as funções religiosas e funerárias, bem como a conservação de alimentos. Era improvável que Bilqis tivesse inclinada para viajar para qualquer distância para homenagear algum outro monarca. É muito mais provável que este imaginava uma ligação com Bilqis fosse apenas mais uma mistura de uma escriba hebraica para aumentar a lenda do rei Salomão e estabelecer a sua suposta existência como fato.

A veracidade de qualquer dessas declarações, portanto, deve ser julgada em termos do alegado Êxodo judeu do Egito, o subsequente vagar no deserto por 40 anos e a relação desses eventos para a realidade dos dias atuais sionistas de Israel. Assim, a ideologia sionista fundamental está principalmente preocupada com o significado da histórica palavra hebraica Aliyah (subida), que significa viajar ou migrar para cima para onde a Terra Prometida de Israel supostamente estava situada. Portanto, não

seria razoável concluir com base nos fatos disponíveis e pesquisas acadêmicas recentes que aqueles judeus que estavam a migrar não o fez do Egito — em conformidade com as misturas flagrantes da Bíblia hebraica — mas de algum lugar ao sul do Levante estavam situados a antiga Arábia e o Iémen.

Diligentemente, narrando a geografia da antiga Arábia e o Iémen e estudando os historiadores clássicos árabes dos seis primeiros séculos do Islão, tornou-se evidente para os estudiosos que o real teatro das narrativas israelitas bíblicas ocorreu nesses locais árabes com as suas montanhas, vales e tribos. Não é preciso ser um estudioso ou pesquisador brilhante para descobrir o fato de que, nas suas referências iniciais para o "Egito", a Bíblia hebraica usou o nome "Mizraim." que era uma vila pequena, insignificante, localizada ao longo da antiga Estrada de Caravana na Arábia do Sul de onde as narrativas israelitas como a de Moisés tinham evoluído.

Mais pesquisa extensa também revelou que os antigos israelitas não eram um povo que havia escapado do cativeiro no Egito antes, vagueando pelo deserto por 40 anos e depois conquistando a Terra Prometida. O fato é que assim como a Arábia atual é de importância estratégica por causa de sua riqueza de petróleo e gás natural, a antiga Arábia era igualmente importante devido à sua localização estratégica na antiga Estrada da Caravana da Índia, Iémen e o Corno da África Oriental para o Iraque, Egito, a costa do Mediterrâneo e a Grécia. Nem Estrada da Caravana nem a antiga Rota da Seda — que foram as

principais rotas de comércio para o mundo antigo - terminavam ou passavam pela Palestina.

Por causa do seu valor para as caravanas de camelos que viajaram por semanas e meses por toda a Península Arábica, a Estrada da Caravana necessitava de proteção e serviços que foram fornecidos pelas tribos árabes que habitam a costa sul e oeste, que em troca beneficiaram de alimentos, água e outros suprimentos para os comerciantes itinerantes. Nem todas as tribos árabes, no entanto, se localizavam fortuitamente para beneficiar a Estrada da Caravana e algumas tribos habitavam a área montanhosa do Iémen do Norte, onde predominavam as dificuldades e falta de oportunidade para uma vida honesta. Conseqüentemente, as tribos menos afortunadas — os israelitas, sendo uma delas — foram forçadas a recorrer com freqüência a ataques e roubos direcionados aos comerciantes de caravanas com cargas valiosas. Além disso, a Estrada da Caravana era também de tal valor estratégico para ambos os egípcios no Ocidente e os assírios e babilônicos no Oriente, que se tornou essencial para eles para controlar a Arábia que conseqüentemente se tornou o alvo para a maioria das campanhas militares dos egípcios e assírios que visavam garantir a Estrada da Caravana.

Para além da dúvida quanto à origem dos israelitas, também houve evidência — que inúmeras pessoas continuam obstinadamente a negar - que o Deus israelita, YHWH, tinha uma consorte feminina e que a religião israelita apenas adotou

o conceito de monoteísmo durante o período de declínio da monarquia israelita e não como alegado no Monte Sinai. Foi em consequência de um passado pouco lisonjeiro dos antigos israelitas que os escribas hebraicos se sentiram obrigados a escrever uma história caiada que emprestava a autoridade divina para um povo desesperado por uma identidade étnica legítima e uma terra própria. Os pesquisadores científicos dentro das áreas interligadas da Bíblia, arqueologia e a história do povo judeu, são agora de acordo que a realidade relacionada com o surgimento dos judeus como um povo na Palestina se encontra muito distante da narrativa que o inventou, mas, todavia, é a narrativa predominante que Israel atualmente se esforça por reforçar explorando a arqueologia para negar ao povo palestino indígena a sua história e substituí-la com a sua.

A arqueologia na Palestina não se começou a desenvolver até fim dos séculos XIX e início do século XX juntamente com a arqueologia das culturas como a do Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma. Houve, no entanto, uma tendência entre muitos arqueólogos — que estavam de qualquer forma a escavar de modo a obter provas espetaculares do passado em nome dos principais museus de Berlim, Londres e Paris — talvez desonestamente relacionar e usar as descobertas arqueológicas como fundamentação para os mitos bíblicos.

Porque as condições na antiga Palestina nunca tinham sido propícias para o florescimento dos extensos reinos que outrora foram anfitriões de impressionantes palácios, santuários e

templos como aqueles descobertos no Egito e na Mesopotâmia, a arqueologia não tinha, por conseguinte, ficado entusiasmada com as principais iniciativas do Museu, mas por motivos religiosos para que o principal impulso por detrás da pesquisa na Palestina fosse as suas ligações com as Sagradas Escrituras.

As escavações tinham começado em Jericó e Siquém (Nablus) onde os pesquisadores bíblicos esperavam encontrar os restos das cidades mencionadas na Bíblia. Tal pesquisa arqueológica foi energizada pelos esforços de um americano, William Foxwell Albright (1891-1971) — um arqueólogo, estudioso da Bíblia, filólogo e especialista em cerâmica — cuja abordagem declarada era usar a arqueologia como o principal meio científico para refutar as afirmações críticas contra a veracidade histórica das narrativas de Bíblia, incluindo aqueles da escola alemã Wellhausen, cuja crítica da Bíblia tinha impulsionado a opinião que ele representava um perigo para o judaísmo alemão.

Esta escola de crítica bíblica — dos quais Julius Wellhausen foi o principal expoente e que tinha começado a desenvolver-se na segunda metade do século XIX — desafiou a historicidade das narrativas da Bíblia e alegou que tinha sido deliberadamente inventada durante o exílio babilónico. Os estudiosos da Bíblia e nomeadamente na Alemanha, afirmam que a história hebraica foi uma série contínua de eventos, começando com Abraão, Isaac e Jacob; que a permanência no Egito, a escravidão e o êxodo; que a conquista da terra e a subsequente liquidação pelas tribos de Israel, eram nada mais do que uma reconstrução muito

posterior aos acontecimentos com uma agenda teológica para uma finalidade específica.

Por outro lado, Albright acreditava que a Bíblia era um documento histórico, que, apesar de sofrer mais do que algumas fases editoriais e de translação, era ainda uma reflexão confiável da antiga realidade. Ele estava determinado a um grau quase fanático que escavar os restos antigos da Palestina fornecendo uma prova positiva da história judaica naquela terra. Consequentemente a arqueologia bíblica que seguiu os passos de Albright e os seus discípulos resultou numa série de extensas escavações em importantes locais bíblicos (montes) entre outros, Ai, uma cidade real de Cananea que de acordo com o livro de Josué na Bíblia hebraica foi conquistada pelos israelitas na sua segunda tentativa; no Beit She'an, cujas ruínas estão agora no Parque Nacional Bet She'an; em Beit Shemesh, onde a cidade moderna israelita de Beit Shemesh foi fundada em 1950; em Gezer, anteriormente uma cidade-estado Cananea no sopé das montanhas judaicas; em Gibeão, uma cidade de Cananea ao norte de Jerusalém que foi conquistada por Josué; em Jericó, na Cisjordânia e agora sob ocupação israelita desde 1967; em Tel Hazor, o sítio da antiga Hazor, localizado ao norte do mar da Galileia; no Tel Lachish, agora um sítio arqueológico e um parque nacional israelita; no Tel Megiddo, que com a sua exagerada importância histórica é agora protegida como Parque Nacional de Megiddo, bem como sendo um Património Mundial da UNESCO; e em Jerusalém,

que os judeus agora reivindicam como a capital eterna de Israel. Então adotando entusiasticamente uma visão bíblica das escavações, os arqueólogos conseguiram garantir que cada nova descoberta de alguma forma contribua para um quebra-cabeças que convenientemente combina com a narrativa bíblica do passado incluindo a idade patriarcal de Abraão, Isaac e Jacob (Gênesis 12-50).

Esta abordagem pouco honesta à arqueologia inevitavelmente provocou uma situação onde a profusão de descobertas arqueológicas — em vez de fundamentar as narrativas bíblicas — serviu para desacreditar a sua credibilidade, criando anomalias inexplicáveis. Os pesquisadores, por exemplo, tinham dificuldade em concordar que período arqueológico correspondia à idade patriarcal; concordar quando Abraão, Isaac e Jacob realmente viveram; e concordar acerca de quando foi o túmulo dos patriarcas em Hebron comprado para servir como um lugar do enterro para os patriarcas e matriarcas.

De acordo com a cronologia bíblica, Salomão construiu o Primeiro Templo alguns 480 anos após o êxodo do Egito (1 Reis 6:1) aos quais mais 430 anos têm de ser adicionados para a permanência no Egito (Êxodo 12:40) que, juntamente com a expectativa de vida extraordinária dos patriarcas originou no século XXI a data A.C. para a deslocação de Abraão para Canaã. Nenhuma evidência, no entanto, foi descoberta para corresponder com tal cronologia. Na década de 1960 Albright sugeriu que o percurso de Abraão devesse ser atribuído à Idade

Média do Bronze (22-20 séculos A.C.), mas Benjamin Mazar — considerado como uma autoridade israelita no ramo da arqueologia bíblica — propôs que o fundo histórico da idade patriarcal deveria ser mil anos mais tarde, no século XI A.C. " período de povoamento." Tais propostas foram rejeitadas por outros que visualizaram a historicidade das narrativas como sendo lendas ancestrais narradas durante o tempo do Reino da Judeia.

Quanto ao êxodo do Egito, a caminhada no deserto e a narrativa do Monte Sinai, não havia nenhum documento egípcio para fundamentar tais alegações e enquanto alguns judeus podem ter sido expulsos do Egito antigo, é altamente improvável que o número de expulsos tivesse sido perto do número reivindicado pelos escribas judeus. Se tal acontecimento realmente tivesse ocorrido — 600.000 pessoas naqueles dias poderiam ter representado pelo menos um quarto da população do Egito — então certamente teria sido garantidamente e diligentemente registado ou mencionado pelo menos. Numerosos documentos egípcios, no entanto, mencionam o costume dos pastores nómadas de entrar no Egito para o acampamento no Delta do Rio Nilo durante períodos de seca e a escassez de comida, mas tais incursões inofensivas ao longo de muitos séculos foram frequentes em vez de um solitário, excepcional evento.

Além disso, os pesquisadores têm continuamente tentado localizar o Monte Sinai e os acampamentos no deserto das tribos nómadas, mas apesar dos esforços consideráveis, nem um

único local foi localizado para coincidir com a narrativa bíblica. Porque os principais eventos da história dos israelitas não são justificados por descobertas arqueológicas, ou documentação não-bíblica, a maioria dos historiadores concorda que a estadia no Egito e os eventos do êxodo subsequente podem ter ocorrido para um número insignificante de famílias nômadas, cuja história foi embelezada para acomodar as necessidades de uma ideologia nacionalista.

Mesmo a narrativa historicamente importante de como a terra de Canaã foi conquistada pelos israelitas está sujeita a dúvida em consequência das dificuldades encontradas na tentativa de localizar a evidência arqueológica para apoiar essa contenção bíblica. As escavações por diferentes expedições em Jericó e Ai - cidades cuja conquista conscienciosamente é detalhada no Livro de Josué — produziram nada além da conclusão de que durante o acordado sobre o período para a conquista na parte final do século XIII A.C., não havia nenhuma cidade naquele local e certamente não havia paredes que poderiam "desmoronar-se." Em resposta a esta falta de evidência, uma variedade de explicações fracas foi oferecida incluindo a sugestão de que as paredes de Jericó tinham sido destruídas pela chuva.

Há quase meio século atrás, eruditos bíblicos avançaram com a ideia de que as narrativas de conquista devem ser vistas como nada mais que lendas míticas, porque com a descoberta de mais e mais sítios tornou-se aparente que os locais em questão tinham em diferentes momentos simplesmente sido reduzidos

ou abandonados. Portanto, em última análise, concluiu-se que não havia nenhuma evidência factual na existência para apoiar a narrativa bíblica de uma conquista por tribos israelitas numa campanha militar liderada por Josué.

Enquanto a narrativa bíblica exagera na medida — "grandes cidades com muros altíssimos" (Deuteronomio 9:1) — de fortificações da cidade de Cananea conquistada pelos israelitas, a realidade era bem diferente com locais escavados onde se descobriu apenas restos de povoamento que consistiu num pequeno número de estruturas que dificilmente poderiam ser consideradas como cidades. Foi, por conseguinte, evidente que a cultura palestina urbana no final do século XIII A.C. se tinha desintegrado durante um período de centenas de anos, em vez de ser o resultado de uma conquista militar pelos israelitas.

Além disso, os autores das descrições bíblicas foram familiarizados com, ou deliberadamente ignoraram a realidade geopolítica na Palestina que estava sujeita ao governo egípcio até à metade do século XII A.C. Os centros administrativos egípcios localizavam-se em Gaza, Japho (Jaffa) e Beit She'an com provas de vários locais egípcios em ambos os lados do rio Jordão também sendo descobertos. A narrativa bíblica não menciona uma presença egípcia tão proeminente e é evidente que os escribas desconheciam, ou deliberadamente omitiram uma realidade histórica importante que as descobertas arqueológicas têm demonstrado um cenário bíblico de "grandes" cidades de Cananea, fortificações inexpugnáveis com "muros altíssimos"

e o heroísmo de alguns conquistadores israelitas assistida por Deus contra os mais numerosos cananeus, como sendo todas reconstruções teológicas desprovidas de base factual.

Mesmo o aparecimento gradual dos israelitas como povo foi objeto de dúvida e debate, porque não havia nenhuma evidência de uma conquista militar espetacular de cidades fortificadas, ou provas sobre a identidade real dos israelitas. Descobertas arqueológicas, no entanto, indicam que a partir de algum tempo depois de 1200 A.C., que é identificado com a fase de "povoamento", centenas de pequenos assentamentos estabeleceram-se na região central da colina onde os agricultores cultivavam as terras ou criavam ovelhas. Como já tinha sido estabelecido que esses colonos não tinham vindo do Egito, foi proposto — porque túmulos haviam sido descobertos na área de colinas sem assentamentos — que eles eram pastores rústicos que vagueavam por toda a região, mantendo uma economia de permuta com os habitantes do vale através do intercâmbio de carne por grãos. Com a desintegração gradual dos sistemas urbanos e agrícolas, no entanto, esses pastores de ovelhas nômadas foram forçados a produzir os seus próprios grãos, o que originou o estabelecimento de assentamentos pequenos mais permanentes.

"Israel" é mencionado num único documento egípcio datado de 1208 A.C., o período do rei Merneptah, que afirma que "saqueada é Canaã com todo o mal, Ascalon é tomada, Gezer é apreendida, Yenoam transformou-se como se nunca tivesse

existido, Israel está desolada, a sua semente não." Referindo-se ao país pelo seu nome cananeu e mencionando várias das cidades do Reino, Merenptah tinha fornecido evidência de que o termo "Israel" foi dado a um dos grupos de população que residia na região de colina central de Canaã no final da Idade do Bronze, onde o Reino de Israel foi mais tarde estabelecido.

A arqueologia também desempenhou o seu papel ao trazer uma mudança na reconstrução da realidade de David e de Salomão, período de "monarquia unida" que a Bíblia descreve como sendo a altura dos poderes económico, militar e político dos antigos israelitas com as conquistas de David seguidas pelo governo do Salomão, tendo criado um império que se estendia da Gaza ao rio Eufrates: "porque ele controlava toda a região a oeste do Eufrates, de Tifsa até Gaza, todos os reis a oeste do Eufrates" (1 Reis 04:24). Descobertas arqueológicas em numerosos locais, no entanto, provam que os edifícios imponentes e magníficos monumentos atribuídos à época não eram nada mais do que estruturas funcionais, mas de resto comuns.

Das três cidades mencionadas nas maravilhosas e bem-sucedidas construções de Salomão, Gezer provou ser apenas uma cidadela, cobrindo uma área pequena e cercada por uma muralha de casamata barata que consistia de duas paredes mais finas, paralelas, com um espaço vazio entre elas; a cidade superior do Hazor foi apenas parcialmente fortificada — cerca de 7,5 hectares do total de 135 hectares — que tinha sido estabelecidos

na Idade do Bronze; e Megiddo cobria uma pequena área com aquilo que deveria ter sido cabanas em vez de edifícios reais e sem indicação de ter tido um muro fortificado.

Mais contradições também surgiram como resultado de escavações em Jerusalém — capital da alegada da monarquia unida — onde extensas escavações nos últimos 150 anos têm descoberto alguns restos impressionantes das cidades desde a Idade do Bronze e a Idade do Ferro II (o período do Reino da Judeia). Além de alguns fragmentos de cerâmica, não foram encontrados vestígios de nenhum edifício do período da monarquia unida. Tendo em conta a existência de restos preservados de períodos anteriores e posteriores, pode-se concluir que Jerusalém no tempo de David e Salomão não era mais que uma pequena "cidade" no máximo uma pequena cidadela para o governante, mas certamente não a capital de um impressionante império conforme descrito na Bíblia.

Como eles estavam obviamente cientes dos muros de Jerusalém do século VIII A.C. e da sua cultura, dos quais vestígios tinham sido descobertos em diferentes partes da cidade, os autores bíblicos foram capazes de transferir esse cenário de volta à idade da monarquia unida. Pode considerar-se que o estatuto mais proeminente de Jerusalém foi alcançado após a destruição de seu rival, Samaria, que estava a ser sitiada desde há três anos pelo assírio Sargão II, antes de finalmente cair em 722 A.C.

Para além de dúvidas justificadas sobre os detalhes históricos

e políticos da narrativa bíblica, perguntas sobre as doutrinas e a adoração dos israelitas foram também levantadas incluindo a data na qual o monoteísmo foi adotado pelos reinos de Israel e Judeia. Por exemplo, em Kuntilet Ajrud na parte sudoeste do Negev, colina região e Khirbet el-Kom na Judeia Piemonte, inscrições em Hebraico foram descobertas que mencionam "YHWH e sua Aserá," "YHWH Shomron e sua Aserá," "YHWH Teman e sua Aserá ". Os autores eram obviamente familiares com um par de deuses, YHWH e sua consorte Aserá e tinham enviado as bênçãos em nome do casal. Essas inscrições desde o século VIII A.C. sugerem a possibilidade de que o monoteísmo, como uma religião de estado, era na realidade uma inovação da era do Reino da Judeia, após a destruição do Reino de Israel.

Descobertas arqueológicas revelaram ser consistentes com a escola crítica das conclusões do estudo bíblico que David e Salomão teriam sido chefes tribais do Reino que governaram em pequenas áreas com o primeiro em Hebron e o último em Jerusalém e desde o início não eram apenas reinos separados, independentes, mas também às vezes adversários. Consequentemente a muito falada narrativa de monarquia unida é uma mistura de uma imaginação historiográfica escrita no mínimo durante o tempo do Reino da Judeia, cujo nome real permaneceu um mistério. O que foi surpreendente sobre tudo isto foi o fato de que um estado-nação do povo judeu — incluindo o altamente inteligente Abe Goldman — estava a citar tais falácias bíblicas flagrantes como justificações para a sua

apropriação ilegal e brutal sempre atual de terras palestinas, propriedades e recursos.

Túneis do Muro das Lamentações, Jerusalém Oriental, Territórios Palestinos Ocupados

Yaakov Katzir era um judeu asquenaze da Rússia que, no sentido restrito da palavra, não era um semita porque uma investigação diligente e imparcial revelaria que a palavra "semita" não tinha nenhuma relação com qualquer grupo religioso específico ou etnia, mas com um grupo de línguas semíticas, incluindo o amárico (falado pelos etíopes e eritreus em terras anteriormente conhecidas como a Abissínia); o árabe (falado pelos árabes e outros países muçulmanos porque é a língua do Alcorão); o aramaico (falado principalmente pelos caldeus do Iraque, alguns católicos e cristãos maronitas liturgicamente pelo menos se não socialmente); o hebraico (falado pelos israelitas, muitos judeus e outros fora de Israel); e o siríaco (falado por alguns em várias partes do Síria e do Médio Oriente).

Os peritos em linguística também afirmam que Abraão, o pai dos árabes e judeus, não falava hebraico, mas aramaico, que era então a língua da terra. Genuinamente os judeus genéticos eram de Espanha, Portugal, norte da África e Médio Oriente e eram conhecidos como "sefarditas," uma palavra que deriva do hebraico "Sefarad", que diz respeito à Espanha. Judeus sefarditas, devido à familiaridade com a sua própria história e o verdadeiro significado da palavra "Semita", tendem a evitar usar

o termo "antissemitismo", porque é basicamente um absurdo. Alternativamente, os judeus asquenazess que exploram lei do regresso de Israel — a legislação israelita aprovada em 5 de julho de 1950, dando os judeus o direito de regresso, o direito de viver em Israel e o direito de adquirir a cidadania — não têm nenhuma conexão à Palestina, como foi observado por H. G. Wells em O Perfil da História: "é muito provável que a maior parte dos antepassados do judeu 'nunca' tenha vivido na Palestina 'de todo', o que testemunha o poder de afirmação histórica sobre o fato."

Até mesmo a hipótese de tempo em vigor que os judeus asquenazess eram descendentes dos Czares — um reino multiétnico que incluía iranianos, turcos, eslavos e circassianos, que supostamente se converteu ao judaísmo como ordenado pelo seu rei — foi desacreditado por estudos provando uma linhagem materna derivado em grande parte da Europa. De acordo com novas evidências de um estudo recente de DNA mitocondrial — que é transmitido exclusivamente de mãe para filho — os judeus asquenazess eram descendentes de mulheres europeias pré-históricas com nenhuma conexão com as antigas tribos de Israel. Isso também contradiz a noção persistente que os judeus europeus eram em sua maioria descendentes de pessoas que deixaram Israel e o Médio Oriente há 2.000 anos.

Sob o título de "Uma breve história dos termos para judeu" no almanaque judaico 1980, é feita a seguinte declaração: "estritamente falando, é incorreto chamar um israelita antigo 'judeu' ou chamar um judeu contemporâneo israelita ou hebreu."

Apesar de tudo o que, em 1970, Israel estendeu o direito de regresso, entrada e assentamento para incluir pessoas de ascendência judaica, juntamente com os seus cônjuges, continuando, entretanto, a forçosamente expulsar e perseguir os palestinianos indígenas que não têm tal direito como habitantes de campos de refugiados e que efetivamente são campos de concentração como Gaza e a Cisjordânia.

Porque a Irmandade Hiramica das reuniões do Terceiro Templo foram realizadas na terceira quinta-feira de cada mês, Yaakov Katzir obteve permissão através de um acordo especial para visitar os túneis do Muro das Lamentações — o projeto de turismo arqueológico mais amplo na Cidade Velha — na anterior sexta-feira para que ele pudesse fornecer aos seus colegas um relatório de progresso sobre as escavações que estavam em curso desde 1969. A próxima reunião da irmandade foi de particular importância porque o convidado de honra do Conselho do Sinédrio iria estar presente. O Sinédrio — que foi o Supremo Conselho, recentemente restabelecido como Tribunal no antigo Israel — consistia de anciãos (juizes), cuja última decisão vinculativa em tempos antigos parece ter sido em 358 com a adoção do calendário hebraico.

Katzir, no entanto, só estava interessado numa escavação em particular que estava a ser realizada com absoluto sigilo. Consequentemente com os túneis do Muro das Lamentações a estarem abertos aos visitantes de domingo a quinta-feira das sete da manhã até às seis da tarde e até meio-dia às sextas-

feiras, determinadas tarefas relativas a essa escavação secreta e indiscutivelmente ilegal só foram possíveis após hora de fechar na sexta-feira e durante todo o sábado, o Shabbat. Katzir chegou sempre antes da hora de fechar e misturava-se com a equipa dos escavadores que juraram sigilo e que supostamente eram funcionários da Fundação Herança do Muro das Lamentações.

O trabalho sobre esta particular escavação começou quase um ano e meio mais cedo, com a construção de um alçapão muito moderno sobre um eixo cavado vertical que foi facilmente coberto e tornado invisível. O alçapão situava-se em frente ao Portão dos Comerciantes de Algodão — que, juntamente com o mercado, foi construído no século XIV por Tankiz, o mameluco Emir — e em consonância com a Cúpula da Rocha. O eixo vertical de nove-pés foi equipado com uma escada de alumínio, que dava para uma câmara quadrada de 20 pés que serviu como uma sala de serviço do qual o túnel foi realizado. A eliminação do material escavado e o trazer em chapa de aço galvanizada, tubos e peitoris de lama para escorar o teto do túnel, apresentaram um problema, e algumas manobras elaboradas e precauções tinham de ser levadas em conta para não atrair atenção indesejada ou suspeita.

O túnel ia em direção à posição assumida do Poço das Almas que alguns acreditavam possa ter no passado, ou ainda possa conter a mítica e ainda por ser descoberta Arca da Aliança contendo o mandamento original dos dez mandamentos que Deus supostamente deu a Moisés no Monte Sinai, quando os

antigos israelitas estavam a vaguear no deserto. A palavra arca era um antecessor desatualizado da palavra moderna arco e foi derivada do Latim arca, significando uma caixa, baú ou cofre, onde itens eram mantidos escondidos nesses contentores considerados como sendo arcano enquanto algo profundamente misterioso era um arcanum como em alquimia e o Tarot (a partir do italiano tarocchi). Um depósito para a preservação do documento foi um arquivo, com objetos de antiguidade sendo arcaico. Consequentemente, a escavação e o exame de objetos arcaicos eram conhecidos como arqueologia.

Havia, no entanto, alguma confusão bíblica sobre a pedra dos mandamentos como por exemplo no Êxodo 40:20, afirmando que "ele levou as tábuas da lei da Aliança e colocou-as na arca, anexando os polos da arca e colocando a cobertura de expiação sobre ele," enquanto a referência real aos mandamentos vem de uma retrospectiva mais tardia do Deuteronomio. Aparentemente foi nesse ponto que os israelitas antes de transportar a arca na Jordânia foram lembrados por Moisés do seu grande poder e dos eventos anteriores no Monte Horeb. Ele lembrou como as tábuas dos mandamentos, escritas com o dedo de Deus, foram aquelas que ele tinha atirado no chão e quebrado diante dos seus olhos. Ele então contou como tinha sido ordenado para cortar mais duas pedras — onde seria escrito o que tinha sido escrito nas primeiras tábuas — e que eram aquelas as tábuas que ele tinha colocado na arca.

A afirmação de que as tábuas originais em que Deus

tenham escrito não foram na verdade colocadas na arca, compreensivelmente tinha sido a causa de algum desânimo porque a narrativa da arca era baseada nessa premissa muito que estudiosos judaicos, relutantemente, reconheceram factualmente suspeita. Para conciliar esta questão incômoda, um compromisso foi concebido na Idade Média por teólogos que concluíram que deve ter havido duas arcas: aquela que Bezaleel construiu (Êxodo 31) e a réplica contendo as tábuas quebradas por Moisés. No entanto, foi salientado que era a arca original de Bezaleel que eventualmente veio a descansar do Templo de Salomão. O destino da réplica com os mandamentos tem sido uma questão que os historiadores judeus têm religiosamente evitado salientar e coube a uma fraternidade cristã etíope explorar a fábula.

Um dos vários equívocos que ainda persistem sobre Moisés é a crença de que, apesar do fato dos estudiosos há muito saberem que eles não eram apenas escritos por diferentes escribas em Jerusalém, mas também durante períodos de tempo diferentes estendendo-se desde provavelmente o final do período pós-exílio — entre o fim do exílio na Babilônia em 538 A.C. e 1 D.C., ele terá escrito o Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronomio) — tendo em vista a criação de uma história mítica de uma nação hebraica baseada nos costumes, declarações e lendas de outras nações. Foi durante esse período, uns 700 anos depois que Moisés havia falecido que o Deuteronomio foi escrito de uma forma que sugeriu que as palavras estavam vindo diretamente da boca de Moisés. Este foi também o caso de

Êxodo e fazia parte da criação de folclore que iria fundamentar a invasão israelita da narrativa de Canaã, alegando que tinha sido a vontade de Deus com Moisés supostamente a afirmar "e quando o Senhor teu Deus te colocar a frente e tu conseguirás derrotá-los, então deverás absolutamente destruí-los. Não debes fazer nenhum pacto com eles e favorecê-los"(Deuteronómio 7:2); "mas tu deverás destruir totalmente, ou seja, os hititas e os amorreus, os cananeus, os perizeus, os heveus e os jebuseus; como o Senhor teu Deus ordenou" (Deuteronómio 20:17); "o Senhor teu Deus irá antes de ti. Ele destruirá estas nações diante de ti, para que devas expropriá-las, e o Josué vai passar por cima da sua cabeça, como o senhor disse" (Deuteronómio 31:3). Hoje no século XXI, o povo palestino ainda está a ser desapropriado das suas terras, ainda está a ser privado da sua cultura e ainda está a ser etnicamente eliminado com impunidade arrogante em conformidade com as misturas artificiais dos antigos escribas hebraicos.

O consenso da opinião académica é que tais contos derivaram de quatro diferentes fontes escritas que foram trazidas juntas durante um determinado período para produzir os primeiros cinco livros da Bíblia numa forma composta. As fontes eram referidas como J, a fonte javista (a partir da transliteração alemã do Hebraico YHWH); E, a fonte do Eloísta; P, fonte sacerdotal; e D, a fonte Deuteronomista. Consequentemente o Pentateuco (referido pelos judeus como a Torá) foi composto por material recolhido de seis séculos de folclore que havia sido combinado

para fornecer uma narrativa concebível de criação de Deus do mundo e da sua relação com as pessoas em geral e os judeus em particular.

Também havia uma aparente contradição em relação ao santuário portátil da arca, o Tabernáculo da Congregação, cujos detalhes elaborados estão conforme descritos na fonte sacerdotal ("P") Pentateuco não se assemelham à descrição muito mais simples de uma simples tenda com um Eloísta ("E"), afirmando que " agora Moisés costumava levar uma tenda e prepará-la a alguma distância do acampamento, chamando-a de 'tenda da congregação'. Alguém que perguntasse pelo Senhor iria para a tenda da congregação fora do acampamento "(Êxodo 33:7). Isto contrasta com a descrição do padre que tem um magnífico tabernáculo localizado no meio do acampamento com atendentes e guardiães de Levita. Esta versão do Tabernáculo — que posteriormente passou a ser visto como a réplica do Templo de Salomão — teve as suas paredes pesadas drapeadas com peles grossas de linho e cabra e foram concluídas com uma alteração óbvia, mobiliário, tapeçarias, anéis e outros adornos. Um santuário portátil pouco comum e completamente diferente da simplicidade do santuário da tenda de Elohim.

Também deve ser notado que no período de acordo com o evangelho do século XXI não houve ainda um único combinado texto judaico disponível e com apenas uma coleção de diferentes textos individuais existia como foi demonstrado pela descoberta dos pergaminhos nas cavernas de Qumran localizadas alguns

dois quilómetros no interior da costa noroeste do Mar Morto. Tais pergaminhos foram para uso nas sinagogas, em vez de disponíveis ao público em geral. O primeiro conjunto de textos combinados a reconhecido como uma Bíblia Hebraica não existia até após a queda de Jerusalém pelos romanos em 70 D. C. com o antigo testamento a ser escrito num estilo hebraico constituído apenas por consoantes. Isto levou a uma tradução grega — referida como a Septuaginta (desde o latim septuaginta: setenta) porque setenta e dois estudiosos foram responsáveis pela tradução — para atender ao aumento da língua grega helenista dos judeus. Durante o século IV D. C., São Jerónimo produziu uma tradução latina, referida como a Vulgata que foi posteriormente usada pelo cristianismo. Infelizmente as provas e a imparcial investigação académica sugerem que a tradução grega da Septuaginta das narrativas hebraicas — realmente indigna de ser referida como uma Bíblia — era uma falsificação bastante básica, cuja decepção perniciosa tem até hoje continuado a lavagem cerebral de multidões crédulas e a causar danos, afetando o destino da humanidade.

Por volta de 900 D.C., os eruditos judeus conhecidos como as massoretas — porque eles anexaram a Massorá, uma coleção de notas tradicionais ao texto — produziram a partir de um texto hebraico antigo um formulário novo, conhecido como o Codex Petropolitanus. Então, independentemente se é o texto massorético, a Vulgata Latina, a versão em inglês ou outro idioma de tradução, a realidade é que eles são todos da Era Atual

e como tal sofreram ajustes translacionais e interpretações por escribas empenhados em apresentar uma narrativa — mesmo que ele necessitasse de esticar a verdade — - que serviria como uma convicção religiosa comum para a unificação de um povo desesperado para estabelecer e preservar uma identidade únicas em face da opressão discriminatória. É igualmente importante reconhecer que as referências históricas para a Arca no livro do Êxodo e a partir daí a maior parte do antigo testamento eram frequentes e incluíam os relatos do seu papel crucial na conquista dos israelitas de Canaã; o seu aparente poder de matar sem aviso todos aqueles que desobedeceram as regras para o seu manuseamento; e a fúria do seu poder desencadeado para causar tumores numa escala de pandemia.

Desde então tem sido variadamente conjecturado por historiadores e estudiosos que a Arca pode ter sido levada para longe e destruída; intencionalmente escondida no Monte do Templo; removida de Jerusalém antes da invasão babilônica; levada para a Etiópia pelo Príncipe Etíope Menelik I, o suposto filho do rei Salomão e a rainha de Sabá; recolocada pelos sacerdotes judeus durante o reinado de Manassés; ou simplesmente milagrosamente removida por intervenção divina. Embora a última alusão conhecida à Arca seja no templo datada de 701 A.C., quando o rei assírio Sennacherib cercou as forças de Ezequiel em Jerusalém, a sua existência e destruição ou remoção dos restos do templo estão sujeitas a muito debate.

Apesar da falta de certeza sobre a existência do Poço das

Almas — ou até mesmo a Arca da Aliança — a sua localização foi reivindicada em Haram al-Sharif/Monte do Templo em baixo de uma caverna natural sob a rocha sobre a qual, de acordo com a tradição judaica, Abraão se preparava para sacrificar o seu filho Isaac, e de onde a tradição islâmica mantém que foi onde Muhammad ascendeu ao céu. Enquanto o bater no chão da caverna suscitou um misterioso som oco, os exploradores famosos britânicos do século XIX Charles Wilson e Sir Charles Warren acreditavam que o eco retumbante era devido a uma pequena fissura debaixo do piso e eles não conseguiram também provar ou refutar a existência de tal uma câmara.

Embora nunca tivesse havido qualquer exploração arqueológica oficialmente organizada do site ou Haram al-Sharif/Monte do Templo — que está sob o controlo do Fundo Religioso Muçulmano Waqf — era conhecido suficientemente para ser intrigante com uma rede de uns quarenta e cinco cisternas, câmaras, túneis e cavernas. Shimon Gibson, pesquisador sénior no Instituto de Pesquisa Arqueológica W. F. Albright em Jerusalém, que, com o colega David Jacobson, escreveu uma revisão definitiva — Em baixo do Monte do Templo em Jerusalém: um Glossário sobre as Cisternas, Câmaras Subterrâneas e Conduas de Haram Al-Sharif — disse que "desde o século XIX, a nenhum Ocidental foi permitido acesso às câmaras subterrâneas no Monte do Templo... Eu teria gostado de me disfarçar como um trabalhador local do Waqf e me ter infiltrado nesses sítios, mas não queria correr o risco de

criar um incidente internacional." Tomar esse risco já não era um problema para um grande número de israelitas.

Segundo os relatos bíblicos, a Arca — que foi construída com madeira de acácia coberta de madeira de cor dourada (acácia) conhecida pelos antigos egípcios, como a árvore da vida, com importância na medicina tradicional e em muitos casos contendo alcaloides psicoativos (alucinógenos) — tinha sido escondido numa câmara sob Haram al-Sharif/Monte do Templo. Se fosse este o caso, então era improvável que tivesse sobrevivido às condições adversas e húmidas. Era a opinião de Shimon Gibson que "a arca provavelmente se teria desintegrado. A não ser, claro, que tivesse propriedades sagradas. Mas, como arqueólogo, não posso falar sobre as propriedades teóricas de santos numa caixa de madeira." Mesmo se fosse esse o caso, então certamente ainda haveria alguma presença de qualquer ouro que cobria a arca, ou do pote de ouro que continha o maná, o "pão do deserto" que Deus deu para as 600.000 crianças de Israel quando estavam a ir do Egito para a Terra Prometida.

Que Yaakov Katzir soubesse, a descoberta do Poço das Almas ou qualquer câmara sob o Monte do Templo iria reivindicar o seu entusiasmo fanático pelo compromisso da Irmandade Hiramica para a construção de um terceiro templo; justificar a crença no seu chauvinismo judeu como incutida pelo seu mérito e serviço militar; e inflamar o seu fervor nacionalista judeu e ódio por não-judeus enquanto exploram o Holocausto como justificação para a violência e discriminação contra os palestinianos, imigrantes

africanos e até mesmo judeus etíopes. A consciência de Yaakov estava na verdade nada preocupada com a atual violência racista israelita contra os judeus etíopes cuja pretensão de ter a Arca da Aliança na Etiópia, veementemente ridicularizada por ele como um "absurdo de negro que eles devem levar com eles para África."

A tradição etíope manteve que a Arca da Aliança foi preservada na antiga cidade sagrada de Axum. A Arca aparentemente tinha sido mantida por séculos na Igreja de Maria de Sião, onde o Imperador Iyasu foi registado como tendo visto e falado com ela em 1691. Atualmente a Arca é supostamente mantida na capela do Tablet, construída adjacente à igreja durante o reinado do último imperador, Haile Selassie. Foi-lhe dito para ser confiado a um único guardião, que queimou incenso e recitou o livro bíblico dos Salmos na frente da Arca. Ninguém — reis e bispos incluídos — foi autorizado a aproximar-se da Arca que não fosse o Guardião que não era apenas um monge, mas também virgem servindo a Arca até que ele se aproximasse da sua própria morte, nomeando então ele um sucessor.

O relato clássico da Arca na Etiópia é um épico medieval, A Glória dos Reis (Kebra Nagast), escrito na língua etíope Ge'ez. Descreve como Bilkis, a rainha de Sabá, na audiência de sabedoria imensa do rei Salomão, viajou para Jerusalém a fim de adquirir mais conhecimento e sabedoria sobre como melhor governar o seu povo. Ficando muito impressionado com a sua beleza e inteligência, Salomão começou a desejar ter uma

criança com ela: um desejo não guiado pelo desejo, mas por uma aspiração aparentemente altruísta para encher a terra com filhos que serviriam a Deus de Israel. Foi alegado que Bilkis teve um filho que, como um homem adulto, viajou da Etiópia para visitar o seu pai em Jerusalém. Depois da unção de seu filho como rei da Etiópia, Salomão instruiu os anciãos de Israel para enviarem os seus próprios filhos à Etiópia para servirem como conselheiros. Como eles estavam descontentes com a perspectiva de nunca mais ver Jerusalém e o seu templo, os jovens israelitas decidiram levar a Arca junto com eles. A narrativa de A Glória dos Reis afirma que na verdade era a Arca em si que decidiu deixar Jerusalém porque os judeus tinham deixado de praticar a fé revelada a eles por Deus.

Uma versão alternativa da visita por Bilkis, tem ela a ser recebida com fanfarra, festividades e uma visita guiada aos grandes edifícios incluindo o templo que a encheu com assombro e admiração. Ao ser cativado pela sua beleza, Salomão — o que foi dito ter acumulado trezentas concubinas e setecentas esposas — propôs casamento que foi aceitou por uma Bilkis lisonjeada. Após várias visitas subsequentes ao templo, no entanto, Bilkis insistiu na reunião com o arquiteto de tal magnificência, e quando trazido perante dela, ela viu forma e aparência totalmente sedutoras do arquiteto Hiram Abiff. Ao recuperar a compostura, ela não só questionou Hiram durante muito tempo, mas também o defendeu contra a evidente má vontade do rei Salomão e crescente ciúme. Quando ela pediu

para ver os homens que construíram o templo, Salomão protestou contra a impossibilidade de reunir a todos os trabalhadores de aprendizes, companheiros e mestres. Mas Hiram, pulando sobre uma grande pedra a fim de ser melhor visto, descreveu com a mão direita o Tau simbólico, e imediatamente todos os trabalhadores se apressaram de diferentes trabalhos para a presença do seu mestre. Bilkis ficou tão impressionada por tal demonstração de autoridade que ela percebeu que ela estava apaixonada pelo grande arquiteto e lamentou a sua promessa a Salomão. Ela eventualmente não continuou com a sua promessa a Salomão ao remover o anel de noivado do dedo dele enquanto ele estava sob a influência do vinho.

Isto levanta as questões de quando A Glória dos Reis foi escrito, e quando começou a tradição da Arca na Etiópia. Era conhecido através das moedas e inscrições que os antigos reis de Axum eram pagãos até o século IV momento em que eles se converteram ao cristianismo — que foi declarado a religião do estado em 330 — sem registo da existência de qualquer deles ter alegadamente descendido de rei Salomão ou de estar associado com a Arca da Aliança. O relatório mais antigo da presença da Arca na Etiópia aparece no final do século XII, quando um armênio no Cairo, Abu Salih, escreveu em árabe que os etíopes estavam na posse da Arca da Aliança que foi levada pelos descendentes da família do rei David que tinha cabelos loiros e tez vermelha e branca. Enquanto alguns historiadores afirmam com razão que Abu Salih estava errado em afirmar que

a Arca tinha sido levada pelos europeus, em vez de etíopes, o seu relato não pode ser desconsiderado, porque ele pode ter invocado a autoridade da Canção de Salomão do Bíblia que afirma que Salomão tinha bochechas brancas e vermelhas e cabelos como ouro fino.

Apesar de todos esses argumentos e teorias, tinha de ser, finalmente, reconhecido que os fatos históricos relativos ao tempo de vida do rei Salomão (c. 1011-931 A.C.) foram vagamente baseados em várias lendas do Egito, Fenícia e sul da Arábia, onde a terra de Sabá tinha florescido na Estrada da Caravana.

Qualquer pesquisa honesta por arqueólogos e estudiosos dos fatos disponíveis concluiria que os israelitas muito dificilmente teriam estado no Egito, dificilmente poderiam ter vagueado pelo deserto durante quarenta anos, tinham falta dos meios militares para conquistar a Terra Prometida, e conseqüentemente não a poderiam ter passado para as doze tribos de Israel. Nada disso, no entanto, ia desencorajar aqueles com a intenção da judaização completa de Jerusalém de Leste para a construção de um Terceiro Templo como cumprimento de uma aspiração acarinhada para uma unida Jerusalém como a capital indivisível e eterna do povo judeu às custas da obliteração dos palestinos indígenas, da sua cultura e da sua história.

Em geral o respeito pelos direitos dos outros — não-judeus e palestinos em particular — não era uma questão de grande preocupação para Katzir, pois desde a infância

tenham sido ensinado que os não-judeus (cristãos) eram pessoas más para serem temidas e vistas com desconfiança e por causa do que eles tinham feito no passado; tinha sido inculcado com preceitos racistas e invariavelmente falsos que incentivaram um extremo ódio e o medo do mundo exterior, conseqüentemente, desenvolveu uma mentalidade de cerco que impedia a possibilidade de tolerância e coexistência com outros grupos étnicos; e tinha vindo a considerar-se como sendo uma das vítimas perenes cuja "vitimização" era para ser nutrida e usada como uma arma contra os inimigos não-judeus. A tendência do Katzir para a retribuição viciosa foi algo que Conrad e Freya estavam destinados a encontrar em breve em Jerusalém.

Sábado, 12 de dezembro

Beirute, Líbano

O anúncio do Comité de Proteção dos Jornalistas que referia que 69 jornalistas tinham sido mortos enquanto trabalhavam durante o ano passado perturbou Mark Banner, mas não o surpreendeu. Síria foi onde a maioria dos jornalistas tinha morrido com um total de catorze, enquanto a França ficou em segundo lugar, com nove; quarenta por cento morreu nas mãos de grupos militantes islâmicos como Al-Qaeda e o estado islâmico; e mais de dois terços do total morto tinha sido por assassinato. Tal notícia, no entanto, não ia dissuadir Mark e como de costume, ele enviou o seu último artigo para sua agência de notícias de Londres.

A Nova Arma do Sionismo: A Exploração do Antissemitismo
Mark Banner

Domingo, 13 de dezembro

A diferenciação entre judaísmo e sionismo requer o reconhecimento de determinados factos básicos. Para começar, Theodor Herzl (o fundador do sionismo) era um ateu cuja consciência pessoal do judaísmo parece ter sido despertada durante o julgamento de 1894, a condenação injusta e prisão na Ilha do Diabo de Alfred Dreyfus, um oficial de artilharia francesa de origem judaica alsaciana, acusado de espionagem

para a Alemanha. No seu diário, Herzl não fez segredo da sua intenção de usar o sofrimento dos judeus como um meio para promover a ideologia sionista. A sua visão de um Estado judeu não tinha nada a ver com "... Também lhes trará volta para a terra que deu aos seus antepassados, e eles devem possuí-la" (Jeremias 30: 3). Herzl realmente considerou vários outros locais tais como o Uganda e a Argentina para o seu estado sionista e a sua visão do sionismo e o judaísmo era mais semelhante ao de Chaim Chassas que em 1943 no jornal sionista, Ha'Arutz, disse:

"O sionismo e o judaísmo é não uma coisa, mas duas coisas diferentes. E claro os dois contradizem-se um ao outro. O sionismo começa no local onde o judaísmo é destruído... uma coisa é certa, o sionismo não é uma continuação ou cura do Judaísmo ferido, mas antes um desenraizamento."

O sionismo nunca teve qualquer escrúpulo sobre a perda de vidas de judeus, desde que essa perda promovesse a causa do sionismo. No livro 51 Documentos: Colaboração Sionista com os Nazis, o editor Lenni Brenner usa documentos históricos reais para demonstrar a traição dos judeus pelos sionistas — antes, durante e depois do Holocausto — mesmo ao ponto de se oferecer para lutar para os Nazis com o entendimento que, após a Alemanha vencer a guerra, o sionismo seria recompensado com a Palestina.

"Se eu soubesse que era possível salvar todas as crianças da Alemanha ao transportá-las para a Inglaterra e só a metade ao transportá-las para a terra de Israel, eu escolheria a última,

porque diante de nós encontram-se não os números destas crianças, mas o julgamento histórico das pessoas de Israel."

Do livro do historiador israelita Shabtai Teveth acerca de Ben-Gurion.

A política sionista de Apartheid deliberada a longo prazo de Israel acerca dos ataques militares periódicos contra o povo palestino desarmado em grande parte — incluindo o atual ataque covarde e bárbaro que até os nazis tinham dificuldades em igualar — não tem absolutamente nada a ver com "legítima defesa", porque mesmo os ataques de foguetes Hamas lamentáveis são processados ineficazmente pelo Sistema Antimíssil Cúpula de Ferro pago pelos contribuintes americanos de Israel. A verdadeira razão para tais ataques é para cumprir a ideologia sionista, evitando qualquer tipo de negociação de paz que pode prevenir a terra israelita de ser tomada ilegalmente e a limpeza étnica necessária para a criação de uma "grande Israel" desprovida de palestinos. Para adicionar insulto à injúria, estes selvagens sionistas sem vergonha também tem a audácia descarada para se referir aos palestinos como "animais" e aos mesmos como o "povo escolhido de Deus". A história mostrou repetidamente que sempre que um grupo étnico se considera como sendo superior aos outros — seja uma "raça superior" ou um "povo escolhido" — então depois de muita morte e destruição, que ele eventualmente irá perecer como foi o caso com o Terceiro Império.

As más intenções racistas de Israel sionista mantiveram-se

constantes desde a sua criação com o seu principal fundador e primeiro Primeiro-Ministro, David Ben-Gurion enfaticamente, afirmando que "devemos usar o terror, assassinatos, intimidação, confisco de terras e o corte de todos os serviços sociais para livrar a Galileia da sua população árabe." Este "pai da nação" e agora (se há vida após a morte) convidado do diabo, deve estar muito orgulhoso da tenacidade com que os seus compatriotas "eleitos por Deus" têm continuado a sua tarefa ao pilhar e assassinar no seu caminho no sul na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.

A venda bem-sucedida para o mundo das justificações israelitas óbvias e fabricadas foi alcançado através de um ataque em todas as frentes possíveis, incluindo a distorção grosseira dos fatos arqueológicos e da narrativa bíblica.

"A apropriação do passado como parte da política do presente... poderia ser ilustrado para a maioria das partes do globo. Mais um exemplo que é de particular interesse para este estudo, é a maneira como a arqueologia e a história bíblica adquiriram tal importância para o estado moderno de Israel. É esta combinação que tem sido um fator tão poderoso ao silenciar a história Palestiniana".

Keith W. Whitelam, *A Invenção da Antigo Israel: o Silenciamento da História Palestiniana*, Routledge, Londres, 1996.

"Eliminar os elementos árabes da história da Palestina é outro elemento crucial da limpeza étnica. 1500 anos de cultura na Palestina e de governo dos árabes e muçulmanos são banalizados,

as provas da sua existência destruídas e tudo isso é feito para tornar a conexão absurda entre a antiga civilização hebraica e Israel de hoje. O exemplo mais gritante de hoje é em Silwan, (Wadi Hilwe), uma cidade adjacente à Cidade Velha de Jerusalém com uns 50.000 moradores. Israel está a expulsar as famílias de Silwan e a destruir as suas casas, porque alega que o rei David construiu uma cidade lá há 3.000 anos. Milhares de famílias ficarão sem teto para que Israel possa construir um parque para comemorar um rei que pode ou não pode ter vivido há 3.000 anos. Não existe um fragmento de evidência histórica que possa provar que o rei David existiu, mas ainda assim homens palestinianos, mulheres, crianças e idosos juntamente com suas escolas e mesquitas, igrejas e cemitérios antigos e qualquer evidência da sua existência deve ser destruída e então negada para que reivindicações sionistas aos direitos exclusivos para a terra podem ser substanciadas."

Miko Peled, militante pacifista israelita e autor (nascido em Jerusalém, 1961)

O truque mais bem-sucedido da intriga sionista tem sido de equiparar-se com o judaísmo e sequestrar e esconder aspetos judaicos começando com emblemas sagrados como o Menorá e para degradar a memória do Holocausto, cuja invocação cínica constante é usada para silenciar a crítica dos crimes bárbaros israelitas e até mesmo evocar a justificação ilusória para o frio, o calculado genocídio do povo palestiniano.

"Os israelitas e os judeus americanos concordam plenamente

que a memória do Holocausto é uma arma indispensável — que deve ser usada implacavelmente contra o seu inimigo comum... Indivíduos e organizações judaicas, portanto trabalham continuamente para lembrar o mundo desse evento. Na América, a perpetuação da memória do Holocausto é agora uma empresa de 100 milhões de dólares americanos — por ano, parte dos quais é financiado pelo governo."

De acordo com o autor israelita Moshe Leshem, a expansão da energia israelita é proporcional à a expansão da propaganda "Holocausto".

"Desde que os judeus inventaram a acusação de difamação por "antissemitismo "na década de 1880. Foi publicado pela primeira vez na enciclopédia judaica (1901 Vol. 1, p. 641) e foi construída com dinheiro judeu, organizações, propaganda e mentiras (tais como o Holocausto — Holomentira), para que agora a palavra é como um veneno de cobra que paralisa o sistema nervoso. Até mesmo a menção da palavra "judeu" é evitada, a menos que usada num contexto mais favorável e positivo."

Charles A. Weisman, Quem é Esau-Edom? Weisman publicações, 1966.

O uso continuado de "antissemitismo" como uma arma contra seus críticos — até mesmo para a extensão da recente invenção de um "novo antissemitismo — "é essencial para a sobrevivência do sionismo porque serve para desviar a atenção do mentir, enganar, roubar, matar, beneficiar da guerra de

especulação, violar de modo óbvio o direito internacional e cometer crimes bárbaros contra a humanidade. Ainda que, apesar de tal evidência esmagadora e irrefutável da criminalidade inabalável de Israel, judeus em todos os lugares continuam a declinar equiparar o sionismo com o judaísmo e a maioria daqueles que reconhecem a diferença, revelam falta de coragem para dizê-lo; os meios de comunicação corporativos continuam a recusar a fazer a coisa certa por incondicionalmente relatar os fatos; os líderes políticos — liderados pelos Presidente americano e Primeiro-Ministro corrupto e servil do Canadá — continuam com uma visão limitada para falar sobre e elogiar a limpeza étnica de Israel do povo palestino; e quando a maior parte do resto de nós, ao aceitar calmamente as mentiras da propaganda de Israel, tornamo-nos cúmplices dos seus crimes enquanto obedientemente bebemos de uma taça sionista que transborda com sangue palestino.

8

Terça-feira, 15 de dezembro

Little Venice, Londres, Inglaterra

Vários eventos ao longo dos últimos anos tinham mudado dramaticamente a vida do Conrad Banner com o primeiro sendo encontrar e se apaixonar por Freya Neilson. O segundo evento importante foi a morte do seu avô, que foi seguida seis meses mais tarde, pela morte da sua avó. A sua morte serviu para facilitar a reconciliação entre ele e o seu pai, Mark. A fenda entre eles tinha ocorrido dezasseis anos antes, quando Mark — um escritor e jornalista com inúmeros prémios de jornalismo britânicos e internacionais por cobrir o Médio Oriente — fixou residência em Beirute, onde a mãe de Conrad não estava preparada para ir viver. A rutura do casamento tinha sido seguida por um divórcio inevitável, mas bastante amigável com Conrad, ficando este na Inglaterra com a sua mãe e, conseqüentemente, acabou por se afastar do seu pai.

O último testamento dos avós estipulava que a sua propriedade - inclusive a sua casa no local desejável de Little Venice — fosse dividida igualmente entre Mark e Conrad que concordaram em não vender a casa da família onde Mark tinha crescido enquanto criança e onde Conrad havia passado muitos fins de semana e férias de verão. Em vez disso tinham decidido que Conrad residiria na casa onde havia sempre espaço para ele todas as

vezes que ele visitasse Londres. Era um arranjo conveniente que também lhes permitiu ocasionalmente passar algum tempo juntos. Como Mark geralmente fazia questão de passar o Natal em Londres, eles, juntamente com a mãe de Conrad, que não tinha casado de novo, conseguiram celebrar o Natal passado juntos como uma família, pela primeira vez em muitos anos.

Este ano, no entanto, Conrad tinha decidido que o documentário que ele estava prestes a começar a filmar em Jerusalém devia incluir as celebrações de Natal da Terra Santa a 25 de dezembro. Além da celebração de dezembro para católicos e protestantes, havia ainda mais as celebrações de Natal no dia 6 de janeiro, para os cristãos ortodoxos e 19 de janeiro para a os ortodoxos armênios em Jerusalém. O tema do documentário de Conrad ia ser o uso impróprio da arqueologia por Israel para eliminar os elementos árabes, invalidar e gradualmente destruir qualquer fundamento probatório da existência de um povo palestino e em vez disso legitimar a Israel a reivindicação da Terra Santa através da criação de alegações infundadas para a alegada existência de uma antiga civilização judaica que justificasse a atual apropriação de terras judaicas pelo estado de Israel.

Na sua anterior visita exploratória a Jerusalém Jason conheceu e fez amizade com Sami Hadawi e Adam Peltz, com quem ele discutiu os seus planos para o documentário. Peltz tinha explicado que apesar do seu suposto "objetivo de aumentar a consciência pública e o interesse no património arqueológico

do país", envolver ostensivamente na atividade científica, a Autoridade de Antiguidades de Israel (IAA), não conseguiu fornecer quaisquer informações acessíveis facilmente sobre locais ou objetivos das suas escavações em curso, o escopo das suas atividades, ou a natureza dos seus achados. Frequentemente, as informações disponíveis sobre as escavações do túnel eram fornecidas após o fato através de um comunicado de um porta-voz da IAA e não relatava de forma clara e transparente, enquanto o trabalho estava em andamento. Isso foi suficiente para dizer que uma tal falta de transparência elevada originou suspeitas de atividades irregulares que podiam danificar as descobertas arqueológicas para fazer avançar as atividades secretas dos objetivos políticos.

Naquela manhã Conrad estava na sua mesa, a fazer uma lista de tudo o que seria necessário para a próxima viagem a Jerusalém. Ele tinha decidido que teria um equipamento compacto que pudesse ser transportado num saco da máquina fotográfica e fosse fácil de andar com ela e movimentar-se, incluindo um gravador PCM projetado para uso com a escolha de uma câmara de lente única reflexiva digital que, ao contrário de uma câmara de vídeo, também poderia tirar fotos excelentes; lentes, incluindo 18-35 f1.8, 50mm f 1.8 e 200mm f3.5.; conjunto de iluminação LED; um tripé de cabeça fluído; um controlo deslizante de 24 polegadas; e um equipamento de ombro. Ter o equipamento certo era apenas uma pequena parte do documentário que incluía não apenas familiaridade com a

técnica e com o equipamento, mas também a competência na narrativa, roteiro, edição, produção e é claro uma pesquisa exaustiva do assunto que Conrad tinha feito através da leitura sobre a história evolutiva do judaísmo e a sua conexão com Jerusalém.

De acordo com as datas bíblicas aproximadas, começando com Abrão/Abraão — uma figura-chave em três religiões monoteístas do judaísmo, Cristianismo e Islamismo — que supostamente viveu na cidade socialmente avançada de Ur dos caldeus na Babilônia (agora Iraque), foi por volta de 2091 A.C. (Gênesis 12) que ele recebeu a "chamada" de Deus/Yahweh/Jeová numa comunicação verbal para "ir dos seus parentes e da casa de seu pai para a terra que te mostrarei." Conrad estava prestes a descobrir que isto provaria ser o primeiro de muitas alegadas comunicações ao povo judeu de Deus que era aparentemente insensivelmente indiferente para com todos os outros seres humanos que ele havia criado: "Então Deus criou a humanidade à sua imagem, à imagem de Deus ele os criou; macho e fêmea ele os criou"(Gênesis 01:27).

Assim como o seu pai Terá tinha recentemente morrido na idade difícil de acreditar de 265 — tendo gerado uma prole com a idade de 190 —Abraão de 75 anos e a sua esposa Sarai/Sarah partiram para Harã (agora Síria) para reunir as posses e as pessoas antes de ser levados por Deus para Canaã onde de apesar da presença dos cananeus, Deus comprometeu-se a dar Canaã à prole de Abraão, possibilitando que os

escribas hebreus insinuassem os conceitos que andavam de mão dada de "Povo Escolhido" e "Terra Prometida" —conceitos inventados que Conrad observou tinham sobrevivido até este dia e estavam a ser citados como justificação para o deslocamento de uma população indígena de palestinianos para facilitar o estabelecimento de uma "terra prometida" para o povo judeu.

Infelizmente a fome tinha aparentemente atingido Canaã o que fez com que Abraão deixasse o Egito durante um período de tempo antes de regressar oportunamente para ter mais uma vez a promessa de Deus, a ele e aos seus descendentes de Canaã a terra em perpetuidade. Em seguida, apesar de estar nos seus noventa anos e sem o benefício do Viagra ou ostras —Giacomo Girolamo Casanova, oriundo de Veneza, o amante de renome, comia 50 ostras ao pequeno-almoço — Abraão de alguma forma conseguiu fazer a serva da Sarah, Hagar, grávida, sendo posteriormente a criança chamada Ismael por volta 2080 A.C. (Génesis 16:15).

Foi anos mais tarde que a Sarah ficou milagrosamente grávida após a menopausa quando Abraão tinha noventa e nove anos e após dar à luz Isaac em 2066 A.C. (Génesis 21), exigiu que a sua rival Hagar fosse expulsa para o deserto juntamente com o seu filho Ismael. Apesar de uma certa hesitação, Abraão finalmente cedeu após ter recebido a garantia de Deus que como Ismael era seu filho, ele também faria dele "uma grande nação." Os árabes têm posteriormente alegado descender de Ismael que apresenta no Alcorão como Ismail, um profeta e um antepassado do Profeta

Muhammad.

Após a morte da Sarah com a idade de 127 anos, Abraão adquiriu dos hititas locais — juntamente com o direito de governar a área e estabelecer Isaac como seu herdeiro — o que é agora a "Caverna dos Patriarcas" em Hebrom, conhecida pelos muçulmanos como o santuário de Abraão ou a Mesquita Ibrahimí onde mais recentemente, em 1994, Baruch Goldstein, membro da extrema-direita israelita Kach e Kahane Chai, americano-israelita enlouquecido abriu fogo contra muçulmanos que oravam, matando 29 e ferindo 125 antes de ser dominado e subsequentemente morrer das suas feridas.

Os eventos bíblicos que se seguiram incluíram a destruição de Sodoma e Gomorra, cujo principal pecado parece ter sido sexo anal forçado ou consensual entre dois homens com os quais a palavra "sodomia" se tornou sinónimo; a transformação da esposa de Ló (sobrinho de Abraão) numa estátua de sal; e a conspiração das duas filhas de Ló para ficarem grávidas pelo seu pai enquanto ele dormia depois de beber vinho.

Então, Isaac teve filhos gémeos dos quais Jacob — mais tarde renomeado de "Israel" por Deus — enganou Esau com malícia já que este era o primogénito; teve quatro esposas, com quem foi pai de doze filhos, incluindo o preferido José com o seu "casaco de muitas cores", cujos irmãos invejosos venderam como escravo no Egito; e onde Joseph seguindo diversos testes e atribulações ganhou o respeito do Faraó e passa a ser "governador de toda terra do Egito" (Génesis 41:43).

Durante a seca de Canaã, Israel e os seus outros filhos viajaram para comprar grãos no Egito, onde foram recebidos por José que inicialmente ocultou a sua identidade antes de finalmente se revelar e perdoar os seus irmãos. Os irmãos estabeleceram-se no Egito, onde os seus descendentes prosperaram tornando-se uma minoria abastada e influente, conhecida como "Hebreus" ou "Israelitas". Eles foram, no entanto, eventualmente escravizados por causa da alegação do Faraó que o povo hebreu "era mais numeroso e mais poderoso do que nós" (Êxodo 1-12): uma alegação que estabeleceu o conceito de longa duração de "separação" e "vitimização" do povo judeu.

O Faraó, oportuna e alegadamente mandou que todos os meninos hebreus recém-nascidos fossem mortos, mas a mãe do bebé Moisés, nascido por volta de 1525 A.C. (Êxodo 2), escondeu-o primeiro e então colocou-o numa cesta de vimes e ele flutuou no Rio Nilo, onde foi eventualmente encontrado e adotado por uma princesa egípcia. Depois de ser criado entre a aristocracia egípcia, Moisés eventualmente descobriu a sua linhagem hebraica, fugiu para a terra de Midiã na Península Arábica e encontrou o "anjo do senhor" sob a forma de uma sarça ardente (Êxodo 3:2), através de quem ele é ordenado por Deus para guiar o seu povo da escravidão, o que fez Moisés exigir ao Faraó, "Deixa o meu povo ir" (Êxodo 8:1).

Quando o Faraó se recusou, Deus feriu os egípcios com pestilências para que as forças do Faraó cedessem e permitissem que os hebreus saíssem. O Faraó, de seguida, enviou as suas

tropas em perseguição aos hebreus que, ao atingir o Mar Vermelho, foram salvos quando Deus separou a água do mar para permitir que Moisés e o seu povo escapassem enquanto os egípcios que os perseguiram se afogaram quando a água do mar se voltou a juntar.

Porque Moisés como um personagem foi concebido com o nome egípcio Thutmose ou Ahmoses e foi baseado numa coleção de mitos diferentes — incluindo o do semideus egípcio Hércules de Canopus, que foi criado de um arco em juncos no Nilo e cresceu para executar muitos grandes feitos antes de eventualmente morrer numa montanha — a natureza ilusória da sua pessoa lança dúvidas sobre a sua existência real.

A narrativa sobre a divisão do Mar Vermelho parece ter vindo da cortesia de Ísis, deusa egípcia antiga, que depois de saber da localização do cofre contendo o corpo do marido assassinado Osíris, simplesmente separou as águas para a sua jornada para Biblos no Líbano, fornecendo desse modo também a linha de história para Bindumati (Kali como a mãe de bindu ou A Centelha da Vida) que milagrosamente cruzou o rio Ganges.

Mesmo a parte sobre Moisés receber as tábuas de pedra por Deus no Monte Sinai tem ecos do canaanita "Deus da Aliança," Baal-Berith, com dez mandamentos nas tábuas a seguir aqueles do decálogo budista. Nos tempos antigos tais mandamentos eram geralmente dados por uma divindade no topo de uma montanha como foi o caso com a rainha do céu grega de Titã, Mãe Rhea do Monte Dicte (em Creta) e Zoroastro que recebeu as suas tábuas

numa montanha de Ahuru Mazda.

O que intrigou também Conrad era que enquanto os irmãos de José foram capazes de viajar para o Egito num período relativamente curto de tempo, 600.000 hebreus de alguma forma conseguiram — apesar da impossibilidade logística naqueles dias de fornecimento de comida, água e abrigo para muitos — vagar sem rumo por 40 anos numa pequena península triangular com uma área de algumas 23.000 milhas quadradas, situado entre Mar Mediterrâneo a norte e o Mar Vermelho ao sul.

Foi nalgum momento por volta de 1406 A.C. que Josué — que foi um dos doze espiões enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã e tornou-se líder, depois de Moisés morrer — leva os hebreus para a terra de Canaã, que era habitada por diversos povos, incluindo os amorreus, edomitas, hittites, jebusites, perizeus, filisteus e outros que Josué é ordenado por Deus para exterminar — uma ordem que contradiz as numerosas alegações bíblicas que Deus é todo misericordioso. A conquista é conseguida através de vários eventos milagrosos, tais como a separação do rio Jordão e a batalha de Jericó, durante o qual as paredes da cidade caíram quando os hebreus sopraram as suas trombetas. De seguida, segundo ordens de Deus, os hebreus triunfantes abateram cada homem, mulher e criança na cidade.

Supostamente ter conquistado a "terra prometida" com a sua cidade pagã de Jerusalém, os hebreus passaram gerações sob o governo de "juizes" — que eram, na realidade, os xamãs como Débora, Gedeão, Sansão e Samuel — antes de decidir nomear

um rei contrário à interpretação por alguns que tal ação seria uma afronta ao governo direto de Deus através dos juízes divinamente inspirados. No entanto, um personagem chamado Saúl — cuja existência é questionada por muitos historiadores — torna-se rei e governa em cerca de 1043 A.C. antes de eventualmente cair na sua espada num ato de suicídio a fim de evitar a captura na batalha contra os filisteus. O genro de Saúl, David, então assumiu primeiramente o governo de Hebrom, durante sete anos e depois Jerusalém durante 43 anos.

A primeira menção de Jerusalém na narrativa bíblica ocorre quando na batalha de Gibeão, Josué derrota o rei de Jerusalém (Josué 10:5) e coloca a cidade sob o controlo hebraico ao pedir a Deus para parar o sol — uma impossibilidade astronómica — para que a luta pudesse ser celebrada na luz do dia que Deus gentilmente e milagrosamente concordou em fazer (Josué 10:12). Conrad também aprendeu que Jerusalém — mencionada pela primeira vez em textos de Execração egípcios dos séculos XIX e XX A.C. — tinha sido fundada pelo povo proto-canaanita muito antes da existência de qualquer coisa parecida com o judaísmo em tempo algum entre 4500-3500 A.C. e era conhecido como Daru Shalem em dedicação ao Deus do Crepúsculo, Shalim. Então, a cidade era governada em aproximadamente 1500-1200 A.C. pelos faraós de Memphis no Egito com os cananeus, atuando como seus procuradores. Mesmo depois do governo faraónico ter terminado, os monarcas de Canaã continuaram a exercer o controlo sobre a região onde

a cultura e crenças canaanitas prevaleceram apesar da absorção gradual de algumas práticas religiosas que foram mais tarde ligadas ao judaísmo.

O fim do reinado do rei Salomão, assim continua a narrativa, testemunhou uma divisão em dois reinos de Israel e Judá com o anterior eventualmente duas vezes a ser atacado pelo império assírio em 732 e em 720 A.C. A alegação de que a sua população foi dispersada levou para a posterior mistura sobre as tribos de Israel sendo "perdido" em numerosos lugares distantes. Ezequias de Judá, com a sua capital em Jerusalém, no entanto, conseguiu negociar a paz com os assírios. É nesta fase que a narrativa bíblica tem finalmente uma prova alternativa não-bíblica quanto à existência de rei Ezequias (c. 716-686 A.C.) por fontes assírias. A narrativa da Bíblia cita-o como o rei que estabeleceu o culto de um Deus/Yahweh/Jeová enquanto proibindo a adoração de divindades pagãs do templo. Pensava-se também por muitos estudiosos que Josias, o bisneto de Ezequias e rei de Judá (c. 640 - c. 610 A.C.) codificou as escrituras hebraicas com a maioria dos textos do antigo testamento agora acreditando-se que datam no mínimo do século VII, com a probabilidade de que o judaísmo em si também date daquele período.

Não obstante, Judá eventualmente sucumbiu ao império neobabilónico, com a queda de Jerusalém por volta de 590 A.C. quando presumivelmente o primeiro templo foi destruído e alguma população deportada para passar décadas no exílio conhecido como o "cativeiro babilónico". Os exilados,

consequentemente, foram expostos aos conceitos zoroastrianos de vida após a morte, um céu, um Salvador messiânico e mitos zoroastrianos escatológicos e cosmogónicos onde os homens jogam os papéis principais e mais positivos. O que é agora conhecido como "judaísmo" foi provavelmente o resultado daquele encontro intercultural, momento em que os Salmos 19 e 137 "junto aos rios da Babilónia," provavelmente foram concebidos.

Em 539 A.C. o rei persa Ciro do Império Aqueménida, tendo conquistado a Babilónia, permitiu que os judeus exilados pudessem voltar para casa e reconstruir o seu templo, mas muitos recusaram a oportunidade e em vez disso continuaram a desfrutar dos benefícios da sociedade a que eles tinham ficado agarrados. A terra agora considerada como "Judeia" caiu sob o domínio persa até 330 A.C., quando foi conquistada por Alexandre, o Grande, e permaneceu sob o controlo grego até a revolta de 167 A.C. por um grupo de rebeldes judaicos conhecidos como os Macabeus. Foi sob o controlo grego que "Segundo Templo" em Jerusalém se tornou num centro para a religião judaica em evolução, mas não havia nenhum estado independente "judeu" até o surgimento da regra da dinastia hasmoneana que durou cerca de um século antes de ser sucedido pela dinastia herodiana, que aceitou o controlo romano excessivo em 63 A.C. o que deu lugar ao domínio romano completo em 92 DC.

Devido as deportações anteriores - que aliás também afetaram

muitos outros grupos étnicos — migrações voluntárias ou simplesmente a necessidade de viagens para fins de comércio, comunidades judaicas já foram generalizadas e encontradas na Mesopotâmia, Egito, Cirenaica (Líbia); Espanha, Grécia, Roma, e no que é hoje o norte da Turquia. Após a morte de Jesus, Jerusalém tornou-se anfitriã a uma comunidade cosmopolita com judeus e gentios que vieram de longe, incluindo aqueles em peregrinação.

A primeira guerra judaico-romana (66-73 D.C.) consistia numa determinada revolta judaica contra o governo romano que terminou com a destruição do Segundo Templo e o exílio forçado ou escravidão de milhares, mas não constituía numa expulsão em grande escala. A Guerra de Kitos (115-117 D.C.) e a Revolta de Bar Kokhba (132 CE) testemunharam mais expulsões que incluíram também os cristãos que foram considerados uma seita dentro da religião judaica e, conseqüentemente, foram proibidos de viver em Jerusalém, que posteriormente se tornou uma cidade pagã onde os judeus eram uma minoria entre uma população de gregos, romanos, sírios e muitos outros. Assim por diante, a base para o que ele tinha aprendido até agora, Conrad concluiu que nunca houve um estado judeu real, muito menos uma "capital eterna" de "Israel" e qualquer afirmação em contrário foi uma flagrante distorção dos fatos históricos reais.

Foi após a série de guerras judaico-romanas e as expulsões que o cristianismo começou o "derramamento" da sua herança judaica por usurpar elementos da adoração pagã do sol ao trocar

o seu dia sagrado da observância do sábado, o shabat, para o domingo, o estado de comutação sagrado e "venerável dia do sol." As novas alterações incluíam a "adoção" da auréola de luz que coroou a cabeça do Deus do sol para o uso como o halo cristão, e o aniversário de Cristo foi mudado de 6 de janeiro para 25 de dezembro, de acordo com a celebração do renascimento do sol. Tal usurpação que valeu a pena e pelo quarto século DC o cristianismo tornou-se a religião oficial do império romano, com o resultado que os muitos judeus abandonaram a sua identidade como o "povo escolhido" e em vez disso, abraçaram a nova fé. Então enquanto eles podiam ter permanecido etnicamente judaicos, eles renderam, no entanto, a descendência dos seus antecessores, a quem Deus supostamente tinha dado direito a uma terra prometida.

Jerusalém tornou-se, assim, uma cidade totalmente cristã ponto de referência da Igreja do Santo Sepulcro, a igreja ortodoxa grega de São João Batista e a Igreja de Santa Maria, com a última a ser construída pelo imperador Justiniano. Muitos cristãos judaicos, posteriormente converteram-se ao Islão após a conquista muçulmana da Palestina concluída em 635 DC. Consequentemente muitos grandes árabes palestinos modernos têm DNA mais em comum com os antigos judeus, do que os judeus europeus que atualmente reivindicam um "direito judeu de regresso" à sua terra ancestral.

Como uma cidade muçulmana com a magnífica Mesquita de Al-Aqsa a ser construída no Monte do Templo no século

VIII, Jerusalém tornou-se a cidade em terceiro lugar mais sagrada do mundo islâmico, depois de Meca e Medina e manteve-se como um símbolo do Islão, há mais de doze séculos de governo de muçulmanos que foi brevemente interrompido pelos cruzados cristãos "Reino de Jerusalém" de 1099 a 1187 durante o qual mais uma vez se tornou principalmente cristão. Foi, no entanto, um interlúdio cristão que Saladin, o Magnífico — um misericordioso líder curdo muçulmano conhecido mesmo entre os cristãos — terminou por derrotar os cruzados na decisiva Batalha de Hattin em 1187 e, assim, abriu o caminho para a recaptura da Palestina para os muçulmanos. Ele misericordiosamente permitiu que os cruzados se retirassem com dignidade; confirmou o direito dos cristãos para visitar Jerusalém em peregrinação; restaurou os direitos da comunidade ortodoxa grega que tinham sido suprimidos pelos católicos romanos; e foi, conseqüentemente, alvo de agradecimento pelo Imperador Bizantino por proteger as igrejas ortodoxas. Os muçulmanos de seguida retomaram o governo de Jerusalém até a derrota do império otomano na primeira guerra mundial. As revelações após Segunda Guerra Mundial dos campos de extermínio nazis e atrocidades justamente geraram imensa simpatia global para os judeus que os sionistas impiedosamente exploraram — através da criação de uma "indústria do Holocausto" — para atingir os seus objetivos no que só pode ser descrito como uma traição dos judeus, quem eles estavam a reivindicar defender e representar.

Isto tornou-se evidente pelo autor israelita Moshe Leshem que, no seu livro *A Maldição de Balaão: Como Israel Perdeu o Ceu caminho e Como Pode Encontrá-lo Novamente*, afirmou que o poder israelita era proporcional com a expansão da propaganda do "Holocausto": "os israelitas e judeus americanos totalmente concordam que a memória do Holocausto é uma arma indispensável — que deve ser usada implacavelmente contra o seu inimigo comum... Assim indivíduos e organizações judaicas trabalham continuamente para lembrar o mundo disso. Na América, a perpetuação da memória do Holocausto é agora uma empresa de 100 milhões de dólares americanos por ano, parte dos quais é financiada pelo governo."

9

Quinta-feira, 17 de dezembro

Parque Tecnológico de Jerusalém, Malha, Sudoeste de
Jerusalém

Durante o serviço militar, Yaakov Katzir costumava ser um guerreiro elitista e reivindicativo para o Maglan que com Sayeret Matkal era uma das duas unidades de operações especiais do IDF. O Sayeret Matkal era uma brigada de operações especiais altamente secretas envolta num estatuto mítico para as suas operações cirúrgicas rápidas no Egito, Líbano, Jordânia e o ousado resgate em 1976 de 103 reféns judeus no avião sequestrado no aeroporto de Entebbe no Uganda. O ódio hebraico e a intenção homicida contra os árabes dentro das fileiras do Sayeret Matkal eram suficientemente afiados para permitir que aqueles que desejam seguir uma carreira política — como os primeiros-ministros Ehud Barak e Benjamin Netanyahu — a fazê-lo sem ter que ler o Torá odioso do rei, em que os rabinos Yitzhak Shapira e Yosef Elitzur — os rabinos da ocupação e árbitros da lei judaica do Od Yosef Chai Yeshiva em Yitzhar — escreveu que "a proibição de matar um gentio não provem do valor intrínseco da vida , o que não é legítimo essencialmente como tal." O livro lê-se como um manual de instruções rabínicas para delinear cenários aceitáveis para matar bebês não-judeus, crianças e adultos com a afirmação de que "é

claro que eles vão crescer e fazer-nos mal."

Os comandos Maglan tinham sido igualmente eficazes sem limites reconhecidos como comportamento enquanto ostentando um registo das operações secretas impressionantes no Líbano, incluindo a Segunda Guerra do Líbano em 2006 que muitos israelitas consideram agora como não tendo sido particularmente bem-sucedida porque 121 soldados israelitas e 44 civis foram mortos com algumas cidades e comunidades rurais, sofrendo bombardeamentos de mais de 4.000 mísseis, fazendo com que uns 200.000 israelitas fugissem das suas casas no norte enquanto procuravam abrigo noutra lugar. Inteligência estratégica excepcional, no entanto, permitiu que a força aérea israelita lançasse ataques devastadores no arsenal do Hezbollah de foguetes de longo alcance que foram destruídos.

Katzir com outros membros da Maglan tinha colocado sofisticados aparelhos de escuta — apenas uma das muitas ferramentas à disposição da vigilância de Israel — para espionar e acompanhar os movimentos de comunicações do grupo militante libanês. Tais incursões no Líbano por unidades de comando de elite do IDF não eram sempre "operações limpas" porque sempre que os civis libaneses eram encontrados acidentalmente durante as missões de alta prioridade, tinham de ser mortos para evitar causar um grande escândalo político resultando em constrangimento para Israel. Tais encontros trágicos foram anulados no jargão militar em Hebraico como mikreh muzar ou "incidente estranho." Mais recentemente, num

assunto relacionado, o chefe militar de Israel, revogou a Directiva "Hannibal" que ligou para as tropas israelitas para impedir que os seus camaradas fossem capturados, mesmo que isso significasse matá-los, como foi o caso em várias ocasiões de combate em Gaza.

A eliminação dos palestinianos "problemáticos", conseqüentemente, não era um problema para Yaakov Katzir, um homem resistente com cinco pés e oito polegadas de tamanho com cabelo escuro curto e reconhecidamente pronunciado características fuscas semitas. Desde o terminar o serviço militar e de se tornar um membro da Irmandade Hiramica do Terceiro Templo, a sua dedicação à causa tinha, para dizer o mínimo, sido fanática sem reservas.

Realizaram-se reuniões mensais da Irmandade na sala da Diretoria de uma empresa de tecnologia israelita, localizada no parque tecnológico de Malha. Um bairro no sudoeste de Jerusalém — e parte do Império otomano desde 1596 até o mandato britânico da Palestina entrar em vigor em 1923 — Malha era conhecido como al- Maliha até a hora da "catástrofe" ou Nabka palestiniano de 1948 quando umas 530 aldeias palestinianas foram destruídas pelas forças paramilitares sionistas que também foram responsáveis por muitos massacres inclusive em Deir Yassin. As notícias de tais massacres e outras atrocidades foram responsáveis por grande parte do medo e pânico que obrigaram alguns 750.000 palestinianos a fugir das suas casas, muitas dos quais foram então ou destruídos ou sem a

menor cerimônia tomadas e ocupadas por emigrantes judeus.

Apesar de os ficheiros nos arquivos israelitas relevantes para esse êxodo forçado, de acordo com a legislação israelita, há muito tempo terem deixado de ser classificados, eles tinham, no entanto — juntamente com aqueles que já tenham sido desclassificados — sido reclassificados como "ultrassecretos" e mantido selados e escondidos dos olhos dos pesquisadores. Impedir o acesso a tais materiais arquivados, polémicos e constrangedores — incluindo os relatos de massacres, estupros e outras atrocidades cometidas pelos chamados combatentes israelitas "com mais moral"— tinha sido solicitada pela publicação de livros de historiadores que tinham procurado sem sucesso descobrir a verdade dos fatos.

Surpreendentemente, no entanto, um arquivo conhecido como "O Voo em 1948," tinha de alguma forma conseguido escapar do manto do censor israelita em segredo para revelar documentos que datavam de 1960 a 1964, detalhando a evolução da versão israelita higienizada dos acontecimentos. Aparentemente foi sob a liderança do Primeiro-Ministro David Ben-Gurion, que os principais eruditos na função pública foram incumbidos de apresentar provas para apoiar a posição de Israel que, em vez de serem sido expulsos, os palestinos tinham deixado de sua própria vontade.

Evidentemente Ben-Gurion tinha, como primeiro Primeiro-Ministro de Israel, reconhecido a importância da narrativa histórica e que apenas como o sionismo tinha inventado uma narrativa que justificava a presença judaica na Palestina e,

de seguida, os palestinianos que viviam lá antes do intrusão violenta do sionismo, poderiam também ter feito um esforço para apresentar a sua própria narrativa de "Catástrofe" de como alguns 750.000 deles tinham sido aterrorizados e expulsos à força para se tornarem refugiados. Foi, portanto, a opinião do Ben-Gurion que tais narrativas israelitas eram de maior importância em esforços diplomáticos de Israel para legitimar a sua própria existência como um meio de combater o movimento nacional palestiniano. Se por exemplo a reivindicação da Palestina de ter sido expulsa das suas terras fosse aceite como sendo um fato irrefutável, a comunidade internacional consideraria um desejo palestiniano de regressar à sua terra natal como sendo justificado. Se por outro lado a comunidade internacional "comprasse" a falsa narrativa israelita que os palestinianos tinham deixado por sua própria vontade após serem convencidos pelos seus líderes a fazê-lo com uma promessa de retorno após a vitória dos árabes e, de seguida, a comunidade internacional estaria menos inclinada a ser solidária com a sua causa.

A maioria dos historiadores — sionistas ou não — concordam agora que em, pelo menos 120 aldeias, os habitantes palestinianos foram expulsos à força pelas forças paramilitares judaicas; que em metade das vilas, os habitantes fugiram por causa das batalhas e posteriormente foram impedidos de regressar; e que só em alguns casos os aldeões partiram como resultado de serem instruídos a fazê-lo pelos seus líderes. Apesar de muito material de arquivo israelita relacionado com

a Nabka palestina permaneceu confidencial, as informações de descoberta foram ainda suficientes para estabelecer que, na maioria dos casos os comandantes das forças paramilitares israelitas ordenaram os palestinos serem expulsos; ordenaram que as suas casas fossem alvo de explosões; e que não só tinha Ben-Gurion tido sido informado, mas que também na verdade ele tinha dado autorização prévia verbal ou por escrito.

Embora os documentos israelitas disponíveis não forneçam uma resposta clara relativamente se havia ou não um plano deliberado para expulsar os palestinos, o fato é que os "novos historiadores" — historiadores israelitas que questionaram a validade das versões tradicionais da história israelita, incluindo o papel de Israel na obtenção da boa-vontade dos árabes para discutir a paz e o êxodo palestino de 1948 — como Benny Morris, mantiveram que Ben-Gurion tinha um plano específico para expulsar os palestinos para a criação de um Estado judeu. O excerto seguinte é da versão censurada colocada em público das memórias de Yitzhak, publicada no New York Times a 23 de outubro de 1979:

"Nós fomos lá fora, Ben-Gurion, acompanhou-nos. Allon repetiu a sua pergunta:

— O que vai ser feito com a população palestina?

Ben-Gurion acenou com a mão num gesto que indicou 'Expulsá-los!' "

Apesar da evidência em contrário, um ataque israelita de relações públicas seguiu-se com mentiras tão descaradas,

alegando que "temos de expulsar os árabes da terra de Israel... Depois de eles permanecerem na nossa área de controlo, nem um árabe foi expulso por nós" e "em vão nós clamamos aos árabes que foram de rompante através das fronteiras: 'Fiquem aqui com a gente!'" Os contemporâneos com ligações às forças de governo ou paramilitares durante o conflito estavam plenamente conscientes que centenas de milhares de palestinianos tinham sido expulsos e impedidos de regressar aos seus lares e reconheceram que era necessário que tais factos fossem mantidos um segredo bem guardado.

Em consequência da crescente pressão no início dos anos sessenta das intenções dos Presidente Kennedy dos EUA e da Assembleia Geral da ONU para lidar com a questão dos refugiados palestinianos, Ben-Gurion convocou uma reunião de políticos de escalão superior incluindo o Ministro das Relações Exteriores Golda Meir — no registo como tendo dito "não há nenhuma tal coisa como um povo palestiniano... Não é como se nós chegámos e expulsámos e ficámos com o seu país. Eles não existem"— reiterando a sua convicção de que a questão dos refugiados palestinianos era principalmente uma percepção pública (hasbara) que iria convencer a comunidade internacional que os refugiados tinham fugido pela sua própria vontade e não tinham sido expulsos.

Ben-Gurion salientou ainda que "em primeiro lugar, temos de contar os fatos, como eles escaparam. Tanto quanto sei, a maioria deles fugiu antes do estabelecimento do estado, pela sua própria

vontade, e ao contrário do que o Haganah lhes disse quando os derrotou, que eles podiam ficar. Após o estabelecimento do estado, tanto quanto sei, apenas os árabes de Ramle e Lod deixaram os seus lugares, ou foram pressionados a deixar." O Haganah foi o exército da pré-independência dos judeus na Palestina.

Ben-Gurion tinha, portanto, firmemente estabelecido o quadro dentro do qual o tema iria ser conduzido, mesmo que alguns dos presentes estivessem plenamente conscientes da imprecisão factual das suas afirmações. Moshe Dayan — que, depois de 1949, ordenou a expulsão dos beduínos do Neguev — foi-se por exemplo um dos presentes que sabia com certeza que os árabes não tinham partido "de sua própria vontade." Ben-Gurion tinha explicado também que Israel devia dizer ao mundo: "todos estes factos não são conhecidos. Há também material que o Ministério dos Negócios Estrangeiros preparou a partir dos documentos das instituições árabes, do Mufti, Jamal al-Husseini, sobre o voo, que era da sua própria vontade, porque eles disseram que o país em breve iria ser conquistado e você regressará para ser seu senhor e mestre e não apenas regressar às suas casas."

Esta narrativa da "inocência" israelita foi apoiada por historiadores israelitas desonestos que alegaram que os números dos refugiados palestinianos não iam além dos mais de 500.000 que tinham partido voluntariamente em resposta às chamadas dos seus líderes, tranquilizando-os com um rápido regresso após a vitória; eles negaram que a Agência Judaica, antecessor

do governo israelita, deliberadamente planeou o êxodo; e eles mantiveram ainda que alguns poucos e lamentáveis massacres como o que ocorreu em Deir Yassin, foram o resultado de uma ação extremista por soldados da Irgun de Menachem Begin e Lehi de Yitzhak Shamir. Mas apesar destes reconhecerem as atrocidades por extremistas sob a liderança de Begin e Shamir, ambos estes criminosos de guerra posteriormente se tornaram primeiros-ministros de um estado penal que reivindicou consistentemente o mais elevado dos valores morais enquanto condenando a moralidade de qualquer outra nação que se atrevesse a questionar o que muitos consideram como sendo a limpeza étnica monstruosa de Israel.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.